



CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE

JANETE DE MELO NANTES

**A AMBIGUIDADE LEXICAL DA LIBRAS: UM ESTUDO DESCRITIVO A
PARTIR DO INVENTÁRIO NACIONAL DE LIBRAS**

CASCADEL - PR
2025

**A AMBIGUIDADE LEXICAL DA LIBRAS: UM ESTUDO DESCRITIVO A
PARTIR DO INVENTÁRIO NACIONAL DE LIBRAS**

Texto de tese apresentado à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras - nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração Linguagem e Sociedade, com objetivo de aprovação em exame de qualificação, sob orientação da Profa. Dra. Tânia Aparecida Martins.

JANETE DE MELO NANTES

**A AMBIGUIDADE LEXICAL DA LIBRAS: UM ESTUDO DESCRITIVO A
PARTIR DO INVENTÁRIO NACIONAL DE LIBRAS**

Esta dissertação/tese foi julgada adequada para a obtenção do Título de Doutor(a) em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Tânia Aparecida Martins
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Orientadora

Prof. Dr. Charley Pereira Soares
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Membro Efetivo (convidado)

Profa. Dra. Patricia Tuxi
Universidade Federal de Brasília (UNB)
Membro Efetivo (convidado)

Profa. Dra. Aparecida Feola Sella
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Membro Efetivo (da instituição)

Profa. Dra. Maria Elena Pires Santos..
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Membro Efetivo (da instituição)

Cascavel, 07 de agosto de 2025

Dedicatória

Dedico esta tese aos meus pais, Amâncio e Jadete, que me concederam o dom da vida. Foi essa vida, com suas sincronicidades e pequenos milagres, que me conduziu até aqui. Por amor e honra a eles - e a todos os que vieram antes - sigo meu caminho com autenticidade ao meu desenho humano, encontrando realização neste projeto e em tantos outros que virão. A todos os que me antecederam, minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Com coração grato
E alma cheia de luz,
Cada passo dado
Que a vida me conduz.
Tese é estrada
Com coragem trilhada,
Amor, saber e cruz.

À mestra dedicada,
Professora Tânia, com emoção,
A guia e companheira
Na força da orientação.
Com firmeza, ternura,
Fez trilha, via segura,
Com saber e coração.

Programa Unioeste,
Gratidão eu venho dar,
Mesmo em tempos difíceis,
Pude enfim me ingressar.
Remoto foi início,
Mas não faltou apreço
De quem sabe acreditar.

CAPES e CNPq,
Deixo aqui meu louvor,
Com bolsa recebida,
Tive fôlego e vigor.
De setembro a agosto, enfim,
Foi suporte para mim,
Na pesquisa e seu labor.

Ao prô Jorge Bidarra,
Que no início me acolheu,
Mesmo quando eu não cria,
Foi quem cedo percebeu
Que eu podia ir mais além,
Com coragem e com bem,
E assim a chama acendeu.

Ao amigo de jornada,
Ednilson, companheiro,
Que deu livro e palavra,
Com apoio verdadeiro.
Juntos fomos pioneiros,
Na UFGD, guerreiros,
Em um curso tão primeiro.

Tutores lá em Dourados,
No polo presencial,
Erguemos o Letras Libras
Com esforço sem igual.
Na luta e na academia,
Teu apoio, eu diria,
Foi sincero e essencial.

Ao Porlibras, meu apreço,
Pelas trocas tão fecundas,
Nas reuniões e nos eventos,
Tantas vivências profundas.
Foi estudo, foi partilha,
Foi semente que só brilha
Em reflexões oriundas.

Quer, professor querido,
Catalunha distante,

Abriu portas, saberes
Com carinho constante.
Em Barcelona estive,
Com apoio sensível,
Momento tão vibrante.

Família, alicerce,
Amor mais verdadeiro,
Pais, irmãos, sobrinhos, pets,
Meu abraço inteiro.
Nos afetos encontrei
A coragem que firmei
Pra vencer meu roteiro.

Comunidade Surda,
Minha eterna gratidão,
Mostrou o meu caminho
E meu mais profundo chão.
São vinte e cinco anos,
Em missão assumida
Com amor e vocação.

Desde quando eu escolhi
Libras como bandeira,
Luto pela justiça,
À língua verdadeira.
Cada surdo que encontrei
A minha alma transformei
Em jornada inteira.

Tese é retribuição
Legado recebido,
Pela história que vivi
E por tudo que senti.

Com respeito e devoção,
Deixo aqui meu coração
Pelo que foi erguido.



RESUMO

Esta tese tem como objetivo descrever e analisar a ambiguidade lexical em sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras), com base em dados extraídos do Inventário Nacional da Libras - Surdos de Referência, integrados ao *Signbank* da Libras. Parte-se do reconhecimento de que a ambiguidade lexical, fenômeno recorrente nas línguas naturais, manifesta-se de forma significativa na Libras, embora ainda pouco descrita sob uma perspectiva semântico-lexical que contemple suas especificidades visuais e espaciais. O problema central reside na ausência de critérios sistemáticos que permitam distinguir, em língua de sinais, os casos de polissemia e homonímia, especialmente quando a forma sinalizada permanece estável, mas os sentidos variam de acordo com o uso contextual. A fundamentação teórica articula os estudos clássicos da semântica lexical (Ullmann, 1971; Barbosa, 2019) aos estudos linguísticos em línguas de sinais (Johnston; Schembri, 2007; Crasborn *et al.*, 2015), com ênfase na noção de parâmetros fonossemânticos como elementos formais portadores de significado - configuração de mão, movimento e ponto de articulação - conforme proposto por Johnston e Schembri (1999). Esses parâmetros são aqui concebidos em diálogo com a noção de fonestema (Firth, 1930; Bergen, 2004; Abramova *et al.*, 2013; Smith, 2022), mas adaptados à modalidade visuo-espacial. Adota-se, portanto, uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa, com foco na análise de sinais que compartilham forma articulatória, mas ativam sentidos diferentes em contextos enunciativos diversos. O *corpus* foi composto por registros do Portal Libras, transcritos no software ELAN, com posterior cruzamento com as entradas lexicais do *Signbank* da Libras. Ambiguidades que envolvem sinais toponímicos e antropônimos, bem como variações baseadas unicamente em marcas labiais, foram excluídas por não se inserirem no escopo formal da análise lexical. A análise concentrou-se em quatro sinais representativos da ambiguidade lexical na Libras: SOLTAR, com sentidos como “deixar”, “abandonar” e “desistir”; DIREITO, articulado para expressar “direito legal”, “diretor escolar” e “deficiência”; ESFORÇAR, que abrange “empenhar-se fisicamente”, “esforço emocional”, “reforço escolar” e “defesa de tese”; e DURO, cuja forma é utilizada para significar desde rigidez gestual (falta de fluência linguística), até exigência acadêmica (“linguística dura”) e dificuldade em processos seletivos (“vestibular duro”). A identificação dos sentidos ativados, associada à análise dos parâmetros fonossemânticos e dos coocorrentes semânticos, permitiu classificar os usos como casos de polissemia ou homonímia, conforme a presença ou ausência de continuidade semântica entre os significados. A utilização de glosas adaptadas, fundamentada na crítica à “tirania das glosas” (Leite *et al.*, 2021) e permitiu uma categorização mais precisa e respeitosa à autonomia da Libras como sistema linguístico. Os resultados contribuem para a descrição do léxico da Libras e oferecem subsídios teóricos para o avanço dos estudos linguísticos, bem como práticos para a formação de professores, tradutores e intérpretes, além de orientar a elaboração de glossários e materiais pedagógicos mais sensíveis às nuances semânticas da língua. Por fim, a pesquisa também destaca a necessidade de expansão dos estudos da Libras para campos ainda pouco explorados, como a pragmática da ambiguidade, a onomástica sinalizada e os fatores culturais que influenciam a variação lexical.

Palavras-chave: ambiguidade lexical; polissemia; homonímia; Libras; fonossemântica.

ABSTRACT

This dissertation aims at describing and analyzing lexical ambiguity in signs of the Brazilian Sign Language (Libras), based on data from the *Inventário Nacional da Libras – Surdos de Referência*, integrated with the Libras Signbank. Lexical ambiguity is known as a recurrent phenomenon in natural languages, and it also manifests itself significantly in Libras, although it has been little described from a lexical-semantic perspective that has considered its visual-spatial expertises. The main problem lies in the absence of systematic criteria to distinguish, in sign languages, cases of polysemy and homonymy, mostly when the sign form remains steady while meanings vary according to contextual use. The theoretical framework joins classical studies of lexical semantics (Ullmann, 1971; Barbosa, 2019) with research in sign linguistics (Johnston, Schembri, 2007; Crasborn *et al.*, 2015), to emphasize the notion of phono-semantic parameters such as handshape, movement, and location—as formal units that carry meaning (Johnston e Schembri, 1999). These parameters are conceived here in dialogue with phonesthemes notion (Firth, 1930; Bergen, 2004; Abramova *et al.*, 2013; Smith, 2022), but they are adapted to the visual-spatial modality. This study adopts a qualitative, descriptive, and interpretative approach, focusing on the analysis of signs that share articulatory form but activate different meanings in diverse discursive contexts. The *corpus* was composed of data from the *Portal Libras*, transcribed in ELAN and cross-referenced with lexical entries of Libras *Signbank*. Ambiguities that implicate toponyms, anthroponyms, or variations based solely on mouthing were excluded since they do not take part of the formal scope of lexical analysis. The analysis focused on four representative ambiguous signs: SOLTAR (“release”, “abandon”, “give up”); DIREITO (“legal right”, “school director”, “disability”); ESFORÇAR (“physical effort”, “emotional effort”, “school reinforcement”, “dissertation defense”); and DURO (“rigid sign production”, “hard science”, “difficult exam”). The activated meanings identification, associated to the analysis of phono-semantic parameters and semantic co-occurrences, allowed the classification of uses as polysemy or homonymy, depending on the presence or absence of semantic continuity among meanings. The use of updated glosses, based on the critique of “tyranny of glosses” (Leite *et al.*, 2021), allowed for more precise categorization and respect for the autonomy of Libras as a linguistic system. The results have contributed to the description of Libras lexicon and provide theoretical support for the advancement of linguistic research, as well as practical applications for the training of teachers, translators, and interpreters. They also guide the development of glossaries and pedagogical materials more sensitive to the semantic nuances of the language. Finally, this research highlights the importance of expanding studies on Libras to still underexplored areas, such as the pragmatics of ambiguity, signed onomastics, and the cultural factors that have influenced lexical variation.

Keywords: lexical ambiguity; polysemy; homonymy; Libras; phono-semantic parameters.



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Triângulo do Significado.....	37
Figura 2 – Campo lexical dos chapéus.....	39
Figura 3 – Campo lexical dos chapéus na Libras.....	40
Figura 4 – Natureza componencial do sinal produtivo.....	50
Figura 5 – Hierarquia de lexicalização nas línguas de sinais.....	52
Figura 6 – Tipologia de configurações de mão com base em Johnston; Schembri (1999).....	53
Figura 7 – Sinal referente à BUTTER (manteiga) em Auslan.....	55
Figura 8 – Sinal referente à TAKE-TABLET (tomar comprimido) em Auslan.....	56
Figura 9 – Sinal referente à SHOP (comprar) em Auslan.....	57
Figura 10 – Sinais homônimos em Auslan.....	62
Figura 11 – Sinais polissêmicos em Auslan.....	65
Figura 12 – Pares de sinais homônimos em BSL.....	63
Figura 13 – Uso de EXCITADO para significar ‘interessante’ em BSL.....	64
Figura 14 – Uso de EXCITADO para significar ‘animado’ em BSL.....	65
Figura 15 – Sinal ambíguo na Língua de Sinais Alemã (DGS).....	65
Figura 16 – Sinal em Libras equivalente a ‘biscoito’.....	69
Figura 17 – Sinal em Libras equivalente à ‘mãe’.....	69
Figura 18 – Sinal glosado como DIREITO em Libras e o padrão boca.....	83
Figura 19 – Sinal glosado como ALEMANHA na Libras.....	84
Figura 20 – Sinal glosado como SENTIR na Libras.....	85
Figura 21 – Sinal glosado como SOLTAR na Libras (DEIXAR no <i>Signbank</i>).....	89
Figura 22 – Sinal glosado como BASTA na Libras (ACABAR no <i>Signbank</i>).....	90
Figura 23 – Gradiente de polissemia do sinal SOLTAR na Libras.....	100
Figura 24 – Sinal glosado como DIREITO em Libras.....	102
Figura 25 – Gradiente de homonímia do sinal DIREITO na Libras.....	114
Figura 26 – Sinal glosado como ESFORÇAR na Libras.....	116
Figura 27 Gradiente de ambiguidade lexical do sinal ESFORÇAR na Libras.....	126
Figura 28 – Sinal glosado como DURO na Libras.....	129
Figura 29 – Gradiente de ambiguidade lexical do sinal DURO na Libras.....	144

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição das ocorrências dos sinais ambíguos no Corpus da Libras.....	80
Quadro 2 – Ficha descritiva do sinal SOLTAR.....	91
Quadro 3 Gradiente de sentido para SOLTAR como “deixar de fazer algo habitual”.....	94
Quadro 4 Gradiente de sentido para SOLTAR como “desistir de algo que começou”.....	96
Quadro 5 – Gradiente de sentido para SOLTAR como “pedir demissão”.....	98
Quadro 6 - Síntese da análise do sinal SOLTAR.....	101
Quadro 7 - Ficha descritiva do sinal DIREITO na Libras.....	104
Quadro 8 - Gradiente de sentido do sinal DIREITO (no campo da legalidade/autonomia).....	107
Quadro 9 – Gradiente de sentido do sinal DIREITO com significado de diretor (cargo institucional).....	109
Quadro 10 – Gradiente de sentido do sinal DIREITO (uso com significado de “deficiente”).....	112
Quadro 11 – Quadro síntese da análise do sinal DIREITO.....	114
Quadro 12 – Ficha terminológica descritiva do sinal ESFORÇAR.....	117
Quadro 13 – Gradiente de sentido para ESFORÇAR como “força”.....	119
Quadro 14 - Gradiente de sentido para ESFORÇAR como “esforçar”.....	121
Quadro 15 – Gradiente de sentido para ESFORÇAR como “reforço escolar”.....	123
Quadro 16 – Gradiente de sentido para ESFORÇAR como “defender tese”.....	125
Quadro 17 – Ficha descritiva do sinal DURO.....	127
Quadro 18 – Gradiente de sentido para DURO como “sem fluência linguística”	131
Quadro 19 – Gradiente de sentido para DURO como “área teórica da linguística”.....	133
Quadro 20 – Gradiente de sentido para DURO como “exigente”.....	136
Quadro 21 – Síntese da análise do sinal DURO.....	140

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APILMS	Associação dos Profissionais Tradutores/Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais de Mato Grosso do Sul
ASL	Língua de Sinais Americana
ASSUMS	Associação de Surdos do Mato Grosso do Sul
Auslan	Língua de Sinais Australiana
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BSL	Língua de Sinais Britânica
CAPES	Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEADA	Centro de Atendimento ao Deficiente da Audiocomunicação
DGS	Língua de Sinais Alemã
EAD	Educação a Distância
ELAN	Eudico Linguistic Annotator (Eudico Anotador Linguístico)
FEBRAPILS	Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LSC	Língua de Sinais Catalã
NDLTD	Banco de Dados Global ETD Search
PB	Português Brasileiro
Porlibras	Grupo de Estudos e Pesquisas para a Investigação da Libras em Interface com a Língua Portuguesa Brasileira
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Unioeste	Universidade Estadual do Oeste do Paraná

SUMÁRIO

RESUMO	10
LISTA DE FIGURAS	12
LISTA DE QUADROS	13
SUMÁRIO.....	15
APRESENTAÇÃO.....	17
INTRODUÇÃO	20
1. AMBIGUIDADE NA PERSPECTIVA DA SEMÂNTICA LEXICAL.....	27
1.1 DEFINIÇÕES E TIPOS DE AMBIGUIDADE	29
1.2 POLISSEMIA E HOMONÍMIA: DISTINÇÕES CONCEITUAIS.....	30
1.3 A AMBIGUIDADE LEXICAL EM LÍNGUAS DE SINAIS: FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	43
2 A SEMÂNTICA LEXICAL NO ÂMBITO DAS LÍNGUAS DE SINAIS.....	45
2.1 UNIDADE LEXICAL E LEXEMA.....	45
2.2 UNIDADE LEXICAL E LEXEMA NAS LÍNGUAS DE SINAIS	46
2.2.1 Gesticulação, gestos e mímicas	47
2.2.2 Sinais como signos linguísticos	48
2.3 SIGNIFICADOS, SENTIDOS E CONTEXTOS.....	57
2.4 RELAÇÕES SEMÂNTICAS ESTABELECIDAS POR SINAIS AMBÍGUOS	60
2.4.1 A ambiguidade lexical no âmbito da Libras	66
3 A UNIDADE SUBLEXICAL FONESTEMA E SUA ADAPTAÇÃO COMO PARÂMETRO FONOSSEMÂNTICO EM LÍNGUAS DE SINAIS.....	70
3.1 DEFINIÇÃO E ESTATUTO DOS FONESTEMAS	70
3.2 DO FONESTEMA AO PARÂMETRO FONOSSEMÂNTICO	71
3.3 PARÂMETROS FONOSSEMÂNTICOS COMO CRITÉRIO DE ANÁLISE DA AMBIGUIDADE LEXICAL EM LIBRAS	72
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	75
4.1 ABORDAGEM TEÓRICA E PROCEDIMENTOS	75
4.2 CORPUS DE ANÁLISE	76
4.3 FERRAMENTA COMPLEMENTAR: SIGNBANK DA LIBRAS	76
4.4 ANÁLISE FONOSSEMÂNTICA.....	76
4.5 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E ADAPTAÇÃO DAS GLOSAS	77
5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS	85
5.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE GLOSAS DIVERGENTES E IMPLICAÇÕES ANALÍTICAS	87
5.2 ANÁLISE LEXICAL DO SINAL GLOSADO COMO SOLTAR EM LIBRAS ..	87

	16
5.2.1 Análise fonossemântica do sinal ambíguo SOLTAR.....	89
5.2.2 Significado potencial do sinal glosado como SOLTAR (nível produtivo).90	
5.2.3 Ocorrência 1 - Uso: “deixar” (no sentido/contexto de deixar de oralizar) 91	
5.2.4 Ocorrência 2 - uso: “desistir” (no sentido/contexto de desistir de algo)....94	
5.2.5 Ocorrência 3 – uso: “pedir demissão” (no sentido/contexto de sair do emprego).....95	
5.2.6 Análise contextual e gradiente de sentido do sinal SOLTAR _(pedir demissão) ..97	
5.3 ANÁLISE LEXICAL DO SINAL GLOSADO COMO DIREITO EM LIBRAS 100	
5.3.1 Análise fonossemântica do sinal ambíguo DIREITO	101
5.3.2 Significado potencial do sinal glosado como DIREITO (nível produtivo)102	
5.3.3 Ocorrência 1 – uso: "direito" (Direito legal garantido - jurídico).....	103
5.3.4 Ocorrência 2 – uso: "diretor" (cargo institucional)	107
5.3.5 Ocorrência 3 – uso: "deficiente" (condição funcional)	109
5.3.6 Análise contextual e gradiente de sentido do sinal DIREITO	111
5.4 ANÁLISE LEXICAL DO SINAL GLOSADO COMO ESFORÇAR EM LIBRAS	113
5.4.1 Análise dos parâmetros fonossemânticos componentes do sinal ambíguo	114
5.4.2 Significado potencial (nível produtivo).....	114
5.4.3 Ocorrência 1 – uso: "força" (resistência e superação).....	116
5.4.4 Ocorrência 2 – uso: "me esforçar" (esforço cognitivo e emocional)...118	
5.4.5 Ocorrência 3 – uso: "reforço" (reforço escolar).....	120
5.4.6 Ocorrência 4 – uso: "defesa" (defesa de tese).....	122
5.4.7 Análise contextual e gradiente de sentido do sinal ESFORÇAR	124
5.5 - ANÁLISE LEXICAL DO SINAL GLOSADO COMO DURO EM LIBRAS ..	126
5.5.1 Análise dos parâmetros fonossemânticos componentes do sinal ambíguo DURO	127
5.5.2 Significado potencial (nível produtivo).....	128
5.5.3 Ocorrência 1 - uso: “duro” (no sentido/contexto de falta de fluência linguística)	129
5.5.4 Ocorrência 2 - uso: “duro” (referência à área da linguística teórica)	132
5.5.5 Ocorrência 3 - uso: “duro” (no sentido/contexto de exigente)	134
5.5.6 Ocorrência 4 - uso: “duro” (no sentido/contexto de rígido/intransigente)137	
5.5.6 Análise contextual e gradiente de sentido do sinal DURO	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
CONCLUSÃO.....	146
REFERÊNCIAS	148

APRESENTAÇÃO

Esta seção e apresentação integra a tese com o propósito de tornar explícito meu vínculo com a comunidade surda e meu percurso profissional na área da Libras. Conforme orienta Quadros *et al.* (2020, p. 4), pesquisadores ouvintes devem apresentar sua trajetória acadêmica e profissional com a língua de sinais, demonstrando envolvimento com a comunidade surda e base ética para a condução da pesquisa.

Desde 2000, minha atuação está ligada ao ensino, à interpretação e à pesquisa em Libras, consolidando-se como área central da minha formação e prática docente. Ainda que a Libras não seja minha primeira língua, constitui há mais de duas décadas meu objeto de trabalho e estudo. Este relato busca também oferecer à comunidade surda elementos que legitimam minha atuação como pesquisadora, orientada por princípios de respeito, escuta e responsabilidade ética na descrição e análise da língua.

Minha trajetória com a Libras (Língua Brasileira de Sinais) teve início em 2000, quando cursava o terceiro ano de Pedagogia no Campus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em Corumbá. Desde então sempre tive a convicção de que a minha vida profissional seria pautada pela área da Libras. Em 2003, iniciei como professora de surdos nas séries iniciais do Ensino Fundamental no Centro de Atendimento ao Deficiente da Audiocomunicação (CEADA) e intérprete de Libras no Ensino Médio, na cidade de Campo Grande. Em 2009, iniciei minha carreira no magistério do Ensino Superior na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como professora de Libras pela Faculdade de Educação e em 2014 como professora do Curso de Letras Libras pela Faculdade de Educação a Distância, onde atuo até o presente momento na cidade de Dourados - MS.

Paralelo ao meu percurso profissional, como professora e intérprete de Libras, atuei como intérprete em contextos religiosos, assim como militante das causas sociais em associações de surdos (ASSUMS) e em associações de intérpretes nos níveis estadual (APILMS) e federal (FEBRAPILS). Os diferentes âmbitos de atuação me proporcionaram, inicialmente, o contato e a interação com a Comunidade Surda do meu estado e, posteriormente, com a Comunidade Surda Brasileira. Todas essas experiências foram motivadoras no intuito de aprofundar ainda mais meus estudos e investigações a respeito, tanto da área da educação de surdos, pela primeira formação em Pedagogia e Mestrado em Educação, quanto da área dos estudos linguísticos da Libras, pela segunda graduação em

Letras Libras e o presente doutoramento em Letras com ênfase na Linguística.

Uma das principais motivações, entre outras, para a realização deste estudo é o fato de que, na prática do ensino e da interpretação da Libras, muitas questões relacionadas às línguas de sinais permanecerem em aberto, aguardando investigações mais aprofundadas. Com o intuito de contribuir para os estudos e pesquisas da Libras, que ainda carecem de um estudo descritivo mais profundo, especialmente no campo da Semântica Lexical, decidi embarcar nesta nova jornada de formação, com o propósito de me juntar aos pesquisadores que se dedicam à investigação linguística da Libras.

Como professora do curso de Letras Libras da Faculdade de EaD da UFGD, deparo-me a todo momento com sinais que provocam indagações quanto ao seu significado. Como o significado de um sinal¹ é formado? Por que, em determinados contextos, alguns sentidos se conectam ao sinal e outros não? Quantos significados podem ser suportados por uma única forma do sinal? Como as relações semânticas entre os significados dos sinais se manifestam? Quando surgem essas e outras questões na sala de aula, sobre a natureza linguística do sinal, anseio poder respondê-las. Contudo, o que encontro são mais perguntas.

Nesse contexto, iniciei minhas pesquisas na Semântica Lexical sobre os sinais da Libras que apresentam ambiguidade lexical, com o intuito de compreender como se relacionam os diferentes significados e sentidos que um sinal pode apresentar e pude identificar que os sinais ambíguos, salvo poucas exceções, não eram estudados com profundidade. Essa constatação ocorreu pelo inventário levantado por mim e pela professora doutora Tânia Aparecida Martins (UNIOESTE), denominado *Estado da Arte da Semântica Lexical da Libras: perspectivas atuais* (Martins; Nantes, 2021). Parceria que nasceu no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas voltado para a investigação da Língua Brasileira de Sinais em Interface com Língua Portuguesa Brasileira (Porlibras) da Unioeste.

Esta tese, portanto, emerge nesse contexto, com a finalidade de não apenas contribuir para os esforços de pesquisa desenvolvidos pelo Porlibras, mas também de direcionar a atenção para o estudo dos significados dos sinais e sua organização dentro de um sistema linguístico de *modalidade*² gestual-visual. A análise da ambiguidade lexical,

¹ Durante esta pesquisa, o termo *sinal* será empregado como equivalente ao termo *palavra* na linguagem oral.

² Em Rodrigues (2018, p. 66), o termo *modalidade* refere-se aos canais de produção e percepção linguística divididos em dois tipos: vocal-auditivo, para línguas faladas, e visual-gestual, para línguas de sinais. Também, segundo o autor, *modalidade* apresenta ambiguidade de sentidos e pode significar o modo como a interpretação interlinguística é realizada, ou seja, de forma simultânea ou consecutiva. Ainda, o mesmo termo pode aplicar à forma de materialidade da língua (como a escrita em um documento ou a gravação de áudio)

decorrente da possibilidade de um sinal ter mais de um significado, conduz a diferentes interpretações no contexto em que é utilizado e tem sido tanto desafiadora quanto gratificante a cada resultado obtido.

Neste percurso, é importante reconhecer o papel fundamental do Prof. Dr. Jorge Bidarra, que atuou como meu orientador desde o início do doutorado até o momento da qualificação. Por motivos de força maior, o professor precisou se desligar do programa, mas até então contribuiu de maneira significativa para a construção desta pesquisa. Suas orientações, sempre sensíveis e rigorosas, foram determinantes para a consolidação das bases teóricas e metodológicas do estudo, além de representarem um marco no meu amadurecimento acadêmico. Expresso aqui minha sincera gratidão por sua escuta atenta, seu incentivo constante e pela confiança que depositou em mim, que me tornaram mais segura e competente para dar continuidade e concluir esta jornada.

Com o encerramento deste trabalho, os resultados obtidos oferecem contribuições relevantes para o campo da Semântica Lexical em Libras, tanto no aspecto descritivo quanto metodológico. Ainda que a pesquisa não se pretenda conclusiva, ela inaugura caminhos analíticos para a investigação da ambiguidade lexical em línguas de sinais e evidencia a necessidade de aprofundar questões semânticas ainda pouco exploradas. Ao final desta etapa, reafirmo o compromisso de seguir contribuindo com o avanço dos estudos linguísticos da Libras, impulsionada pela convicção de que o léxico visual-gestual ainda guarda muitas respostas - e muitas novas perguntas.

e ao uso efêmero e interpessoal das línguas (natureza transitória e interativa da linguagem falada, que ocorre no momento da comunicação entre os interlocutores).

INTRODUÇÃO

A presente tese propõe uma investigação descritiva da ambiguidade lexical na Libras (Língua Brasileira de Sinais), com foco em sinais que compartilham a mesma forma articulatória, mas que expressam diferentes significados conforme o contexto discursivo em que ocorrem. A pesquisa está ancorada na semântica lexical e orientada pela análise dos parâmetros fonossemânticos³ e das relações semântico-contextuais envolvidas na construção de sentido. Parte-se do reconhecimento de que, nas línguas de sinais, a ambiguidade lexical apresenta características específicas, marcadas pela iconicidade, multimodalidade e pela ativação de campos semânticos diversos.

Apesar de ser um fenômeno comum nas línguas naturais, a ambiguidade lexical em Libras ainda carece de modelos analíticos sistemáticos que permitam distinguir com clareza os casos de polissemia motivada e homonímia formal. Essa lacuna torna-se evidente nos glossários, materiais didáticos e bases de dados como o Signbank, nos quais os significados dos sinais são frequentemente representados por glosas em português. Todavia, não são levados em conta as variações semânticas, os contextos de uso e as motivações formais da língua de sinais. O problema de pesquisa, portanto, consiste em desenvolver critérios linguísticos, contextuais e empíricos para a análise da ambiguidade lexical em Libras.

A motivação para a pesquisa nasceu da minha prática como professora e intérprete de Libras e da observação recorrente de imprecisões na descrição dos sentidos atribuídos a determinados sinais. Essa percepção foi reforçada por resultados do levantamento bibliográfico apresentado por Martins e Nantes (2021), que indicam a carência de estudos dedicados à análise semântica do léxico da Libras sob uma perspectiva linguística. A proposta desta tese é, portanto, oferecer uma contribuição descritiva e metodológica para o estudo da ambiguidade lexical em Libras, a partir de dados empíricos e de um modelo de análise replicável.

Para atingir o objetivo geral de investigar descritivamente a ambiguidade lexical na Libras com base em sinais que compartilham a mesma forma articulatória, mas variam de sentido conforme o contexto de uso, foram definidos os seguintes objetivos específicos: (i) selecionar um conjunto seletivo de sinais ambíguos a partir do Inventário Nacional da Libras; (ii) descrever formal e fonossemânticamente os sinais selecionados; (iii) analisar os

³ Definição de parâmetros fonossemânticos

sentidos ativados em diferentes contextos discursivos; (iv) aplicar um protocolo triplo de análise para distinguir entre polissemia e homonímia; (v) examinar os parâmetros fonossemânticos e os coocorrentes como marcadores de sentido; e (vi) propor um modelo inicial e descritivo de análise da ambiguidade lexical na Libras.

A abordagem teórica dialoga com autores como Taub (2001), Wilcox (2004), Meir (2010) e Goldin-Meadow (2003), que discutem a construção de sentido em línguas visuais-espaciais, que reconhecem o papel da iconicidade, da metáfora e da cognição na produção semântica. Embora a linguística cognitiva não constitua o eixo teórico principal da tese, suas contribuições são incorporadas transversalmente à análise, sobretudo, no que diz respeito à motivação formal dos sentidos e à variação metafórica observada em determinados sinais.

A investigação foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa, com base em um *corpus* composto por registros autênticos do Inventário Nacional da Libras - Surdos de Referência, complementado pelo Signbank da Libras. Os sinais selecionados para análise - SOLTAR, DIREITO, ESFORÇAR e DURO - foram escolhidos por apresentarem usos múltiplos em domínios discursivos distintos. Para a análise, foi desenvolvido um protocolo metodológico que articula três eixos: (i) identificação de um possível núcleo semântico comum entre os sentidos; (ii) análise dos campos semânticos dos coocorrentes; e (iii) avaliação da arbitrariedade formal ou de possíveis empréstimos linguísticos. Paralelamente, descrevem-se os parâmetros fonossemânticos de cada ocorrência - configuração de mão, movimento, orientação e localização - como elementos relevantes para a ativação de significados.

O Capítulo 1 introduz uma abordagem exploratória da ambiguidade lexical na Libras, articula referenciais clássicos da Semântica como Lexical Ullmann (1964), Lyons (1977), Cruse (1986, 2000) e Rehfeldt (1980), com aportes seletivos da Linguística Cognitiva e dos estudos de iconicidade. Sem tomar a Linguística Cognitiva como base teórica central, o texto mobiliza princípios úteis - sentido baseado no uso/experiência, categorias prototípicas e extensões radiais, e saliência do contexto - para refinar a análise da polissemia em sinais. A iconicidade é tratada como eixo que conecta forma e significado, ilumina quando motiva relações polissêmicas e quando, por opacidade/arbitrariedade (inclusive em empréstimos), favorece diagnósticos de homonímia. Nessa direção, propõe-se a noção de parâmetros fonossemânticos (inspirada em fonestemas), ao distingui-los dos parâmetros fonológicos clássicos: enquanto estes descrevem a forma articulatória, aqueles operam como pistas heurísticas de sentido

recorrentes em configurações de mão, movimentos e localizações.

Metodologicamente, o capítulo operacionaliza a distinção entre polissemia e homonímia por um protocolo triplo: (i) verificação de núcleo semântico comum (extensão motivada vs. coincidência formal); (ii) análise de campos/correlações semânticas em contextos de coocorrência; e (iii) inspeção de arbitrariedade e empréstimos. Complementarmente, adapta-se o modelo de campos lexicais à modalidade visual-espacial, exemplifica-se como semas distribuídos em parâmetros fonossemânticos (p.ex., no domínio “chapéu”) que ajudam a mapear continuidades polissêmicas ou rupturas homonímicas. Ao final, o capítulo estabelece a moldura teórico-metodológica que orienta toda a tese: categorias descritivas sensíveis à modalidade gestual-visual, aos critérios verificáveis para classificação da ambiguidade e aos instrumentos analíticos (parâmetros fonossemânticos e campos lexicais) aplicáveis ao *corpus* da Libras.

O Capítulo 2 aprofunda a discussão sobre a semântica lexical nas línguas de sinais, focaliza a definição de lexema e unidade lexical e suas implicações para a análise da Libras. Com base em Cruse (1986, 2006), diferencia-se a abstração do lexema (forma básica associada a um significado) da unidade lexical (manifestação concreta, que pode incluir palavras isoladas ou expressões idiomáticas). Essa distinção orienta o recorte metodológico da tese, que toma o lexema como unidade de análise para os sinais ambíguos.

No âmbito das línguas sinalizadas, o capítulo mobiliza os estudos de Johnston e Schembri (1999, 2007) para distinguir gestos não linguísticos (gesticulação, gestos convencionais e mímicas) de sinais linguísticos, subdivididos em sinais produtivos (formas abertas, com significado dependente de contexto e potencial de lexicalização) e sinais estabelecidos (lexemas propriamente ditos, convencionalizados e reconhecidos no uso). A descrição inclui a hierarquia de lexicalização e a centralidade da configuração de mão como parâmetro semântico relevante, além da discussão sobre sinais classificadores e a possível cristalização no léxico.

O capítulo também explora a relação entre significados potenciais e realizados (Polguère, 2001) e enfatiza o papel do contexto discursivo na atualização de sentidos. Destacam-se ainda conceitos fundamentais como significado básico e dominante (Cruse, 1986, 2006) e a distinção entre sentido e referência (Lyons, 1977), ressaltando a importância das relações contextuais para a resolução da ambiguidade.

Na sequência, são apresentados estudos comparativos em diferentes línguas de sinais (ASL, Auslan, BSL, DGS e Libras), que mostram a polissemia como fenômeno recorrente e a homonímia como menos frequente, mas presente. Casos de variação

sociolinguística, iconicidade e uso de padrões bucais como estratégias de desambiguação também são discutidos, embora a tese não adote o padrão boca como critério de análise. No caso da Libras, destacam-se as pesquisas pioneiras de Martins (2013) e Soares (2013), que identificaram tanto polissemias quanto homônimas, além de formas evocativas associadas a fatores culturais.

Por fim, o capítulo introduz a noção de parâmetros fonossemânticos como proposta metodológica desta pesquisa. Inspirada nos fonestemas das línguas orais (Firth, Magnus, Smith) e dialogando com Quadros & Karnopp (2004) e Johnston & Schembri (1999), essa noção reconhece que os parâmetros formais do sinal (configuração de mão, movimento, localização) podem portar regularidades semânticas úteis para distinguir polissemia (quando há continuidade motivada entre sentidos) e homonímia (quando não há relação formal ou semântica perceptível). Assim, o capítulo estabelece os fundamentos teóricos e descritivos para a análise da ambiguidade lexical na Libras, bem como fornece critério operacional inovador que será aplicado nos capítulos seguintes.

No Capítulo 3, discute-se a noção de fonestema (*phonestheme*), originalmente definida por Firth (1930) como associações recorrentes entre forma e significado que não se comportam como morfemas, mas que organizam subconjuntos lexicais de maneira estável. A literatura recente (Bergen, 2004; Abramova *et al.*, 2013; Smith, 2022) confirma a relevância dessas unidades sublexicais. Há também a demonstração de que elas possuem realidade psicológica, coesão semântica em corpora e permanência histórica no léxico. Exemplos clássicos do inglês incluem os agrupamentos *gl-* (visão/luz), *sn-* (nariz/boca) e *fl-* (movimentos rápidos), que evidenciam como certos padrões fônicos estruturam significados recorrentes.

Ao se transpor essa discussão para a Libras, o capítulo propõe a categoria de parâmetro fonossemântico, conceito específico para as línguas de sinais, em que padrões de locação, configuração de mão e movimento funcionam de modo análogo aos fonestemas orais. Assim, sinais relacionados a processos mentais compartilham a locação na testa (como *APRENDER* e *SABER*), enquanto sinais emocionais são articulados no peito (*AMAR*, *MEDO*). Do mesmo modo, a palma aberta representa superfícies planas em sinais de natureza textual (*PAPEL*, *LIVRO*, *DOCUMENTO*), e o movimento espelhado de rotação dos antebraços indica agrupamentos sociais (*FAMÍLIA*, *REUNIÃO*, *ASSEMBLEIA*). Dessa forma, o capítulo evidencia que a Libras também dispõe de mecanismos sublexicais que organizam o léxico por meio de padrões formais-semânticos recorrentes.

O Capítulo 4 descreve os procedimentos metodológicos adotados na seleção,

transcrição, organização e análise dos dados. O estudo adota uma abordagem qualitativa, descritiva-interpretativa e exploratória, visando propor um modelo inicial de análise da ambiguidade lexical na Libras. A distinção polissemia $\times$ homonímia é operacionalizada por um protocolo triplo: (i) verificação de núcleo semântico comum; (ii) análise de campos semânticos de coocorrentes; (iii) inspeção de empréstimos/arbitrariedade formal. A análise fonossemântica considera configuração de mão, movimento, localização e orientação como portadores de significado potencial; coocorrentes linguísticos/extralinguísticos funcionam como marcadores adicionais de sentido. Reconhece-se a subjetividade inerente às inferências, tratadas como hipóteses a serem validadas futuramente (anotação cruzada, ampliação do *corpus*). Glosas são usadas como rótulos provisórios; quando necessário, são adaptadas para refletir o significado básico inferido.

O *corpus* provém do Inventário Nacional de Libras – Surdos de Referência no Portal Libras, para garantir diversidade regional e facilidades de busca/filtragem. Como ferramenta complementar, utiliza-se o Signbank da Libras (integrado ao Global Signbank e ao ELAN). São permitidas consultas por parâmetros fonológicos e por palavra em Português, além do cruzamento entre ocorrências e contextos.

O procedimento analítico organiza cada sinal em fichas descritivas (forma, coocorrentes, contexto, interpretação de sentido, parâmetros formais), com apoio de tabelas/gradientes/gráficos para evidenciar produtividade semântica e relações entre significados. Critérios para glosas: diante de inconsistências entre a forma realizada e a entrada do Signbank, adotam-se glosas alternativas baseadas no significado básico fonossemântico (p.ex., ABANDONAR/DEIXAR $\rightarrow$ SOLTAR). O Quadro 1 sintetiza a distribuição das ocorrências selecionadas (396 registros; 179 exatos; 10 ocorrências analisadas em oito vídeos), incluindo DIREITO (classificado como homonímia: direito/diretor/deficiência, com provável influência da datilologia), ESFORÇAR (misto: polissemia em “dedicação/esforço” vs. homonímia em “reforço escolar/defesa de tese”) e DURO (sentidos atestados: falta de fluência; “linguística dura”; exigente; rígido).

Decisões de escopo: padrões de boca não são critério formal (considerados apenas como recurso pragmático de desambiguação); sinais-nome (antroponímicos) e topônimos potencialmente homônimos com lexemas são excluídos por pertencerem à onomástica. O capítulo, assim, consolida o desenho metodológico (*corpus*, ferramentas, protocolo e critérios fonossemânticos) que sustenta a análise qualitativa subsequente dos casos de polissemia e homonímia na Libras.

O capítulo 5 apresenta a análise das ocorrências de ambiguidade lexical na Libras

a partir do Corpus do Inventário Nacional, com foco nos sinais SOLTAR, DIREITO, ESFORÇAR e DURO. Cada ocorrência foi examinada em contexto, considerando-se coocorrentes linguísticos e extralinguísticos, parâmetros fonossemânticos (configuração de mão, movimento, localização e orientação) e tradução acessível em Português. A proposta buscou evidenciar a passagem do significado potencial ao significado realizado e destacar como o contexto orienta a interpretação e como nuances metafóricas ou convencionais emergem no uso real da língua.

Os resultados revelaram padrões distintos: em SOLTAR, observou-se um núcleo semântico comum associado a “liberar” ou “deixar”, caracterizando polissemia; em DIREITO, os sentidos de “direito legal”, “diretor escolar” e “deficiência” não apresentaram continuidade semântica e são classificados como homônimos, com influência da datilologia; já em ESFORÇAR, verificou-se um caso híbrido, em que sentidos ligados à dedicação e à resistência formam polissemia, enquanto usos como “reforço escolar” ou “defesa de tese” configuram homonímia; por fim, DURO apresentou sentidos metafóricos e avaliativos - como “sem fluência linguística”, “linguística dura” e “exigente” -, sem registro literal, evidenciando deslocamento semântico.

O capítulo conclui que a ambiguidade lexical na Libras é um fenômeno multifacetado, em que a polissemia tende a ser mais frequente que a homonímia, embora ambas coexistam com zonas de fronteira de difícil delimitação. A aplicação dos parâmetros fonossemânticos mostrou-se uma estratégia metodológica inovadora e produtiva para distinguir casos de continuidade motivada de ruptura formal e semântica, além de oferecer subsídios para análises futuras em semântica lexical de línguas de sinais.

Por fim, o Capítulo 6 reúne as considerações finais da pesquisa. São discutidas as contribuições teóricas, metodológicas e aplicadas do estudo, com destaque para a proposição de um modelo descritivo da ambiguidade lexical em Libras. Também são indicados caminhos para investigações futuras, como o aprofundamento dos marcadores não manuais na construção do significado, o diálogo com a linguística cognitiva e o desenvolvimento de recursos lexicográficos mais sensíveis à natureza multimodal da Libras. A tese reafirma a importância da descrição semântica do léxico como instrumento de valorização da Libras enquanto língua natural, expressiva e cognitivamente complexa.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa com foco na profundidade analítica, a análise centrou-se nos quatro sinais ambíguos, SOLTAR, DIREITO, ESFORÇAR e DURO. A escolha baseou-se não apenas na diversidade semântica desses sinais, mas também no volume do corpus, que totalizou 396 vídeos, todos assistidos individualmente

para coleta de ocorrências contextualizadas. Foram selecionadas de três a quatro ocorrências por sinal, o que demandou tempo e atenção consideráveis para garantir a qualidade da análise fonossemântica e semântico-discursiva. A limitação do número de sinais, portanto, deve-se a critérios metodológicos e operacionais e não representa restrição teórica. A ampliação do estudo para um conjunto maior de sinais permanece como possibilidade aberta para pesquisas futuras, que poderão adotar e expandir o modelo descritivo aqui proposto.

1. AMBIGUIDADE NA PERSPECTIVA DA SEMÂNTICA LEXICAL

Esta tese parte de uma abordagem exploratória da ambiguidade lexical na Libras, com o propósito de construir categorias operacionais de análise semântica adaptadas à modalidade gestual-visual. Para tanto, este capítulo foi organizado para integrar, além dos autores clássicos da semântica lexical, como Ullmann (1971), Lyons (1977) e Cruse (2006), também contribuições contemporâneas da linguística cognitiva e dos estudos sobre a iconicidade em línguas de sinais.

Embora a linguística cognitiva não seja adotada aqui como base teórica central, por não ter sido realizado um aprofundamento sistemático de seus conceitos e modelos, alguns princípios gerais dessa corrente foram considerados importantes para a delimitação do problema e o tratamento da polissemia em sinais da Libras. Entre eles, destacam-se: (i) a concepção de sentido como algo construído a partir da experiência e do uso (Langacker, 1987; Evans; Green, 2006); (ii) a noção de protótipo e de extensão radial como formas de organização do léxico (Taylor, 2003); e (iii) a importância do contexto para a ativação de sentidos múltiplos. Tais aspectos ofereceram respaldo teórico complementar às análises fonossemânticas aqui propostas e contribuem para uma abordagem mais sensível às nuances semânticas motivadas pelo uso real da língua.

Além disso, os estudos sobre iconicidade em línguas de sinais são incorporados neste capítulo como eixo articulador entre forma e significado. Considera-se que os sinais da Libras frequentemente apresentam traços icônicos, isto é, relações não arbitrárias entre a forma do sinal e seu referente. Assim, entende-se que a descrição da ambiguidade lexical deve levar em conta as motivações formais que operam na construção de sentido. Autores como Wilcox (2004), Meir (2010) e Taub (2001) são mobilizados para discutir em que medida a iconicidade pode facilitar a identificação de relações de polissemia e, na sua ausência, obscurecer as relações de homonímia na Libras.

Além disso, apresenta-se a proposta dos parâmetros fonossemânticos, inspirada no conceito de *fonestema*⁴ das línguas orais, conforme discutido por Marchand (1959) e Magnus (2001), como uma tentativa de sistematizar unidades formais sublexicais portadoras de valor semântico na Libras. Tais parâmetros, como determinadas

⁴ O termo *fonestema* refere-se a uma unidade sublexical recorrente nas línguas orais, geralmente composta por um som ou grupo de sons, que se associa a determinado campo semântico, embora não constitua um morfema pleno. Exemplos clássicos são os grupos iniciais *gl-* em inglês (*glitter*, *glow*, *gleam*) relacionados a luz e visão, ou *sn-* (*sniff*, *sneeze*, *snore*) associados ao nariz. A noção foi discutida por Marchand (1959) e retomada por Magnus (2001) como forma de evidenciar padrões sonoros dotados de valor semântico.

configurações de mão, movimentos e localizações, são aqui considerados não apenas como componentes formais da fonologia da língua de sinais, mas também como elementos que carregam regularidades de sentido que podem ser ativadas em diferentes sinais, mesmo fora de um contexto enunciativo completo. O conceito de parâmetros fonossemânticos é, assim, contrastado com os parâmetros fonológicos clássicos da Libras, conforme descritos por Quadros e Karnopp (2004), os quais têm foco na descrição fonológica estrutural e segmental da língua. Enquanto os parâmetros fonológicos buscam caracterizar a forma do sinal em termos articulatórios, os parâmetros fonossemânticos operam de modo heurístico, no sentido de oferecer pistas interpretativas sobre o significado provável de um sinal, a partir de padrões formais recorrentes. Ou seja, a diferença entre ambos não é apenas funcional - fonológico vs. Semântico - , mas também metodológica: os parâmetros fonossemânticos servem como ferramentas analíticas para inferência de sentido, úteis especialmente na descrição da ambiguidade lexical e na identificação de núcleos semânticos compartilhados entre sinais formalmente semelhantes.

A distinção entre polissemia e homonímia, discutida neste capítulo, será operacionalizada metodologicamente a partir de um protocolo triplo de análise, composto pelos seguintes critérios: (i) a presença ou ausência de núcleo semântico comum entre os significados atribuídos a uma mesma forma sinalizada, com base em Cruse (2006), que define a polissemia como uma relação motivada por extensão de sentido e a homonímia como mera coincidência formal entre unidades semânticas distintas; (ii) a análise dos campos semânticos dos sinais coocorrentes, fundamentada em estudos de semântica estrutural e distribucional (Lyons, 1977; Geeraerts, 1993). Considera-se também que os contextos lexicais podem fornecer pistas sobre a convergência ou divergência temática entre os sentidos; e (iii) a presença de empréstimos linguísticos e/ou arbitrariedade formal, conforme discutido por Johnston; Schembri (2007), que argumentam que a opacidade formal — especialmente em sinais emprestados ou não motivados iconicamente — pode reforçar a hipótese de homonímia. Este protocolo, portanto, combina critérios semânticos, contextuais e formais para a classificação da ambiguidade, em busca de maior rigor na delimitação entre formas lexicais polissêmicas e homônimas na Libras.

Assim, a fundamentação teórica estabelece os referenciais necessários para uma análise que busca respeitar a especificidade estrutural da Libras, sem perder o rigor analítico necessário para distinções semânticas robustas.

1.1 DEFINIÇÕES E TIPOS DE AMBIGUIDADE

A Semântica Lexical é o ramo da Linguística que, segundo Cruse (2006, p. 95), dedica-se ao estudo sistemático das propriedades relacionadas ao significado das palavras. Ela aborda vários tópicos centrais, como definir significados de palavras de forma eficaz, explorar relações paradigmáticas como sinonímia, antonímia e hiponímia, examinar relações sintagmáticas, como restrições de seleção, analisar estruturas léxicas como hierarquias taxonômicas, investigar mudanças nos significados das palavras ao longo do tempo e explorar processos de extensão de significado como metáfora e metonímia. A semântica lexical, de acordo com Cruse (2006), é frequentemente contrastada com a semântica gramatical e pode não cobrir certos aspectos do significado estudados na pragmática.

Apesar da semântica lexical abordar fenômenos linguísticos como a hiperonímia e hiponímia, a sinonímia e a antonímia, a dêixis e anáforas, e as ambiguidades lexicais, nesta pesquisa os estudos foram voltados à ambiguidade lexical em Libras, visto que tem sido pouco abordada na perspectiva linguística ou ainda não foi abordada em detalhes.

O significado de um item lexical pode variar significativamente, conforme o contexto. O léxico das línguas é particularmente rico em significados múltiplos e uma das causas disso pode ser sua constituição histórica variada, que carrega uma carga semântica que se aplica da mesma forma a outros itens lexicais de núcleo comum. Embora esses fatores sejam essenciais nas línguas, são, ao mesmo tempo, complexos. Essenciais porque, nas línguas, existem menos palavras do que as entidades que são nomeadas no mundo e complexas porque os falantes de determinada língua precisam intuir sobre qual significado refere-se à determinada palavra. A capacidade que a língua tem em usar uma mesma palavra para nomear diferentes entidades do mundo e, eventualmente, cobrir muitos outros significados diferentes, chama-se, convencionalmente entre os linguistas, ambiguidade lexical.

A ambiguidade lexical é um fenômeno intrigante e um dos que mais tem chamado atenção nas línguas naturais devido à quantidade significativa de palavras que admitem um elemento lexical ambíguo. A condição de flexibilidade da palavra pode ser vista como uma solução para não sobrecarregar a memória de seus falantes, conforme ressalta Basílio (1991):

[...] formamos palavras pela mesma razão que formamos frases, o

mecanismo da língua sempre procura atingir o máximo de flexibilidade em termos de expressão simultaneamente a um mínimo de elementos estocados na memória. É essa flexibilidade que nos permite contar com um número gigantesco de elementos básicos de comunicação sem termos que sobrecarregar a memória com esses mesmos elementos (Basílio, 1991, p. 10).

O fato é que não existe uma língua em que todos os termos sejam monossêmicos, com um sentido para cada palavra e vice-versa. De acordo com Genouvrier e Peytard (1974, p. 320), isso seria algo verdadeiramente instigante, uma vez que diminuiria o problema de comunicação entre as pessoas, mas “incharia infinitamente o léxico, e o locutor não poderia guardar na memória as palavras indispensáveis à construção das mensagens mais variadas. A língua obedece, através da polissemia, à lei da economia” (Genouvrier e Peytard, 1974, p. 320). Sob esse ponto de vista, para os teóricos, a capacidade que a língua tem de aproveitar várias vezes um mesmo item lexical, fazendo variar seu significado e racionar seus recursos na comunicação, gera, inevitavelmente, a ambiguidade.

Em síntese, este capítulo apresentou as principais perspectivas teóricas sobre a ambiguidade lexical, com destaque para sua relevância como um campo de estudo que tem despertado crescente interesse entre pesquisadores das línguas, sejam elas orais ou sinalizadas. Foram exploradas, de modo particular, as distinções entre homonímia e polissemia, com ênfase nos desafios conceituais e descritivos envolvidos na análise de formas linguísticas ambíguas. Esse panorama teórico oferece o embasamento necessário para a construção do protocolo de análise adotado nesta tese, bem como para a proposta de categorias descritivas mais sensíveis às especificidades da Libras enquanto língua visual-espacial.

1.2 POLISSEMIA E HOMONÍMIA: DISTINÇÕES CONCEITUAIS

A Ambiguidade Lexical destaca-se como um dos fatores mais relevantes entre as diversas formas de ambiguidade encontradas em uma língua (Zavaglia, 2003, p. 241). Caracterizada pela pluralidade de significados e/ou sentidos⁵ que certas palavras de um idioma podem suportar dentro de um contexto, a ocorrência de Ambiguidade Lexical

⁵ Traz a distinção entre sentido e significado, conforme Bidarra (2015, p. 246), o significado seria a informação semântica mais básica e inalterada que uma palavra possui, independentemente dos diferentes contextos em que ela se manifesta, enquanto o sentido é dado à palavra de acordo com o contexto manifestado.

tornou-se um dos maiores problemas enfrentados pela comunidade científica (Bidarra, 2015, p. 229). Tradicionalmente, a ‘polivalência das palavras’, termo utilizado por Ullmann (1964, [1962]), pode ser observada em duas formas distintas: a polissemia e a homonímia. Ullmann dedica uma parte significativa de sua obra à análise dessas duas ocorrências que, embora o faça com o foco nas línguas faladas, guardadas as devidas diferenças, também se aplicam às línguas de sinais.

Conforme Ullmann (1964 [1962], p. 159, tradução nossa⁶), “a polissemia é um traço fundamental da fala humana e pode surgir de diversas maneiras”. O autor menciona cinco origens que explicam o fenômeno da polissemia em uma língua: (i) mudanças de aplicação: um item lexical adquire múltiplos sentidos devido ao seu deslocamento de uso ao longo do tempo. Por exemplo, o adjetivo *handsome* (solteiro) e *rush* (correr) podem variar de significados de acordo com o substantivo que qualificam, sejam referentes a objetos concretos significando ‘considerável’ e ‘amplo’ ou referente a pessoas com significados como ‘belo’ e ‘generoso’; (ii) especialização em um meio social: as palavras adquirem significados específicos dependendo do contexto em que são utilizadas, como em diferentes profissões ou situações sociais, como por as palavras *estilo* e *papel*, que podem referir-se não apenas ao seu sentido literal, mas também a uma série de outras coisas; (iii) linguagem figurada: uma palavra pode adquirir sentidos figurados sem perder seu significado original, coexistindo lado a lado sem confusão como a metáfora e a metonímia; (iv) homônimos reinterpretados: “Quando duas palavras são idênticas em som e a diferença de significado não é muito grande, estamos aptos a considerá-las como uma palavra com dois sentidos”, mesmo que suas origens sejam diferentes (Ullmann, 1964 [1962], p. 164, tradução nossa⁷). Esses casos considerados também como etimologia popular são raros e imprecisos. (v) influência estrangeira: quando há um contato significativo entre duas línguas em que uma língua influencia a outra e muda o significado de uma palavra já existente. Nesse caso, os dois significados coexistem e originam a polissemia. Segundo Ullmann (1964 [1962] p. 167), “o empréstimo semântico, embora bastante comum em certas situações, não é um processo normal na linguagem cotidiana”.

Se por um lado, algumas palavras admitem sentidos diversos tendo por núcleo comum um significado-base, são, pois, casos de polissemia, por outro, há palavras que também admitem significados, porém, desta feita, sem que haja entre eles qualquer tipo de

⁶ “The same word may have two or more different meanings”.

⁷ “When two words are identical in sound and the difference in meaning is not very great, we are apt to regard them as one word with two senses”.

ligação semântica. São as chamadas homonímias. Ullmann chama a atenção para este fenômeno em que duas palavras diferentes têm a mesma forma fonética ou ortográfica, mas significados distintos. Ele analisa como a homonímia pode ocorrer por três motivos diferentes, incluindo convergência fonética na língua ao longo do tempo ou empreendimento independente de palavras com a mesma forma, divergência semântica, quando dois ou mais sentidos de uma palavra se distanciam tanto que perde o aspecto polissêmico dando lugar à homonímia. Por exemplo, as palavras *sole* (sola de sapato) e *sole* (linguado). (1964 [1962], p. 178).

Embora o fenômeno da Ambiguidade Lexical seja um tema que há muito já venha sendo estudado, não se pode dizer que a questão já está resolvida. Muito pelo contrário, se tomarmos, por exemplo, alguns autores de referência, observamos que nem sempre uns concordam com os outros. Para ilustrar a situação, na sequência, trazemos para debate Lyons (1996 [1977]), Cruse (1986, 2006), Cruse e Croft (2004), Pietroforte e Lopes (2004), Bidarra (2004) e Silva (2006).

Lyons (1996 [1977]), ao abordar a distinção entre homonímia e polissemia como formas de ambiguidade lexical, explora as diferenças entre esses fenômenos e discute como os contextos de uso e a estrutura das palavras podem ajudar a distinguir entre a homonímia, em que os sentidos são completamente distintos, e a polissemia, em que os sentidos estão relacionados.

A diferença entre homonímia e polissemia é mais fácil de explicar em termos gerais do que definir em termos de critérios objetivos e operacionalmente satisfatórios. Começamos perguntando quais são os critérios que linguistas e lexicógrafos realmente aplicam para chegar à decisão de que '*port*₁' ("porto") e '*port*₂' ("espécie de vinho fortificado"), por exemplo, são distintos, mas homônimos, lexemas, mas 'boca' é um simples lexema polissêmico - isto é, um lexema com vários sentidos diferentes ("órgão do corpo", "entrada da caverna", etc.). (Lyons, 1996 [1977], p. 550, tradução nossa)

Um dos principais critérios tradicionalmente invocado por linguistas e lexicógrafos ao traçarem a distinção entre homonímia e a polissemia é ausência de relação em oposição à presença de relação de significado. De fato, pode-se argumentar que é o único aspecto sincronicamente relevante. Na medida em que a distinção entre homonímia e polissemia é teoricamente determinável, ela parece estar relacionada à sensação do falante nativo de que certos significados estão conectados, enquanto outros não estão (Lyons, 1996 [1977], p. 551).

Lyons, ao investigar a polissemia, explora como os contextos e outros elementos linguísticos podem ajudar a determinar o sentido de uma palavra em determinado contexto. Ele argumenta que o significado das palavras é influenciado pela interação com outras palavras e estruturas linguísticas presentes em uma sentença.

Para o autor, determinar se duas palavras são homônimas requer que se saiba se elas são de origem comum ou se se trata apenas de uma ou de duas palavras. Ele menciona dois exemplos de palavras homônimas em inglês: *ear*₁ (órgão da audição) e *ear*₂ (parte de plantas de cereais como trigo e cevada). De acordo com o critério etimológico, essas palavras seriam tratadas como lexemas⁸ homônimos porque derivam de palavras distintas no inglês antigo, mas suas formas se fundiram no inglês médio. No entanto, Lyons ressalta que nem todas as palavras homônimas têm uma relação etimológica clara e algumas formas homônimas podem ser puramente coincidentes, sem uma origem comum. Portanto, a análise da homonímia não pode depender exclusivamente do critério etimológico, mas deve levar em consideração outros fatores linguísticos e contextuais. (Lyons, 1996 [1977], p 550).

De acordo com Lyons, o contexto linguístico e extralinguístico desempenham um papel crucial na determinação do sentido adequado de uma palavra ambígua em dado contexto, seja por homonímia ou por polissemia. O contexto pode fornecer pistas que ajudam a identificar qual é o sentido mais provável da palavra em questão.

Cruse (1986) aborda de forma abrangente e detalhada o campo da semântica lexical, explora o significado das palavras e suas relações na linguagem e destaca a importância da análise semântica e da análise sintática para a resolução da ambiguidade lexical. Em relação à homonímia e à polissemia, o autor descreve:

Dado que uma palavra é ambígua, pode ser que haja algum tipo de conexão inteligível entre as leituras, ou pode ser aparentemente arbitrária. Por exemplo, poucas pessoas podem intuir qualquer relação entre *banco* (dinheiro) e *banco* (rio), embora uma conexão entre *banco* (dinheiro) e, digamos, *banco de sangue* não seja difícil de interpretar (ambos são usados para guardar algo valioso), ou entre *banco de rio* e *banco de nuvem*. No caso de *banco* (rio) e *banco* (dinheiro), dizemos que *banco* apresenta **homonímia**, ou é **homônimo**, e as duas leituras são **homônimas**. É normal dizer em tais circunstâncias que existem duas palavras diferentes que possuem as mesmas propriedades formais (fonológicas e gráficas). Um lexicógrafo normalmente daria duas entradas principais, *bank*₁ e *bank*₂. Onde há uma conexão entre os sentidos, [...] dizemos que a palavra é **polissêmica**, ou manifesta

⁸ Definir lexema como equivalente à palavra e ao sinal.

polissemia (Cruse, 1986, p. 109, tradução nossa⁹).

É possível observar que há um reconhecimento de que a relação entre polissemia e homonímia não é uma dicotomia rígida, mas sim uma escala contínua. A afirmação de que não há uma linha divisória nítida entre parentesco e não-relacionamento entre as leituras polissêmicas e homônimas ressalta a complexidade da análise semântica. Essa complexidade é ainda maior devido às diferenças individuais nos julgamentos de parentesco. O que pode ser considerado um caso claro de polissemia por um falante pode ser interpretado como homonímia por outro. Apesar dessa relativa ambiguidade e variação individual, Cruse destaca que a distinção entre polissemia e homonímia ainda é útil e significativa. Existem casos claros em que a distinção pode ser facilmente identificada e útil na análise semântica. Portanto, embora a fronteira entre polissemia e homonímia possa ser difusa em alguns casos, a distinção entre os dois ainda é valiosa para compreender e descrever a diversidade do significado das palavras. (Cruse, 2000, p. 109). Cruse (2000) discute os traços semânticos como uma abordagem para a análise e representação do significado linguístico. Ele explora a noção de que as palavras podem ser descritas em termos de traços semânticos distintivos que compõem seu significado.

Croft e Cruse (2004), sob a ótica da Linguística Cognitiva, argumentam que a ambiguidade lexical é um fenômeno que emerge a partir da interação entre a estrutura lexical e a estrutura conceptual da língua. Eles defendem que a ambiguidade lexical é uma característica natural da língua, que reflete a natureza polissêmica das palavras e sua capacidade de representar múltiplos conceitos e relações entre conceitos. Em relação à ambiguidade lexical motivada pela homonímia e polissemia, os autores discutem a distinção entre homonímia e polissemia e destacam como essa distinção é frequentemente tratada nos dicionários. Os dicionários costumam separar os sentidos homônimos em entradas separadas, como se fossem palavras diferentes que compartilham a mesma grafia ou som. Por outro lado, os sentidos polissêmicos são agrupados sob um único cabeçalho principal, considerando-os como diferentes significados da mesma palavra (Croft, Cruse,

⁹ Given that a word is ambiguous, it may be the case that there is an intelligible connection of some sort between the readings, or it may be seemingly arbitrary. For instance, few people can intuit any relationship between *bank* (money) and *bank* (river), although a connection between *bank* (money) and, say, *blood bank* is not difficult to construe (both are used for the safe keeping of something valuable), or between *river bank* and *cloud bank*. In the case of *bank* (river) and *bank* (money), we say that bank displays **homonymy**, or is **homonymous**, and the two readings are **homonyms**. It is normal to say in such circumstances that there are two different words which happen to have the same formal properties (phonological and graphic). A lexicographer would normally give two main entries, *bank*₁ and *bank*₂. Where there is a connection between the senses, as in position in (8a) and (8b), we say that the word is **polysemous**, or manifests **polysemy**.

2004, p. 111). Para os autores, as unidades homônimas têm fontes lexicais distintas, enquanto as unidades polissêmicas são derivadas da mesma fonte lexical e resultam de processos de extensão semântica, como metáfora e metonímia.

No entanto, de acordo com Croft e Cruse (2004), a distinção sincrônica é menos clara e está sujeita a uma questão de grau, relacionada à existência de uma relação semântica percebida entre as diferentes interpretações de uma palavra. Essa distinção sincrônica se baseia na plausibilidade de uma interpretação ser uma extensão semântica da outra, o que, por sua vez, apresenta desafios em definir critérios precisos de plausibilidade e estabelecer uma linha clara entre os diversos graus de conexão semântica.

A distinção diacrônica entre homonímia e polissemia é um sim/não importa, e é uma questão de fato histórico, solucionável em princípio, embora nem sempre na prática. A distinção sincrônica tem base menos firme e é uma questão de grau. A questão é se existe ou não uma relação semântica sentida entre duas interpretações de uma palavra (Croft, Cruse, 2004, p. 111, tradução nossa¹⁰).

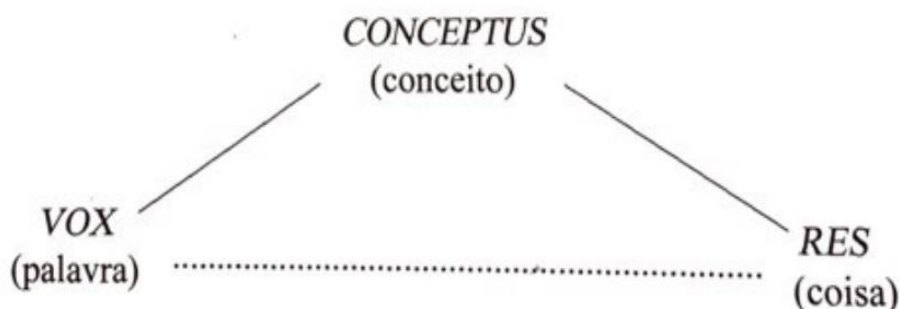
Na presente pesquisa de tese, a abordagem da Linguística Cognitiva não será explorada para investigar a Ambiguidade Lexical da Libras. Isso porque a abordagem da Linguística Cognitiva trata os aspectos semânticos e pragmáticos de forma indistinguível e enfoca principalmente a polissemia como fonte principal de ambiguidade lexical, em vez da homonímia, que é considerada apenas para fins lexicográficos. Todavia, essa decisão não descarta a possibilidade de futuros estudos aprofundarem os conceitos da Linguística Cognitiva e suas contribuições para a pesquisa e descrição linguística da Libras. Essa abordagem pode oferecer interessantes possibilidades de análise, considerando a interação entre a estrutura lexical e a estrutura conceptual da língua. Embora não seja o foco da pesquisa atual, a Linguística Cognitiva pode ser explorada em estudos futuros para uma compreensão mais abrangente da Ambiguidade Lexical na Libras e para enriquecer a pesquisa e descrição dessa língua.

Pietroforte e Lopes (2004, p. 111) afirmam que “o signo é uma relação entre significante e significado, e não entre uma palavra e uma coisa”. Assim, constituem-se as duas faces do signo linguístico, ao se evocar a clássica concepção saussuriana. Logo abaixo, apresenta-se uma ilustração do triângulo (palavra-conceito-coisa) na Figura (1).

¹⁰ The diachronic distinction between homonymy and polysemy is a yes/no matter, and is a question of historical fact, resolvable in principle, if not always in practice. The synchronic distinction is less firmly based, and is a matter of degree. The question is whether there is a felt semantic relationship between two interpretations of a word or not.

Pietroforte e Lopes (p. 114) demonstram três distintos componentes do significado: a palavra (símbolo), o conceito (pensamento) e o referente (a coisa no mundo).

Figura 1 – Triângulo do Significado



Fonte: Pietroforte, Lopes (2004, p 114).

A partir do triângulo e dos seus três vértices, os autores apresentam duas vertentes distintas da semântica: a semântica referencial e a semântica componencial. Na primeira, “as palavras remetem aos conceitos e que estes, por sua vez, representam as coisas” (ibidem, 2004, p. 114). Na outra vertente, por sua vez, “prefere examinar o que se passa entre (...) os significantes e significados” (ibidem, 2004, p. 115).

Na condução deste trabalho, optamos por seguir a segunda vertente de tradição retórico-hermenêutica, por três motivos: primeiro, admitir que os conceitos são garantidos pelas coisas do mundo (referentes), estaríamos assumindo que o mundo é o mesmo para todos, ou seja, as coisas do mundo não poderiam ser fragmentadas em uma análise linguística, mas consideradas na totalidade de sua essência. Segundo, considerando que as coisas podem ser divididas em ‘porções de significados’, ou seja, semas, preferimos conceber a produção de sentidos como fenômeno humano. Nesse sentido, o significado saussuriano só “vale no interior de uma determinada língua (...) e só se definem na sua relação com os seus significantes e os demais significados de sua classe” (Pietroforte, Lopes, 2004, p. 116). Por último, em se tratando de línguas naturais vocalizadas ou sinalizadas, e ao se admitir que não existem traduções exatas entre duas línguas (sejam entre duas línguas vocalizadas, sejam entre duas línguas sinalizadas ou ainda entre uma língua vocalizada e uma língua sinalizada) e que cada língua concebe o mundo por diferentes perspectivas, tanto o polo do ‘conceito’, quanto o polo da ‘palavra’ ou ‘sinal’ são variáveis segundo as condições sócio-históricas das expressões em pauta.

Uma ilustração que justifica essa colocação é o fato de o conceito de arco-íris variar de uma língua para outra. Por exemplo, no Português concebemos o arco-íris com sete

cores. No inglês, são seis (o azul e o lilás seriam uma única cor) e, por fim, na língua bassa, falada na Ibéria, o arco-íris é definido em duas faixas: cores frias e cores quentes. Ou seja, a maneira de se ver o mundo varia de uma cultura para outra, a qual se expressa pela linguagem, sem que ninguém esteja com a razão absoluta, justamente porque o mundo não é idêntico para todos. Essa relatividade do significado se manifesta não apenas nas línguas orais, mas também nas línguas de sinais, como demonstra a variação do sinal ÁRVORE em diferentes línguas sinalizadas.

Na Libras¹¹, por exemplo, o sinal incorpora simultaneamente a ideia de tronco e copa. Utiliza-se o antebraço como base vertical e a mão aberta oscila como representação da frondosidade ao vento. Trata-se de uma imagem icônica e dinâmica, que integra forma e movimento de maneira expressiva. Já na Língua de Sinais Britânica (BSL)¹², o sinal remete principalmente à copa da árvore, com os dedos que se abrem em forma de galhos acima da mão de base, e enfatiza-se a parte superior como o núcleo representacional do conceito. Por sua vez, na Língua de Sinais Chinesa (CSL)¹³, o sinal foca na forma vertical e rígida do tronco, com menor expressividade gestual, sugerindo uma representação mais sintética e estática. Esses exemplos evidenciam que, ao se tratar do mesmo referente físico, as línguas de sinais ativam diferentes aspectos visuais e conceituais de acordo com as condições sócio-históricas e culturais das comunidades que as utilizam. Portanto, tanto o polo do ‘conceito’ quanto o polo da ‘palavra’ ou ‘sinal’ são variáveis e culturalmente mediados e reforçam a ideia de que toda verdade linguística é provisória, interpretativa e sujeita a transformações. Esse entendimento se alinha à perspectiva de que o significado “só vale no interior de uma língua (...) e só se define na sua relação com os seus significantes e os demais significados de sua classe” (Pietroforte; Lopes, 2004, p. 116).

As variações descritas foram observadas em vídeos disponíveis na plataforma Spread the Sign (<https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/>), que reúne sinais de diferentes línguas de sinais do mundo e possibilita análises comparativas interlinguísticas.

Seguindo essa linha de raciocínio, nesta pesquisa, pretende-se considerar como a Libras interpreta e categoriza o mundo, atribuindo-lhe sentido, procurando desvendar a composição das unidades de seus campos lexicais, investigando os traços distintivos próprios do conteúdo (significado). Para ilustrar, na Figura (2), observe a tabela do campo lexical de chapéu. Os lexemas estão dispostos em linhas e os semas que os compõem estão

¹¹ <https://media.spreadthesign.com/video/mp4/14/486932.mp4>

¹² <https://media.spreadthesign.com/video/mp4/1/484306.mp4>

¹³ <https://media.spreadthesign.com/video/mp4/35/381266.mp4>

em colunas. Esse método de análise, embora disposto em linhas e colunas, não é determinado pela simples análise binária “com/sem abas”, por exemplo, mas considera as questões de gradação ao longo de um eixo contínuo.

Com base na proposta de Pietroforte e Lopes (2004) para análise de campos lexicais em línguas orais, propõe-se a seguir uma adaptação para a Libras, considerando suas especificidades enquanto língua visual-espacial. A Figura 3 apresenta um recorte do campo lexical referente a “chapéu” e suas variações. Descrevem-se os traços distintivos (semas) a partir dos parâmetros fonossemânticos dos sinais, tais como a presença ou ausência de copa, aba frontal ou lateral, rigidez, flexibilidade, modo de encaixe e função pragmática.

Figura 2 – Campo lexical dos chapéus

	para cobrir a cabeça	com copa	com copa alta	com abas	com abas largas	com pala sobre os olhos	de matéria flexível	ajustável à cabeça	masculino
boné	+	+	-	-	-	+	+	+	+/-
gorro	+	+	-	-	-	-	+	+	+/-
sombreiro	+	+	-	+	+	-	+	-	+
panamá	+	+	-	+	-	-	+	-	+
cartola	+	+	+	+	-	-	+	-	+
coco	+	+	-	+	-	-	-	-	+
boina	+	+	-	-	-	-	+	-	+/-
quepe	+	+	-	-	-	+	-	-	+
chapelina	+	+	-	+	+/-	-	+	-	-

Fonte: Pietroforte e Lopes (2004, p 119).

Figura 3 – Campo lexical dos chapéus na Libras

Sinal da Libras	Representa copa	Representa aba frontal	Representa aba lateral	Movimento (oscilação/encaixe)	Forma rígida	Forma flexível	Encaixe/ajuste à cabeça	Iconicidade funcional (uso)
CHAPÉU (genérico)	+	+	+	+ (mov. leve da mão)	+/-	+	+	cobertura geral
BONÉ	+	+ (aba frontal clara)	-	+ (encaixe com aba)	-	+	+	informal, sol
BOINA	+	-	-	+ (ajuste circular)	-	+	+	inverno, estética
CAPACETE	+	-	-	+ (encaixe firme com 2 mãos)	+	-	+	proteção
CARTOLA	+ (alta)	-	-	+ (mov. vertical)	+	-	-	formal
CHAPÉU DE PRAIA	+	+	+ (largo)	+ (movimento amplo da mão)	-	+	-	proteção solar
QUEPE	+ (achatada)	+ (aba frontal)	-	+ (encaixe firme e curto)	+	-	+	militar/formal

Fonte: Elaboração da autora (2025)

A análise do campo lexical proposto permite observar que os sinais relacionados ao conceito de “chapéu” na Libras compartilham, em maior ou menor grau, determinados traços semânticos, como presença de copa, tipo de aba, função de uso ou forma de ajuste à cabeça. Esses traços constituem os semas que definem o pertencimento a um mesmo campo semântico. Quando sinais diferentes compartilham parte desses traços, ainda que apresentem variações de forma ou contexto de uso, podem ser compreendidos como unidades relacionadas por polissemia, que configuram um campo de sentido contínuo e gradativo. Por outro lado, a ausência de traços semânticos comuns relevantes entre sinais de forma idêntica pode indicar que se trata de casos de homonímia formal, nos quais os sentidos pertencem a domínios semânticos autônomos. Assim, o modelo de campo lexical, ao evidenciar a organização interna dos significados por semas, torna-se uma ferramenta útil para a distinção entre polissemia e homonímia em sinais ambíguos da Libras.

Isto posto, Pietroforte e Lopes (2004) discutem a relação entre as palavras como a forma possível de defini-las, considerando as diversas relações que estabelecem entre si em determinadas expressões. Em relação à Ambiguidade Lexical, para os autores, as relações semânticas que estabelecem a homonímia tratam do “resultado da coincidência entre significantes de palavras com significados distintos” (Pietroforte; Lopes, 2004, p.129) como em manga fruta e manga da camisa. Sendo, portanto, a homonímia fenômeno da ordem do significante. Em relação à polissemia, ela é considerada um fenômeno da ordem

do significado, ou seja, “as palavras polissêmicas (...) possuem mais de um significado para o mesmo significante” (p. 131). Por exemplo, vela é um único significante que corresponde a diversos significados ‘objeto para iluminação formado de um pavio constituído de fios entrelaçados, recoberto de cera ou estearina’; ‘peça que causa a ignição dos motores’; ‘pano que, com o vento, impele as embarcações’, etc. (2004, p. 131).

No caso da vela de cera, temos a energia térmica produzida pela queima da cera, que gera calor e luz (energia luminosa). Nesse sentido, a energia está associada ao fogo e à transformação química que ocorre durante a queima. Na vela de ignição de um motor, a energia elétrica está presente. A faísca elétrica gerada pela vela de ignição é responsável por iniciar a combustão do combustível no motor, libera energia química armazenada no combustível e a converte em energia mecânica para impulsionar o veículo. Nesse caso, a energia está relacionada ao processo de combustão e ao movimento mecânico resultante. No sentido da vela como pano de embarcação, a energia envolvida é a energia eólica, derivada do vento. A vela captura a energia cinética do vento e a converte em força que impulsiona o barco. Nesse caso, a energia está associada à força mecânica gerada pelo vento.

Isto posto, em todos os três sentidos da palavra ‘vela’, podemos identificar diferentes nuances de energia envolvidas: energia térmica (fogo), energia elétrica (faísca) e energia eólica (vento). Embora os tipos de energia sejam diferentes em cada contexto, a presença desse elemento comum reforça a conexão semântica entre os diferentes significados da palavra ‘vela’.

De acordo com Pietroforte e Lopes (2004), evidencia-se que a distinção entre homonímia e polissemia é a ausência ou a presença de relação semântica entre os significados das palavras ambíguas. Ou seja, na homonímia, a palavra não apresenta qualquer relação semântica entre os significados de significantes ambíguos, em contrapartida, na polissemia, essa relação se estabelece em um eixo contínuo de gradação entre os vários sentidos de um mesmo significante, os quais se aproximam ou se distanciam uns dos outros de acordo com a noção em comum que os conecta.

Bidarra (2004, p. 154) desenvolveu um estudo de léxico computacional específico para o processamento da linguagem natural, focado no estudo de adjetivos polissêmicos. Para ele, os adjetivos polissêmicos são palavras que possuem múltiplos significados ou sentidos, o que pode gerar ambiguidades durante o processamento da linguagem natural.

Durante uma de suas pesquisas, Bidarra (2004, p. 183) envolveu a construção de um protótipo de léxico, que consistia em um banco de dados contendo informações

lexicais, semânticas e sintáticas dos adjetivos polissêmicos estudados. O intento desse protótipo era auxiliar o processamento de textos e o desenvolvimento de sistemas de linguagem natural e fornecer informações precisas sobre os diferentes sentidos dos adjetivos em contextos específicos.

Para construir esse léxico, Bidarra (2004, p. 209) utilizou uma abordagem baseada em redes semânticas e ontologias para relacionar os diferentes sentidos dos adjetivos com outros conceitos e estruturas linguísticas. Tal abordagem permitiu capturar as nuances e relações semânticas entre os sentidos polissêmicos dos adjetivos estudados.

Embora, o foco de análise do autor seja a ambiguidade presente nos adjetivos na linha de pesquisa do processamento da linguagem natural, o trabalho dele corrobora com esta pesquisa na medida em que apresenta as definições de homonímia e polissemia como duas faces de um mesmo fenômeno linguístico, a ambiguidade lexical. Como homonímia, o autor diz ser a “palavra com uma mesma ortografia ou pronúncia, mas cujos significados suportados não guardam entre si qualquer tipo de relacionamento semântico mais próximo” (Bidarra, 2004, p. 226). Como polissemia, afirma que se trata “da palavra que admite muitos significados distintos (...), porém, são relacionados semanticamente a um significado básico” (Bidarra, 2004, p. 228).

Silva (2006, p. 12) afirma que a ambiguidade linguística é caracterizada pela existência de significados alternativos, oriundos tanto de polissemia ou homonímia (ambiguidade lexical) quanto de aspectos sintáticos, morfológicos ou fonéticos (ambiguidade sintática, morfológica, fonética), todos presentes no ato verbal. Segundo o autor, a polissemia refere-se à associação de dois ou mais significados inter-relacionados a uma única forma linguística. Uma palavra ou expressão com diversos significados, como ‘papel’, que pode significar ‘material fabricado com fibras vegetais’, ‘folha de papel’, ‘documento’, ‘ação, função, influência’, e outros, é dita polissêmica.

Diferente da polissemia, Silva (2006) apresenta a homonímia como a associação de significados completamente distintos e não relacionados a uma forma linguística, como a palavra ‘banco’, que pode significar ‘instituição de crédito’ e ‘tipo de assento’. Neste caso, considera que estamos diante de duas ou mais palavras ou expressões linguísticas que, acidentalmente, compartilham a mesma forma fonológica. Para Silva, a distinção entre polissemia e homonímia geralmente é estabelecida pelo reconhecimento da existência ou não de uma relação entre os diferentes sentidos associados a uma mesma forma linguística. A homonímia, para Silva (2006), pode ser classificada como absoluta ou perfeita, quando os homônimos pertencem à mesma classe gramatical, ou parcial ou imperfeitamente,

quando os homônimos pertencem a diferentes classes gramaticais, como ‘colar’ (substantivo) e ‘colar’ (verbo), ou possuem diferentes paradigmas flexionais, como ‘pata’ (feminino de pato) e ‘pata’ (parte do animal). A mesma variação pode ocorrer com a polissemia, como em ‘pobre’ ou ‘vermelho’ (substantivos e adjetivos), mas geralmente essa variação não é reconhecida.

Como critério geral para distinguir polissemia de homonímia, Silva (2006, p. 46) cita:

Admite-se como critério geral de distinção entre polissemia e homonímia a relação semântica entre os sentidos associados numa mesma forma. Mas esta relação pode ser tomada, ou numa perspectiva diacrônica, ou numa perspectiva sincrônica. Resultam daqui dois critérios de distinção. Segundo o critério diacrônico, dois ou mais sentidos estão relacionados entre si se remontarem à mesma origem, ao mesmo étimo, ou se um tiver derivado historicamente do outro. Neste sentido, uma palavra polissêmica envolve apenas um único étimo, ao passo que duas ou mais palavras homônimas têm diferentes etimologias. Segundo o critério sincrônico, dois ou mais sentidos estão relacionados entre si se assim puderem ser reconhecidos pelos falantes. Agora, a polissemia implica a existência de uma relação semântica reconhecida pelos falantes, ao passo que duas ou mais palavras homônimas são reconhecidas como não estando semanticamente relacionadas.

Nesse sentido, Silva conclui que polissemia e homonímia não representam uma dicotomia rígida, mas fazem parte de um espectro contínuo de relações de significado.

Essas teorias são importantes para se entender como os significados das palavras são compostos e organizados na mente dos falantes. A Semântica Lexical é uma abordagem teórica que propõe que as palavras são compostas por traços semânticos que se combinam para formar diferentes significados, e que a polissemia e a homonímia ocorrem quando diferentes traços semânticos são ativados em diferentes contextos. O estudo da Semântica Lexical é fundamental para entender como as palavras e os sinais podem ter mais de um significado e como a Ambiguidade Lexical pode ser resolvida em contextos comunicativos específicos.

1.3 A AMBIGUIDADE LEXICAL EM LÍNGUAS DE SINAIS: FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A Linguística Cognitiva constitui uma vertente teórica que se consolidou a partir da década de 1980, contrapondo-se a abordagens formalistas da linguagem. Ao rejeitar a separação rígida entre linguagem e cognição, essa corrente defende que os fenômenos linguísticos são produtos da experiência corporal, da percepção e da organização conceptual do mundo. Como destaca Langacker (1987), o significado não é um componente autônomo do sistema linguístico, mas está profundamente entrelaçado à forma linguística por meio de mapeamentos simbólicos entre domínios conceituais.

Assim, ao invés de postular regras abstratas e arbitrárias, a Linguística Cognitiva foca em como os usos linguísticos refletem esquemas mentais, metáforas conceptuais, categorização prototípica e processos de construal (ou enquadramento perceptivo e atencional).

Entre os conceitos-chave dessa abordagem estão: (a) a metáfora conceitual, conforme formulada por Lakoff e Johnson (1980), que mostram como estruturas corporais e experiências concretas organizam domínios abstratos; (b) a semântica baseada no uso e na experiência, que destaca a centralidade da frequência e da convencionalização; e (c) o papel da iconicidade, entendida como a motivação não arbitrária entre forma e significado. Essa perspectiva permitiu o reconhecimento de que a arbitrariedade, embora presente, não é o único princípio estruturante da linguagem.

A partir desse referencial, a Linguística Cognitiva foi especialmente fecunda para a descrição das línguas de sinais, por essas se constituírem em modalidades visual-espaciais de realização linguística, em que as correlações entre forma e significado se tornam mais diretamente observáveis. Autores como Wilcox (2004) argumentam que, ao invés de se marginalizar a iconicidade como um fenômeno periférico, as línguas sinalizadas revelam que ela pode ser estrutural, ao articularem léxico, morfologia e até aspectos gramaticais. Em sua proposta de *iconicidade cognitiva*, Wilcox defende que, em línguas sinalizadas, há uma proximidade natural entre o polo fonológico (movimentos manuais) e o polo semântico (representações mentais), o que evidencia uma relação conceitual e não meramente visual com o referente.

Taub (2001), por sua vez, propõe o *modelo de construção de análogos*, segundo o qual o sinal icônico é construído a partir de um processo cognitivo de seleção de uma imagem mental representativa, sua esquematização e posterior codificação nos parâmetros

manuais e espaciais da língua. Esse modelo também permite explicar como sinais que originalmente se referem a ações concretas (como COMER ou PEGAR) podem passar a representar ideias abstratas (como ENTENDER ou APRENDER), por meio de metáforas como CONHECER É APREENDER (*UNDERSTANDING IS GRASPING*).

No entanto, conforme mostra Meir (2010), essas extensões metafóricas não são ilimitadas. A autora propõe a *restrição do duplo mapeamento* (*double-mapping constraint*), segundo a qual, para que um sinal icônico possa ser metaforicamente estendido, é necessário que os dois mapeamentos (o icônico e o metafórico) preservem coerência estrutural. Se o mapeamento metafórico desloca a interpretação para um domínio que entra em conflito com a imagem icônica original, como ocorre com o uso metafórico de *EAT* em contextos como “o ácido comeu o metal”, o sinal não é aceito na língua, pois o conflito entre os domínios impede a integração dos mapeamentos.

Essas contribuições evidenciam que as línguas de sinais não apenas confirmam os princípios da Linguística Cognitiva, mas também oferecem um laboratório privilegiado para investigá-los, devido à sua transparência formal e à alta frequência de construções motivadas. A análise da ambiguidade lexical na Libras, portanto, deve considerar não apenas as relações semânticas entre significados, mas também os modos como essas relações são expressas por gestos convencionados que se ancoram na corporeidade e na percepção espacial. A iconicidade, nesse contexto, deixa de ser mero “resquício perceptual” para tornar-se uma dimensão central da estrutura linguística.

Ainda que esta tese dialogue com pressupostos e categorias oriundos da Linguística Cognitiva, tal abordagem não foi adotada como fundamentação teórica de base. Não se pretende aqui desenvolver ou aplicar sistematicamente os modelos teóricos dessa corrente, tampouco aprofundar seus desdobramentos epistemológicos. A presença da Linguística Cognitiva ao longo deste trabalho ocorre de forma transversal e não estruturante, uma vez que seus conceitos, como metáfora conceitual, mapeamentos mentais e iconicidade motivada, oferecem subsídios pontuais para compreender aspectos relevantes das línguas de sinais, sobretudo, no que se refere à ambiguidade lexical. Esses aportes teóricos são mobilizados de maneira instrumental, com o escopo de ampliar as possibilidades analíticas sem comprometer a coerência metodológica da pesquisa, que se orienta por uma abordagem empírica e exploratória. Assim, assume-se uma postura de diálogo crítico com essa vertente, ao reconhecer sua potência interpretativa, sem que isso implique uma filiação teórica integral.

2 A SEMÂNTICA LEXICAL NO ÂMBITO DAS LÍNGUAS DE SINAIS

2.1 UNIDADE LEXICAL E LEXEMA

É importante considerar nessa subseção a relação entre o conceito de ‘unidade lexical’ e ‘lexema’ em uma língua natural, a fim de justificar a análise em relação aos objetivos propostos neste estudo.

Com base na definição de lexema fornecida por Cruse (1986, 2006), podemos estabelecer a relação entre unidade lexical e lexema da seguinte maneira: um *lexema*¹⁴ é a unidade fundamental da semântica lexical que é representada por uma palavra em sua forma básica, que ignora variações devido a diferentes processos de flexão, enquanto uma *unidade lexical* é um termo usado para se referir a uma unidade de significado em uma língua. Em outras palavras, um lexema é uma associação entre uma forma e um significado. Por exemplo, ‘falar’, ‘falo’, ‘fala’, ‘falando’ e ‘falou’¹⁵ são todas palavras consideradas variações do mesmo lexema ‘falar’, porque todas essas formas compartilham o mesmo significado básico. Enquanto uma unidade lexical pode ser uma única palavra ou uma frase que funciona como uma unidade de significado. Por exemplo, ‘falar’ é uma unidade lexical, mas ‘falar pelos cotovelos’ também é uma unidade lexical, mesmo sendo composta por três palavras.

De acordo com Cruse (1986), uma unidade lexical refere-se a uma unidade linguística mínima com um significado semântico distinto. Essa unidade pode ser uma palavra, uma expressão idiomática ou até mesmo uma parte de uma palavra composta.

Dito isso, a principal diferença entre uma unidade lexical e um lexema é que a unidade lexical é uma unidade concreta de significado que pode incluir palavras individuais ou frases, enquanto um lexema é uma unidade abstrata de significado que pode assumir diferentes formas em diferentes contextos gramaticais (Cruse, 2006, p.92). Em suma, cada lexema representa uma unidade lexical, mas uma unidade lexical pode consistir em mais de um lexema (no caso de frases ou expressões idiomáticas).

Esses conceitos são fundamentais para uma compreensão aprofundada da ambiguidade lexical, a qual oferece uma base teórica e prática para analisar, desambiguar e compreender as múltiplas dimensões de significado das palavras ou sinais, em se tratando

¹⁴ Na presente tese, toda vez que um termo relevante for mencionado pela primeira vez, ele será destacado em itálico.

¹⁵ Nesta tese, sempre que um significado e/ou sentido for apresentado, ele será realçado por meio de aspas simples.

da Libras. Neste estudo específico, focalizaremos o lexema como a unidade de estudo para os sinais ambíguos da Libras (Língua Brasileira de Sinais), considerando o processo de produção e recepção desses sinais através do canal viso-gestual característico das línguas sinalizadas, em oposição ao canal oral-auditivo das línguas faladas.

2.2 UNIDADE LEXICAL E LEXEMA NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Antes de se discutir a noção de unidade básica de significado em uma língua sinalizada, é necessário esclarecer conceitos fundamentais, considerando sua natureza específica enquanto língua de modalidade visuo-espacial. Nesse contexto, os estudos de Johnston; Schembri (1999) sobre a Língua de Sinais Australiana (Auslan) fornecem uma importante contribuição, ao propor uma distinção entre atos gestuais visuais não linguísticos, como gesticulação, gestos espontâneos e mímicas, e atos gestuais visuais linguísticos, ou seja, os sinais propriamente ditos. Essa diferenciação é essencial para delimitar o que constitui efetivamente uma unidade linguística dentro do sistema sinalizado.

A esse primeiro critério soma-se a necessidade de que se distingam, no interior dos sinais linguísticos, os significados potenciais e os significados realizados. Tal diferenciação exige um referencial teórico que permita compreender como os sinais se estruturam semanticamente e como seus sentidos se manifestam em situações de uso. Nesse sentido, a contribuição de Polguère (2001) é particularmente relevante ao definir o signo linguístico como uma unidade léxica composta por forma e conteúdo, cujos traços de sentido são organizados em uma estrutura semântica passível de ser ativada conforme o contexto discursivo.

De acordo com essa perspectiva, o significado potencial de um signo corresponde ao conjunto estruturado de propriedades semânticas disponíveis para ativação, enquanto o significado realizado refere-se à ativação concreta de determinados traços dessa estrutura em um uso específico. Assim, torna-se possível estabelecer critérios mais precisos para reconhecer um sinal como signo linguístico: trata-se de uma unidade léxica relativamente estável, com forma identificável e associada sistematicamente a um conteúdo semântico que se atualiza conforme as condições de enunciação.

Tal abordagem teórica oferece bases sólidas para a análise dos sinais em línguas de sinais como unidades significativas, organizadas em campos lexicais coerentes e semanticamente estruturados. A seguir, serão examinados com maior detalhamento,

conforme citados por Johnston e Schembri (1999), os diferentes tipos de atos gestuais visuais, tanto não linguísticos quanto linguísticos, que compõem o repertório expressivo dessas línguas.

2.2.1 Gesticulação, gestos e mímicas

Os atos de comunicação visual-gestual que não apresentam aspectos linguísticos são categorizados, por Johnston e Schembri (1999), em três grupos distintos: gesticulação, gesto convencional e mímica. Esses atos visuais-gestuais não parecem seguir um padrão linguístico específico.

Antes de entrar na distinção propriamente dita entre gesticulação, gestos e mímicas apresentados anteriormente, Stokoe (1965) fez uma interessante distinção sobre a natureza gestual da Língua Americana de Sinais (ASL), na ocasião da organização de um dicionário da ASL e seus princípios linguísticos. Nessa obra, Stokoe considera os atos de comunicação visual-gestual como “atividade humana visível” (1965, p. xxiii, tradução nossa¹⁶) equivalente aos sons das palavras das línguas vocalizadas. Para ele, muitas vezes, pode haver algum tipo de relação entre um sinal e seu referente. Com isso, o autor deixa claro que, embora um sinal possa ter origem icônica, ele é considerado lexicalizado pelo uso convencional de seus falantes. Stokoe menciona que os sinais que exibem iconicidade têm sua natureza gestual destacada a partir da pantomima, imitação, metonímia, apontação, sinal de nome e aqueles que utilizam a primeira letra para representar palavras do inglês (como cores, dias da semana, entre outros).

Após esta breve introdução sobre como o autor clássico nos estudos linguísticos da ASL, Stokoe (1965) considerava os atos de comunicação gestual-visual. Assim, passaremos agora a explorar como os autores contemporâneos, Johnston; Schembri (1999) abordaram essas definições na Auslan.

Para os autores, a gesticulação refere-se à expressão gestual espontânea que ocorre durante a fala das pessoas. Embora esses gestos possam ter uma natureza representativa, estudos recentes baseados em evidências empíricas demonstraram que a gesticulação é altamente dependente do contexto e não apresenta padrões formais frequentes. A gesticulação é, portanto, raramente utilizada para produzir estruturas semelhantes a frases (Johnston; Schembri, 1999, p. 117).

¹⁶ visible human activity.

Quanto aos gestos convencionais, Johnston e Schembri (1999) afirmam que eles possuem uma forma e um significado mais próximos dos sinais, porém, são limitados em número e função. Semelhante à gesticulação, esses gestos convencionais raramente são combinados em frases ou sentenças gestuais.

Já a mímica envolve a imitação de atividades da vida real sem o uso dos objetos e pessoas normalmente envolvidos nessas atividades (Johnston; Schembri, 1999). A mímica não segue as restrições dos sinais bem formados, uma vez que pode incluir o uso independente da parte inferior das pernas e do tronco, até mesmo o deslocamento do próprio corpo, como o ato de caminhar. No entanto, a mímica é altamente ineficiente como um sistema de comunicação diário, pois pode exigir a realização demorada de ações complexas, envolvendo longas sequências de movimentos precisos. Além disso, ela é limitada em seu poder expressivo e é útil principalmente para a representação de ações concretas ou a expressão de respostas emocionais.

2.2.2 Sinais como signos linguísticos

Em relação aos atos de comunicação visual-gestual que apresentam aspectos linguísticos, Johnston e Schembri (1999) diferenciaram *sinais produtivos* de *sinais estabelecidos*, com o propósito de descrever o lexema como entrada no dicionário *Signs of Australia*.

Como sinais produtivos, foram elencados aqueles cujos significados potenciais são “gerados” por unidades básicas da língua de maneiras mais ou menos previsíveis e, como sinais estabelecidos, aqueles nos quais os significados reais são convencionalmente “dados” a unidades básicas da língua. Veremos a definição de cada um deles a seguir. (Johnston; Schembri, 1999, p. 115).

Antes de seguirmos adiante na definição de sinais como signos linguísticos, é importante ressaltar o que Stokoe (1965) escreveu sobre os três principais aspectos dos sinais da ASL.

Cada signo dessa língua tem três coisas que o distinguem de todos os outros signos da língua. Chamemos essas coisas de aspectos, pois são maneiras de ver algo que pode acontecer de uma só vez. Os três aspectos de um signo são (1) o local onde é feito, (2) a configuração distintiva da mão ou das mãos que o fazem e (3) a ação da mão ou das mãos (STOKOE, 1965, p. viii, tradução

nossa¹⁷).

Os três principais aspectos do sinal propostos por Stokoe são atualmente considerados por Johnston; Schembri (1999) como a natureza componencial do sinal, denominada localização, configuração da mão e movimento, acrescidos anteriormente por Battison (1974) pelos aspectos da orientação da palma da mão e das expressões não manuais.

2.2.2.1 sinais produtivos: natureza componencial e significados potenciais

Nas línguas de sinais, determinados sinais, quando apresentados fora de um contexto específico de enunciação, “não possuem um significado lexical convencionalmente estabelecido” (Johnston; Schembri, 1999, p. 115). Nesses casos, são considerados *sinais produtivos*, ou seja, sinais cujo sentido é construído de forma composicional a partir de seus componentes formais. Segundo Johnston e Schembri (1999), os sinais produtivos podem ser analisados a partir de três características principais: (i) a natureza componencial do sinal, (ii) a semântica da configuração de mão, e (iii) o significado das formas como sinais potenciais.

Os autores explicam que um sinal produtivo “[...] pode ser construído a partir do significado de alguns ou de todos os componentes de maneira previsível. Quando o significado de um sinal é composto por natureza, seu significado citacional é basicamente tão geral ou específico quanto pode ser previsto a partir de seus componentes” (Johnston; Schembri, 1999, p. 118, tradução nossa). A imagem a seguir ilustra um exemplo típico de sinal produtivo em Auslan.

Figura 4 – Natureza componencial do sinal produtivo



¹⁷ Let us call these things aspects since they are ways of looking at something that can happen all at once. The three aspects of a sign are (1) the place where it is made, (2) the distinctive configuration of the hand or hands making it, and (3) the action of the hand or hands.

Nesse sinal, a *mão dominante* apresenta o dedo indicador estendido com a palma voltada para baixo, enquanto a *mão não-dominante* está espalmada, também com a palma voltada para baixo, posicionada abaixo da mão dominante. Ambas as mãos estão em espaço neutro, paralelas, uma acima da outra.

A interpretação desse sinal, quando analisado fora de um enunciado, evidencia seu caráter produtivo, ou seja, trata-se de uma forma linguística cujo valor semântico ainda não está lexicalmente fixado. Nessa condição, sua interpretação depende fortemente do conhecimento enciclopédico do interlocutor e da configuração espacial entre os parâmetros visuais envolvidos. A disposição do dedo indicador sobre a mão espalmada, por exemplo, pode sugerir a representação de um objeto delgado apoiado sobre uma superfície. Pode ativar leituras possíveis como “objeto sobre uma base”, “disposição em camadas” ou “elemento inferior a uma estrutura estreita”, entre outras inferências plausíveis.

No entanto, ao ser utilizada em um enunciado específico em combinação com outros sinais e dentro de um contexto pragmático determinado, tal forma passa a funcionar como unidade lexical, com um valor semântico delimitado pelas relações estabelecidas com os elementos coocorrentes. Assim, o sinal deixa de operar apenas como produtivo, com forma aberta à inferência, e passa a integrar a estrutura do discurso com uma carga semântica atualizada, delimitada pelas condições de uso.

Quando esse mesmo sinal é empregado em um contexto discursivo mais amplo, articulado a sinais que o antecedem ou o sucedem na cadeia enunciativa, ele pode deixar de funcionar como forma produtiva e passar a ser interpretado como uma unidade lexical estabelecida, com valor semântico mais delimitado.

Nesses casos, o sinal pode assumir significados como “degrau”, “apoio” ou “base”, definidos pelas relações semânticas construídas no interior do enunciado. Nas análises linguísticas de línguas de sinais, essa transição evidencia a importância de se observarem os processos por meio dos quais formas produtivas, ainda abertas à inferência e com valor semântico não fixado, consolidam-se como formas lexicalmente reconhecidas, com significação convencionalizada pelo uso.

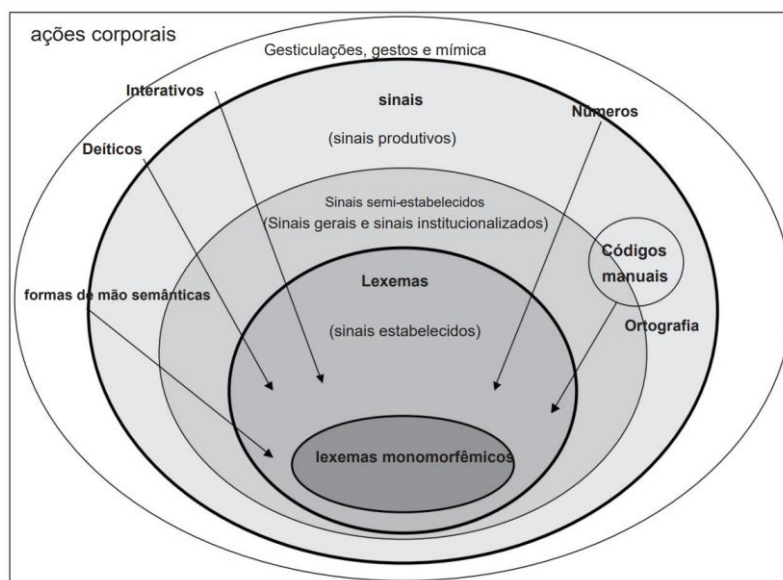
A Figura (5)¹⁸ apresenta a *hierarquia de lexicalização nas línguas de sinais*, proposta por Johnston e Schembri (1999), a qual ajuda a visualizar os níveis de

¹⁸ A Figura (5) é uma representação visual da hierarquia gestual e tipologia gestual abordada na seleção e organização de entradas em *Signs of Australia*, um novo dicionário de Auslan em CD-ROM e formato de livro (Johnston 1997, 1998a, 1998b).

convencionalização dos sinais, desde os mais produtivos até os mais estabelecidos.

Vejamos na figura abaixo uma representação visual da hierarquia de lexicalização nas línguas de sinais proposto por Johnston e Schembri (1999).

Figura 5 – Hierarquia de lexicalização nas línguas de sinais.



Fonte: (Johnston, Schembri, 1999, p. 116) [tradução nossa].

Uma das características centrais dos sinais considerados produtivos, conforme apontado pelos autores, é a carga semântica atribuída à configuração de mão. Dentre os cinco parâmetros que constituem um sinal (configuração de mão, movimento, localização, orientação e expressões faciais). No entanto, a configuração de mão se destaca como o elemento de maior relevância na construção do significado. Embora os demais parâmetros também possam contribuir para o conteúdo semântico, seja de forma independente ou em combinação, é a configuração de mão que mais frequentemente veicula um valor semântico específico. Por essa razão, esse parâmetro tem sido amplamente adotado como critério principal para a organização dos verbetes em dicionários de línguas de sinais.

Johnston e Schembri (1999) classificam as *configurações de mão* em dois grandes grupos:

- **Configurações interativas:** representam a própria mão interagindo com objetos, como agarrar, segurar ou manipular. Um exemplo clássico é a forma de mão que representa um recipiente ou o ato de beber.
- **Configurações não interativas:** subdividem-se em duas categorias:
 - **Formas principais:** representam objetos em espaço real ou imaginário com mais diversidade de formas e orientações. Por exemplo, na Libras, a

representação de *avião* utiliza uma forma de mão  que simboliza as asas da aeronave. Essas formas são eficazes para representar posições e deslocamentos de *objetos de grande escala*.

- **Formas secundárias:** são mais abstratas e gerais, incluindo:

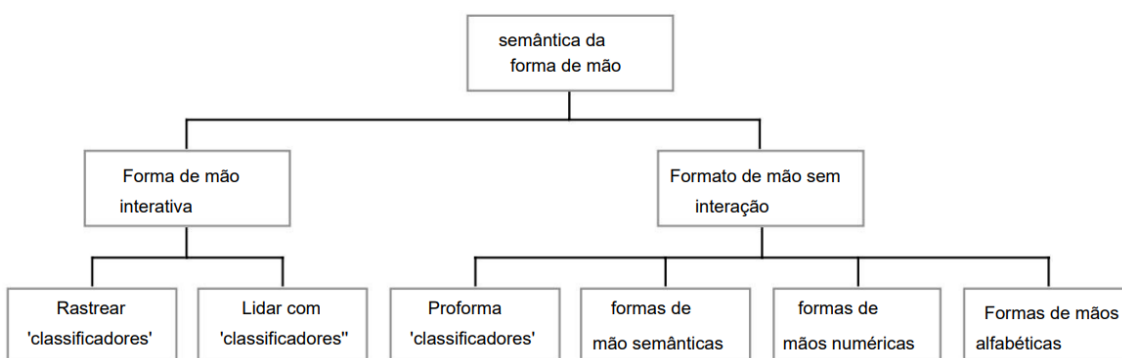
- **Formas semânticas**, como as associadas a valores positivos ou negativos (ex.: *bom*  e *ruim* );

- **Formas numéricas**, como as representações manuais dos números (1, 2, 3 etc. );

- **Formas alfabéticas**, utilizadas para soletração manual do alfabeto 

A Figura 6 resume graficamente essa tipologia de configurações de mão.

Figura 6 - Tipologia de configurações de mão com base em Johnston e Schembri (1999)



Fonte: Johnston e Schembri (1999, p. 122) [tradução nossa].

No que refere-se aos chamados *sinais classificadores*, os autores os categorizam como sinais produtivos, independentemente de serem do tipo *interativo* ou *proforma* (no grupo das mãos não interativas). Para Johnston e Schembri (1999), esses sinais não devem ser automaticamente considerados lexemas, embora alguns possam vir a ser lexicalizados com o uso recorrente. Conforme Supalla (1986, p. 206), Johnston e Schembri (1999), sinais

como os de CAIR¹⁹ em ASL: (*To fall down*) são “cristalizados” ou lexicalizados, e conforme esses estudiosos, sinais como esses são formados por regras produtivas. Sobre a produtividade ou criatividade de um sistema de comunicação, de acordo com Quadros e Karnopp (2004), é a propriedade que possibilita a construção e interpretação de novos enunciados.

Outro aspecto fundamental na análise dos sinais produtivos é o significado das formas de sinais potenciais. Para Johnston e Schembri (1999, p. 123), o sinal²⁰ usado para representar superfície plana vertical ilustra um exemplo de sinal com significado básico associado à ideia de movimento ou à cobertura de uma superfície plana vertical. Fora de contexto, esse sinal pode ser interpretado de forma genérica, mas, em uso discursivo, pode adquirir significados mais específicos como água escorrendo, camadas de tinta, papel de parede ou até mesmo gases que cobrem a lateral de um ônibus espacial durante a decolagem.

Sinais como os da Figura 4 que representa, respectivamente, “abaixo de um objeto longo e estreito” e “movimento sobre uma superfície plana vertical”, não são considerados lexemas e, por isso, não foram incluídos no dicionário da Auslan, conforme explicam Johnston e Schembri (1999). Isso se deve ao fato de que sinais com esse grau de produtividade podem evocar múltiplos significados concorrentes, o que tornaria inviável incluí-los como verbetes fixos sem reduzir sua riqueza semântica.

Para Johnston e Schembri (1999), somente os sinais estabelecidos, ou seja, aqueles que passaram por um processo de convencionalização e estabilização de forma e sentido, devem compor as entradas de um dicionário de língua de sinais. A discussão sobre a definição de lexema em línguas de sinais será apresentada na próxima seção.



2.2.2.2 sinais estabelecidos: lexema

O grupo dos sinais estabelecidos, como representado na Figura 7, corresponde ao que, em Auslan, foi definido por Johnston e Schembri (1999) como *lexema*. Os autores conceituam lexema como:

um sinal que possui uma forma de citação claramente identificável e replicável que é regular e fortemente associada a um significado que é (a) imprevisível e/ou um pouco mais específico do que o potencial de significado componencial do signo, mesmo quando citado de contexto, e/ou (b) totalmente não relacionado ao seu potencial de significado componencial (ou seja, os lexemas podem ter ligações arbitrárias entre forma e significado) (Johnston; Schembri, 1999, p.126).

Além disso, os lexemas apresentam uma série de características que os distinguem dos sinais produtivos: (i) Podem ter ligações altamente divergentes entre forma e significado, tanto entre dialetos quanto entre diferentes línguas de sinais; (ii) O conjunto de configurações de mão presentes nos lexemas representa apenas um subconjunto das formas possíveis em uma língua de sinais, ou seja, nem toda configuração de mão constitui um lexema; (iii) Os lexemas possuem significados específicos e são menos dependentes do contexto para sua interpretação.

A seguir, são apresentados dois exemplos de sinais lexicalizados em Auslan: BUTTER (manteiga) e TAKE-TABLET (tomar comprimido).

Figura 7 – Sinal referente à BUTTER (manteiga) em Auslan



Fonte: Johnston; Schembri (1999, p. 127).

A Figura 7 apresenta um sinal cujo significado real é "manteiga", mas que possui também um significado potencial, mais genérico, de "acariciar uma palma ou superfície

plana com a ponta dos dedos da outra mão". Ao contrário dos sinais produtivos, esse lexema apresenta um significado restrito e convencionalizado.

Figura 8 – Sinal referente à TAKE-TABLET (tomar comprimido) em Auslan



Fonte: Johnston; Schembri (1999, p. 127).

A Figura 8 representa um lexema ambíguo por polissemia, pois admite dois significados distintos, embora relacionados: "tomar comprimido ou pílula" e "comunhão". Ambos compartilham o mesmo significado potencial: "pegar um pequeno objeto de uma superfície ou da mão e colocá-lo na boca".

Assim, os lexemas são convencionalmente associados a significados lexicais mais restritos, que ultrapassam o potencial de interpretação baseado apenas na iconicidade ou na combinação de parâmetros formais (Johnston; Schembri, 1999, p. 127, tradução nossa).

Contudo, nem todos os lexemas mantêm relação transparente entre forma e significado. Em muitos casos, os parâmetros do sinal são experimentados como arbitrários, sem qualquer motivação componencial.

Temos um exemplo no sinal da Figura 9 que significa "um lugar onde se compram coisas" ou "o ato de comprar", sem relação com seu significado potencial componencial de "bater na palma da mão ou em uma superfície plana com o punho ou um objeto". Veja a figura abaixo:

Figura 9 – Sinal referente à SHOP (comprar) em Auslan



Fonte: Johnston; Schembri (1999, p. 129).

Conforme argumentam Johnston e Schembri (1999, *apud* Frishberg, 1975), embora muitos sinais tenham origem iconicamente motivada, essa motivação tende a se enfraquecer ao longo do tempo em decorrência de transformações históricas, culturais, tecnológicas e fonológicas. Com isso, o significado de um lexema nem sempre é previsível a partir de seus parâmetros formais. Em muitos casos, a relação entre forma e significado é arbitrária, o que evidencia a necessidade de compreendê-lo como uma unidade linguística convencional.

Apesar da existência de sinais com forte motivação imagética, os lexemas são definidos pela especificidade de seus parâmetros fonológicos (configuração de mão, orientação, localização, movimento e expressões não manuais). Esses elementos devem estar claramente delimitados para que um sinal seja reconhecido como uma unidade do léxico. Por essa razão, com poucas exceções, apenas sinais estabilizados no uso da língua são incorporados aos dicionários de línguas de sinais como verbetes.

Sob a perspectiva da semântica lexical, tal estabilidade permite o funcionamento do sinal como unidade no sistema linguístico. Polguère (2001) destaca que todo signo lexical possui um significado potencial estruturado, cuja ativação ocorre em função do contexto de uso. Essa distinção entre potencialidade e realização semântica reforça a importância de diferenciar formas produtivas, abertas à inferência e à variação contextual, das formas lexicalmente estabelecidas, cuja forma e cujo significado são reconhecidos e recorrentes na comunidade linguística.

Embora a análise desenvolvida por Johnston e Schembri tenha como base a Auslan, os princípios metodológicos e descritivos que propõem podem ser aplicados, com as devidas adaptações, a outras línguas de sinais. Neste trabalho, esses princípios fundamentam a identificação e a descrição de lexemas ambíguos na Libras, orientando a delimitação das unidades a partir de critérios formais, funcionais e contextuais.

2.3 SIGNIFICADOS, SENTIDOS E CONTEXTOS

Outros conceitos importantes a serem considerados surgem quanto à definição de ambiguidade lexical, tais como significado dominante e significado básico, sentidos e contexto linguístico (Cruse, 1986).

Ullmann (1964 [1962]) explora o significado como um conceito complexo e multifacetado e é “um dos termos mais ambíguos e controversos da teoria da linguagem” (Ullmann, 1964 [1962], p. 54, tradução nossa)²¹. O autor aborda o significado como algo que vai além de uma simples correspondência entre palavras e referentes no mundo real, bem como é “uma relação recíproca e reversível entre o nome e o sentido” (1964, p. 67, tradução nossa)²². Como ‘nome’, analisa a configuração fonética da palavra, os sons que a compõem e outros aspectos fonéticos, como o acento. Quanto ao ‘sentido’, refere-se à informação que o nome transmite ao ouvinte.

Cruse (1986), ao discutir a importância do estudo do significado das palavras, assume que as palavras são os blocos de construção básicos da comunicação e têm um papel central na representação e expressão do pensamento. Em relação ao conceito de significado que Cruse aborda em sua obra segue o trecho:

Diremos, então, que o significado de uma palavra é totalmente refletido em suas relações contextuais; na verdade, podemos ir mais longe e dizer que, para os presentes propósitos, o significado de uma palavra é constituído por suas relações contextuais. (Cruse, 1986, p. 16, tradução nossa).²³

Ao serem examinadas várias abordagens teóricas e metodológicas para que se analise o significado lexical, o autor discute diferentes teorias, incluindo as abordagens associacionistas, que consideram o significado das palavras como a soma de experiências sensoriais e associações mentais. Além disso, são abordadas perspectivas mais formais, como a teoria dos traços semânticos e a teoria da decomposição de conceitos (Cruse, 1986, p. 16).

Cruse aponta que o significado padrão de uma palavra não é necessariamente o que

²¹ “Meaning is one of the most ambiguous and most controversial terms in the theory of language.”

²² “Reciprocal and reversible relationship between the name and the sense”.

²³ We shall say, then, that the meaning of a word is fully reflected in its contextual relations; in fact, we can go further, and say that, for present purposes, the meaning of a word is constituted by its contextual relations.

ocorre com mais frequência. Por exemplo, embora ‘ver’ seja frequentemente usado em contextos figurativos, seu significado padrão ainda é o literal, relacionado à visão. Ou seja, o significado mais ‘básico’ do que os outros significados será sempre o concreto ao invés de abstrato, o familiar ao invés de desconhecido, ou o perceptivo ao invés de conceitual.

Sendo assim, o significado básico que se refere ao sentido primário de uma palavra, é o mais geral, amplo ou genérico, associado à palavra em sua definição padrão. É o sentido principal em que outros significados são relacionados ou derivados. Veja o que Cruse (2006, p. 42) diz a respeito do significado padrão de uma palavra polissêmica.

O significado padrão de uma palavra polissêmica é o significado que é dado intuitivamente na ausência de qualquer contexto. Por exemplo, o significado padrão do verbo ver é 'ter uma experiência visual (de)', embora em contextos particulares possa ter outros significados, como em *Vejo o que você quer dizer*, *Veja o que você pode fazer*, *Acho que você deveria ver um médico*. O significado padrão de uma palavra polissêmica não é necessariamente o significado que ocorre com mais frequência, mas geralmente é considerado o mais básico (tradução nossa²⁴).

Contrapondo-se ao significado base, que não necessariamente corresponde ao mais frequente, mas geralmente é considerado o mais fundamental, Cruse (2006) propõe que o significado dominante pode ser determinado por fatores como a frequência de uso ou o contexto específico. Em certas situações, um dos significados de uma palavra ambígua pode ser mais comum, frequente ou amplamente aceito em comparação aos outros, caracterizando seu significado dominante.

O significado dominante pode não ser necessariamente o mesmo que o significado básico, pois pode ser influenciado por fatores como gírias, conotações culturais, etc. E o significado básico, ou padrão, pode se referir ao significado mais geral ou fundamental de uma palavra, independente do contexto, sendo frequentemente considerado o significado ‘literal’ de uma palavra.

Lyons (1996 [1977]) aborda a diferenciação entre o sentido e a referência das palavras e destaca que o sentido refere-se à sua contribuição para o significado de uma

²⁴ The default meaning of a polysemous word is the meaning it is intuitively given in the absence of any context. For instance, the default meaning of the verb see is ‘to have a visual experience (of)’, although in particular contexts it can have other meanings, as in *I see what you mean*, *See what you can do*, *I think you should see a doctor*. The default meaning of a polysemous word is not necessarily the most frequently occurring meaning, but it is usually felt to be the most basic.

sentença, e a referência, por outro lado, é o objeto ou conceito ao qual a palavra se refere no mundo real.

O autor argumenta que o sentido pode ser compreendido como um conjunto de traços semânticos distintivos que estabelecem diferenças entre uma palavra e outras do vocabulário. Esses traços semânticos podem incluir características como categoria gramatical, aspectos de tempo, modo, número, entre outros.

Que 'solteiro' deva ser semanticamente relacionado dessa maneira com 'casado' faz parte de seu sentido; e faz parte do sentido de 'casado' que seja relacionado de certa forma com 'solteiro'. Ao analisar ou descrever o sentido de uma palavra, entende-se sua análise em termos das relações de sentido que contrai com outras palavras; e cada uma dessas relações de sentido pode ser explicada por meio do que Carnap chamou de postulados de significado. (Lyons, 1996 [1977], p. 204, tradução nossa)²⁵

Dessa forma, Lyons aborda o significado das palavras considerando tanto seu sentido intrínseco, baseado em traços semânticos distintivos, quanto a sua relação com o mundo extralinguístico, que exploram as teorias sobre a referência das palavras. Ele também leva em conta o papel do contexto e das estruturas linguísticas na determinação do significado das palavras em dado contexto.

A análise do contexto linguístico é fundamental para a resolução da ambiguidade lexical. Cruse (1986, p. 1) discute o conceito de contexto linguístico e afirma que as propriedades semânticas de um item lexical são refletidas nas relações que estabelece com contextos reais e potenciais. O autor destaca que os contextos relevantes para análise podem incluir contextos situacionais extralinguísticos, mas há boas razões para focar nos contextos linguísticos. Nesse sentido, menciona que a relação entre um item lexical e contextos extralinguísticos é frequentemente mediada por contextos linguísticos, e que qualquer aspecto extralinguístico pode ser expresso linguisticamente.

Assume-se que as propriedades semânticas de um item lexical são totalmente refletidas em aspectos apropriados das relações que ele contrai com contextos atuais e potenciais. As implicações totais disso se tornarão mais claras à medida que a exposição prosseguir. Em teoria, os contextos relevantes podem incluir contextos

²⁵ That 'bachelor' should be semantically related in this way to 'married' is part of its sense; and it is part of the sense of 'married' that it should be related in a certain way to 'bachelor'. By analysing or describing the sense of a word is to be understood its analysis in terms of the sense-relations which it contracts with other words; and each such sense-relation can be explicated by means of what Carnap called meaning-postulates.

situacionais extralinguísticos. Mas há boas razões para uma limitação de princípios aos contextos linguísticos: primeiro, a relação entre um item lexical e contextos extralinguísticos é frequentemente mediada de forma crucial pelos contextos puramente linguísticos (considere as possíveis relações entre cavalo e a situação extralinguística em *Isso é um cavalo* e *Não há cavalos aqui*); em segundo lugar, qualquer aspecto de um contexto extralinguístico pode, em princípio, ser espelhado linguisticamente; e, terceiro, o contexto linguístico é mais facilmente controlado e manipulado. Devemos, portanto, buscar obter informações sobre o significado de uma palavra a partir de suas relações com contextos linguísticos reais e potenciais (Cruse, 1986, p. 1, tradução nossa²⁶).

O autor ressalta que, para compreender o significado de uma palavra, é necessário considerar suas relações com contextos linguísticos reais e potenciais. Ainda, as características combinatórias das palavras em expressões são influenciadas não apenas por seus significados, mas também por suas propriedades gramaticais. Dessa forma, é necessário reconhecer e considerar as peculiaridades combinatórias puramente gramaticais para utilizar as relações contextuais de forma semântica.

2.4 RELAÇÕES SEMÂNTICAS ESTABELECIDAS POR SINAIS AMBÍGUOS

Estudos a respeito na Língua de Sinais Americana (Emmorey, 2001) foram encontrados ao se investigar sobre a Ambiguidade Lexical em diferentes línguas de sinais, Língua de Sinais Alemã (Quer; Steinbach, 2015), Língua de Sinais Britânica (Fenlon *et al.*, 2015), Língua de Sinais Australiana (Johnston; Schmebri, 2007) e Língua de Sinais Brasileira (Soares, 2013; Martins, 2013).

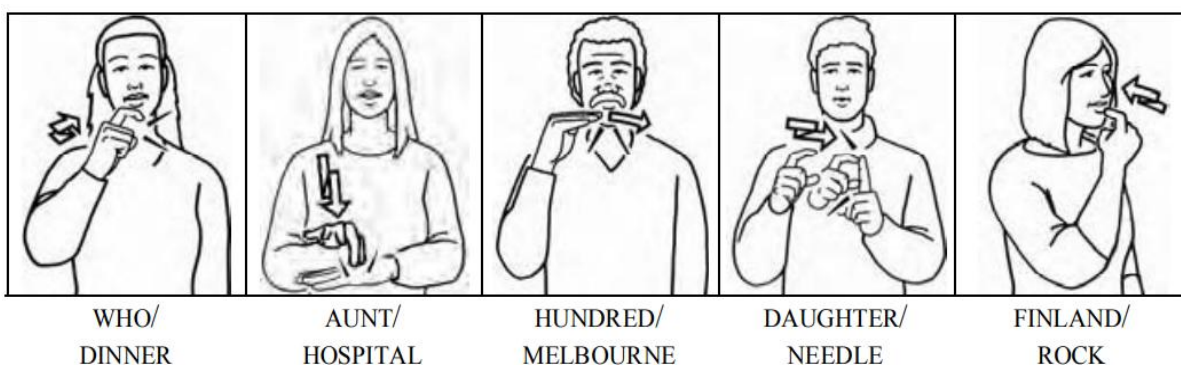
Na Língua de Sinais Australiana (Auslan), Johnston e Schembri (2007, p. 228) abordam a questão da Ambiguidade Lexical. Os autores observaram que, embora seja menos frequente encontrar homônimos no núcleo do léxico nativo dessa língua de sinais

²⁶ "It is assumed that the semantic properties of a lexical item are fully reflected in appropriate aspects of the relations it contracts with actual and potential contexts. The full implications of this will become clearer as the exposition proceeds. In theory, the relevant contexts could include extra-linguistic situational contexts. But there are good reasons for a principled limitation to linguistic contexts: first, the relation between a lexical item and extra-linguistic contexts is often crucially mediated by the purely linguistic contexts (consider the possible relations between horse and the extra-linguistic situation in *That's a horse* and *There are no horses here*); second, any aspect of an extra-linguistic context can in principle be mirrored linguistically; and, third, linguistic context is more easily controlled and manipulated. We shall therefore seek to derive information about a word's meaning from its relations with actual and potential linguistic contexts."

australiana em comparação com o léxico da língua inglesa, ainda existem exemplos dessa ocorrência.

De acordo com a Figura 10, em Auslan, usa-se a mesma forma fonológica para QUEM e JANTAR²⁷. Alguns surdos australianos, possivelmente por questões de variação linguística, usam o mesmo sinal para TIA e HOSPITAL, CENTENAS e MELBOURNE, FILHA e AGULHA, FINLÂNDIA e PEDRA. Assim, é possível observar que em todos os casos a mesma forma fonológica é usada, mas os dois sinais parecem não ter nada em comum em termos de significado.

Figura 10 – Sinais homônimos em Auslan

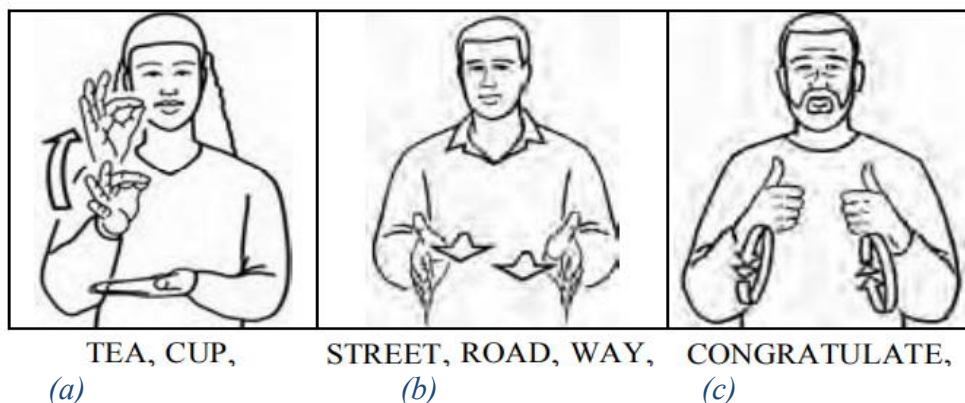


Fonte: Johnston e Schembri (2007, p. 229)

É importante ressaltar que a variação sociolinguística na Auslan significa que nem todos os usuários dessa língua utilizam os homônimos da mesma maneira. Além disso, existem variantes lexicais para palavras como WHO (QUEM), DINNER (JANTAR), AUNT (TIA), HOSPITAL, HUNGRY (FOME), MELBOURNE, DAUGHTER (FILHA), NEEDLE (AGULHA), FINLAND (FINLÂNDIA) e ROCK (PEDRA) nessa língua. (Johnston; Schembri, 2007, p. 229).

Em contraste com a homonímia, os autores apontam que a polissemia é uma característica bastante comum nas línguas de sinais. Na polissemia, um único sinal pode ter múltiplos significados relacionados.

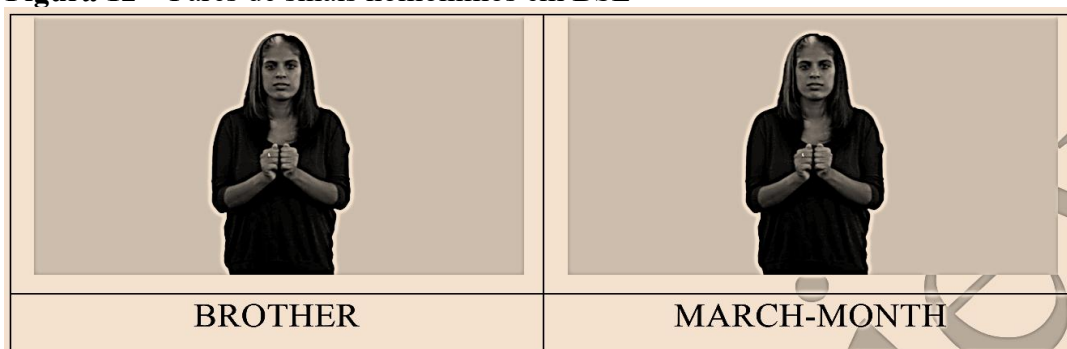
²⁷ A palavra em caixa será usada, nesta tese, para referenciar a glosa atribuída à forma do sinal.

Figura 11 – Sinais polissêmicos em Auslan

Fonte: Johnston; Schembri (2007, p. 229)

Os três sinais da Figura 11 apresentam polissemia, ou seja, possuem múltiplos significados relacionados. O sinal (a) pode significar 'chá', 'xícara', 'xícara de chá' e 'café'. O sinal (b) pode significar 'rua', 'estrada', 'caminho' ou 'método'. Já o sinal (c) pode significar 'parabenizar', 'favorito', 'popular' e 'elogio'. Esses diferentes significados provavelmente estão relacionados devido a processos de extensão lexical.

A partir desses processos, os sinais manifestam uma gama de significados, porém ainda mantêm certa relação semântica entre eles. Com relação à Língua de Sinais Britânica (BSL), Fenlon *et al.* (2015, p. 28), ao discutirem o número de entradas para uma mesma forma do sinal no BSL SignBank²⁸, apresentam uma distinção entre sinais homônimos e sinais polissêmicos. Como homônimos, os autores consideram os sinais que diferem em significado, mas que possuem a mesma forma fonológica.

Figura 12 – Pares de sinais homônimos em BSL²⁹

Fonte: Fenlon *et al.* (2015, p. 28)

No caso de BROTHER (IRMÃO) e MARCH-MONTH (MÊS DE MARÇO), na

²⁸ Acesse o BSL SignBank em <http://bslsignbank.ucl.ac.uk>

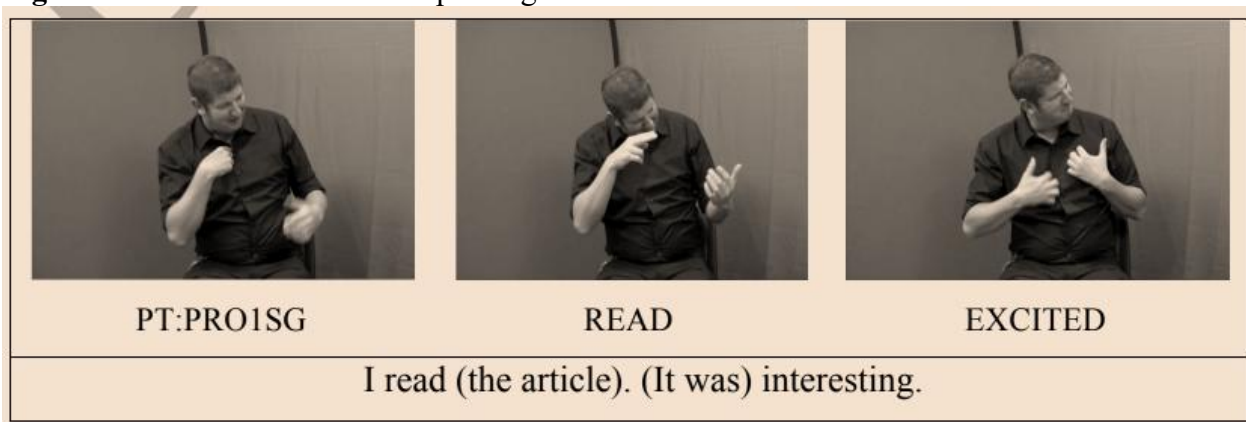
²⁹ Veja o vídeo do sinal BROTHER em <https://bslsignbank.ucl.ac.uk/media/bsl-video/BR/BROTHER.mp4> e do sinal MARCH em <https://bslsignbank.ucl.ac.uk/media/bsl-video/MA/MARCH-MONTH.mp4>

Figura 12, os significados desses signos são claramente distintos em cada caso, portanto, são lexemas separados, ou seja, cada significado possui entradas separadas no BSL *SignBank*.

Em relação à polissemia, existem muitos casos no BSL *SignBank* em que um único lexema possui várias palavras-chave associadas, demonstrando ampla variedade de significados. Fenlon *et al.* (2015, p. 28 e 29) apresentam os seguintes exemplos ilustrados nas Figuras 11 e 12.

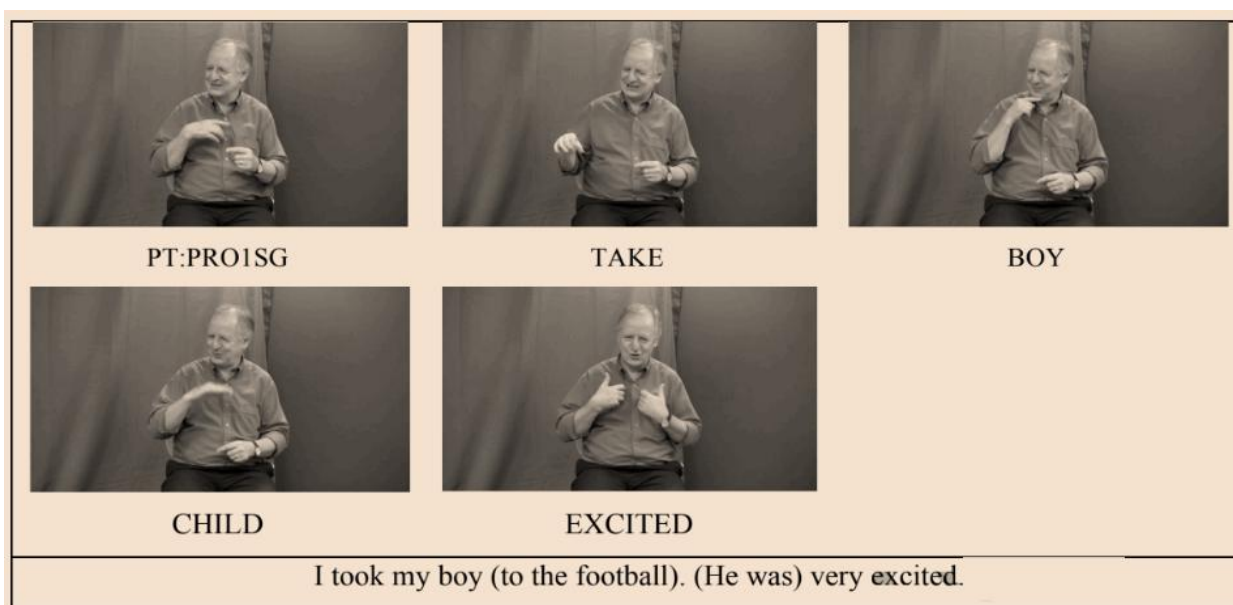
Por exemplo, EXCITADO é polissêmico e exibe uma gama muito ampla de significados, incluindo 'animado', 'interessado', 'motivado', 'ansioso', 'ânsia', 'ambicioso', 'hobby'. (...) MENINO inclui as palavras-chave: 'menino', 'namorado' e 'filho'. Da mesma forma, BOLA inclui as palavras-chave: 'bola', 'redondo', 'esfera', 'esférico', 'futebol', 'mundo', 'globo', 'global'. Em cada caso, não há diferença na forma de citação do sinal usado para cada significado e há um significado compartilhado óbvio entre essas palavras-chave – por exemplo, as palavras-chave para BOY e BALL referem-se a um ser humano ou uma bola ou algo em forma de bola (respectivamente) (tradução nossa³⁰).

Figura 13 – Uso de EXCITADO para significar ‘interessante’ em BSL



Fonte: Fenlon *et al.* (2015, p. 28)

³⁰ For example, EXCITED is polysemous and displays a very broad range of meanings, including ‘excited’, ‘interested’, ‘motivated’, ‘eager’, ‘eagerness’, ‘ambitious’, ‘hobby’. (...) BOY includes the keywords: ‘boy’, ‘boyfriend’, and ‘son’. Similarly BALL includes the keywords: ‘ball’, ‘round’, ‘sphere’, ‘spherical’, ‘football’, ‘world’, ‘globe’, ‘global’. In each case, there is no difference in the citation form of the sign used for each meaning and there is an obvious shared meaning between these keywords – e.g. the keywords for BOY and BALL all refer to a male human or a ball or something ball-shaped (respectively).

Figura 14 – Uso de EXCITADO para significar ‘animado’ em BSL

Fonte: Fenlon *et al.* (2015, p. 29)

Esses significados são todos relacionados e todos compartilham a mesma forma do sinal, ou seja, não há diferença na forma quando este sinal é usado para significar 'animado' em *Eu li o artigo e estava interessante*, ou 'interessado' em *Levei meu menino ao futebol. Ele estava muito animado*. Como esses significados estão todos relacionados e compartilham a mesma forma do sinal, eles são considerados em cada caso como parte de um mesmo lexema.

Quer e Steinbach (2015) discutiram os diferentes tipos de ambiguidades nas línguas de sinais como as ambiguidades lexicais e estruturais típicas, bem como aspectos específicos da modalidade, como ambiguidades no uso do espaço de sinalização e marcadores não manuais. Os autores constataram que, nas línguas de sinais, embora o padrão boca³¹ seja usado para desambiguar sinais homônimos semanticamente não relacionados, conforme ilustrado na Figura 15, essa articulação da boca para desambiguação não é presente em todas as línguas de sinais e, quando está presente, pode ser opcional, dependendo do contexto e do registro linguístico.

³¹ O padrão boca é considerado um aspecto distinto no grupo de parâmetros das Expressões Não-Manuais em que a boca, em muitos casos, participa da formação fonológica do sinal. Esses movimentos labiais deste parâmetro são considerados linguísticos quando apresentam informações linguísticas inerentes ao sinal, e não informações extralinguísticas relacionadas à pronúncia do sinal na língua vocalizada. Um exemplo disso é o sinal glosado MAGRO na Libras, em que o movimento de lábios sugados faz parte do parâmetro das Expressões Não-Manuais e não apresenta qualquer semelhança com a pronúncia da palavra magro no português brasileiro.

Figura 15 – Sinal ambíguo na Língua de Sinais Alemã (DGS)



Fonte: Quer e Steinbach (2005, p. 4)

Em relação aos estudos sobre a Língua de Sinais Americana (ASL), Emmorey (2001, p. 130) constatou em suas análises que a ocorrência de ambiguidade lexical nas línguas de sinais é rara. No entanto, mesmo quando ocorre, se o sinalizante pronunciar simultaneamente a palavra em inglês equivalente ao sinal da ASL enquanto realiza o sinal, é possível desambiguar o sinal ambíguo em questão. A autora argumenta que o padrão boca, embora processado em um canal separado dos parâmetros convencionais do sinal, deve ser considerado em relação ao significado que o sinal assume no contexto, a fim de desambiguar possíveis homônimas. Por exemplo, “o sinal glosado como GOSTO ou FAVORITO pode ser desambiguado se os dentes entrarem em contato com o lábio inferior (como se produzissem um ‘f’), o que marcaria o sinal como FAVORITO” (Emmorey, 2001, p. 130, tradução nossa³²). O padrão boca se apresentaria então como uma forma de apoio fonético (possíveis indícios de articulação de fonemas da língua oral) tendo como uma das finalidades desambiguar o sinal? Para essa pergunta, acredito que a resposta seja não, até mesmo porque na maioria das vezes o padrão boca não está atrelado à articulação fonética da pronúncia palavra oral simultaneamente a realização do sinal.

Além do que, o uso desses padrões bucais pode variar de acordo com o grau de bilinguismo do surdo na comunidade e outros fatores sociais e culturais, o que não representa o sinal em sua essência, mas sim uma glosa³³ do sinal, ou seja, uma representação simultânea de sua tradução equivalente na língua falada.

A consideração do padrão boca como um fator de resolução de ambiguidades, mesmo quando não pertence à fonologia do sinal e se apresenta como uma informação

³² For example, the sign glossed as TASTE or FAVORITE can be disambiguated by whether the teeth contact the lower lip (as if producing an “f”), which would mark the sign as FAVORITE.

³³ Considerando que a glosa não representa todos os significados possíveis do sinal, mas trata-se de “rótulo” ou “etiqueta”, utilizados para que possa ser identificado em um Corpus de línguas de sinais, veremos sua definição com mais detalhes no capítulo sobre os aspectos da metodologia desta pesquisa.

extralinguística de sua forma, não se adequa na proposta de análise dos sinais potencialmente ambíguos coletados para este estudo. Essa decisão baseia-se no fato de que o padrão boca, quando é emprestado da linguagem falada circundante, não faz parte dos cinco consagrados parâmetros linguísticos³⁴ que compõem o sinal (configuração da mão, orientação da palma, localização, movimento e as expressões não-manuais). Isto é, não pertence ao sistema fonológico do sinal.

Por fim, o uso do padrão boca, na sua forma extralinguística à composição do sinal, durante a sinalização se mostra mais relevante para pesquisas no campo dos estudos de tradução do que para pesquisas no campo dos estudos linguísticos de descrição e análise das línguas de sinais, em que os critérios de investigação devem considerar os aspectos intrínsecos aos processos específicos de formação do sinal. Dessa forma, considerar o padrão boca, como apresentado acima, elemento de resolução de ambiguidades não se mostra vantajoso para a análise proposta neste estudo.

2.4.1 A ambiguidade lexical no âmbito da Libras

Esta pesquisa bibliográfica foi realizada sobre a Ambiguidade Lexical da Libras em teses e dissertações disponíveis no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Banco de Dados Global ETD Search (NDLTD). Em seguida, nove estudos foram identificados a respeito da Semântica da Libras e distribuídos em: duas teses na *Semântica Argumentativa* (Felipe, 1998; Castro, 2007), duas dissertações na *Semântica Cognitiva* (Costa, 2016; Ramos, 2017), uma dissertação na *Semântica Computacional* (Lima, 2015) e quatro dissertações na *Semântica Lexical* (Martins, 2013; Soares, 2013; Rosa, 2014; Vargas, 2017). Curiosamente não foram encontrados quaisquer estudos sobre a Libras em *Semântica Cultural*, *Semântica da Anunciação*, *Semântica dos Protótipos* e *Semântica Psicolinguística Experimental*. Outro fato intrigante é que apenas um estudo foi realizado por uma pessoa surda (Soares, 2013). considerando que o foco deste estudo é na ambiguidade lexical da libras na *semântica lexical*, apenas duas dissertações contemplaram essa perspectiva (Martins, 2013; Soares, 2013).

Com base no modo como o fenômeno da ambiguidade lexical se apresenta na Libras, Martins (2013), observou que essas manifestações ocorrem de maneira análoga às

³⁴ Exploraremos minuciosamente os cinco parâmetros, como componentes linguísticos que constituem o sinal, mais adiante.

línguas orais em relação às ocorrências das polissemias em maior número que as homônímias. A autora, em seu estudo descritivo acerca da ambiguidade lexical na Libras, analisou seus dados a partir de itens lexicais lematizados, ou seja, por meio de consulta aos dicionários bilíngues português/Libras existentes. No tocante à ambiguidade lexical na Libras, a pesquisadora abarcou tanto a ocorrência de sinais homônimos quanto de sinais polissêmicos. E avançou para a terceira forma possível, a partir da constatação de sinais ambíguos motivados pelo conhecimento de mundo e determinantes evocativos (religiosos, culturais e outros).

Ela apresentou os sinais em Libras glosados como PEIXE e SEXTA-FEIRA, como exemplo de pares ambíguos, embora não relacionados semanticamente entre si, mas que se encaixam nessa terceira categoria por apresentar traços evocativos. A pesquisadora demonstrou com eficiência a existência da ambiguidade na Libras, além do fato de que nem todos os itens ambíguos são capazes de desambiguar.

Soares (2013), em sua pesquisa de mestrado, demonstrou a ocorrência de ambiguidade lexical na Libras (chamada de LSB na sua pesquisa) a partir do fenômeno da homonímia. Em sua análise, o pesquisador utilizou os sinais da Libras equivalentes a biscoito e mãe, por exemplo, para demonstrar o fenômeno da homonímia na Libras em que um mesmo signo linguístico assume significados diferentes sem relação entre os seus respectivos sentidos. Na coleta de dados, optou por vídeos de surdos usuários da Libras publicados em plataformas públicas de vídeos e em DVDs, partindo de eliciações em Libras e não de consulta aos dicionários bilíngues Português/Libras.

Soares (2013) utilizou os sinais da Libras equivalentes a ‘biscoito’³⁵ (Figura 16) e ‘mãe’ (Figura 17) para demonstrar o fenômeno da homonímia na Libras em que um mesmo item lexical assume significados diferentes sem relação entre seus respectivos sentidos.

³⁵ Palavras entre aspas simples, nesta tese, indicam o significado do termo equivalente em português brasileiro.

Figura 16 – Sinal em Libras equivalente a ‘biscoito’



Fonte: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/.
Acesso em: 08 nov. 2022.

Figura 17 – Sinal em Libras equivalente a ‘mãe’



Fonte: <https://youtu.be/YGKmEKplluk>.
Acesso em: 08 nov. 2022.

Em relação à ambiguidade lexical da Libras, Soares também concluiu que a homonímia na Libras é menos frequente que a polissemia. É verdade que a distinção entre homonímia e polissemia nem sempre é clara e isso pode dificultar a análise de sinais ambíguos, especialmente quando não há registros históricos disponíveis. A falta de informações torna desafiador traçar a história dos sinais de quaisquer línguas de sinais, em especial a Libras, e compreender as mudanças em seus significados ao longo do tempo.

A ambiguidade na classificação dos sinais ocorre porque a polissemia e a homonímia estão em um *continuum*, com sobreposição e intersecção entre os conceitos. Além disso, a análise desses fenômenos linguísticos também depende de fatores contextuais e culturais específicos.

Ambas as pesquisas de Soares (2013) e Martins (2013) apresentaram estudos dos fenômenos da ambiguidade lexical. Não obstante a fundamentação teórica e as discussões nessas pesquisas tenham sido a partir de pressupostos e conceitos estabelecidos nas línguas orais, as descrições, as análises de ocorrências de itens lexicais ambíguos, os dados e argumentos foram estabelecidos na própria Libras, sem a interferência dos estudos da

tradução ou de análise comparativa.

A partir deste inventário das pesquisas linguísticas desenvolvidas na Libras, evidenciou-se mais proeminência na área morfossintática do que no campo semântico, e mais raro ainda em semântica lexical. Embora a Semântica seja um componente linguístico de suma importância para o currículo de formação de professores de Libras, tradutores e intérprete de Libras, o investimento que precisa ser feito em relação aos aspectos semânticos da Libras é absolutamente necessário e urgente. Mais especificamente, no que diz respeito à Semântica Lexical, os fenômenos da ambiguidade particularizam ainda mais a investigação.

3 A UNIDADE SUBLEXICAL FONESTEMA E SUA ADAPTAÇÃO COMO PARÂMETRO FONOSSEMÂNTICO EM LÍNGUAS DE SINAIS

O princípio da arbitrariedade do signo linguístico, frequentemente associado à tradição saussuriana, tem sido relativizado por pesquisas que demonstram a existência de padrões não totalmente arbitrários entre forma e significado. Entre esses fenômenos, destacam-se os fonestemas (*phonesthemes*), definidos como agrupamentos sonoros sublexicais que se associam a determinados núcleos semânticos de forma recorrente e estatisticamente significativa.

Por conseguinte, no presente trabalho, esse conceito é adaptado para o estudo das línguas de sinais por meio da categoria parâmetro fonossemântico. Essa escolha terminológica reconhece que, enquanto os fonestemas emergem de padrões fonológicos orais, nas línguas de modalidade visuo-espacial os parâmetros fonológicos (configuração de mão, movimento, locação e expressões não manuais) podem assumir função equivalente, atuando como unidades sublexicais dotadas de valor semântico recorrente.

3.1 DEFINIÇÃO E ESTATUTO DOS FONESTEMAS

O termo fonestema foi introduzido por Firth (1930, p. 184), que os definiu como “*pairings of sound-meaning that are not componential or systematic*”, isto é, associações recorrentes entre forma e significado que não se encaixam na lógica composicional dos morfemas. Trata-se, portanto, de unidades submorfêmicas de forma-significado: não são morfemas independentes ou produtivos, mas ainda assim reúnem subconjuntos lexicais por associações estáveis e reconhecíveis.

Exemplos clássicos no inglês incluem:

- gl- (*glitter, glow, gleam, glisten, glare*), associado à noção de visão e luminosidade;
- sn- (*sneeze, sniff, snore, snout, snack, snarl*), relacionado ao nariz e à boca;
- sl- (*slip, slide, slick, slither*), ligado ao deslizamento ou à falta de firmeza;
- fl- (*flutter, flap, fling, flow*), vinculado aos movimentos rápidos ou oscilantes;
- cl- (*clutch, clamp, clash*), associado ao aperto ou ao impacto.

Pesquisas posteriores confirmaram o papel organizador dos fonestemas no léxico. Bergen (2004) demonstrou experimentalmente que eles produzem efeitos de *priming*, semelhantes aos observados em morfemas, os quais revelam sua realidade psicológica. Abramova, Fernández & Sangati (2013), em estudo de corpus, mostraram que palavras que

compartilham fonestemas apresentam maior proximidade semântica do que conjuntos aleatórios, que validam a hipótese de que essas unidades sublexicais possuem um núcleo de significado detectável. Mais recentemente, Smith (2022) analisou dados do *Oxford English Dictionary* e reforçou que fonestemas como *fl-* e *sw-* mantêm coerência semântica ao longo do tempo, os quais indicam que podem funcionar como uma camada sublexical de organização do léxico.

Assim, embora não possuam estatuto morfológico formal, os fonestemas revelam-se como elementos cognitivos, lexicais e históricos, responsáveis por estruturar domínios semânticos recorrentes e contribuir para a compreensão dos mecanismos de iconicidade e analogia na linguagem.

3.2 DO FONESTEMA AO PARÂMETRO FONOSSEMÂNTICO

A transposição desse conceito para a Libras propõe o termo parâmetro fonossemântico, específico para o estudo das línguas de sinais. Essa adaptação considera que, enquanto nas línguas orais os fonestemas emergem de combinações sonoras, nas línguas de sinais, os parâmetros fonológicos podem desempenhar papel equivalente, que se associam de modo recorrente a domínios semânticos específicos.

Assim, o parâmetro fonossemântico é definido como:

- uma unidade sublexical visuo-espacial;
- não produtivo como morfema, mas que organiza subconjuntos lexicais;
- que resulta da repetição sistemática de configurações, movimentos ou locações vinculadas a núcleos semânticos;
- que possui função análoga aos fonestemas das línguas orais.

Os parâmetros fonossemânticos da Libras podem ser observados em diferentes dimensões da fonologia:

a) Locação

- Testa - processos mentais: sinais como *APRENDER*, *MEMORIZAR*, *SABER*, *INTELIGÊNCIA*, *LEMBRAR* compartilham a locação na testa e funcionam como índice fonossemântico da esfera cognitiva.
- Peito - processos emocionais: sinais como *GOSTAR*, *AMAR*, *SAUDADE*, *RAIVA*, *PRAZER*, *ÓDIO*, *EXCITAÇÃO*, *COMPAIXÃO*, *MEDO* são articulados no peito e refletem a ligação cultural e icônica entre emoções e região do coração.

b) Configuração de mão

- Palma aberta - processos textuais: a configuração de palma aberta e plana, que sugere superfícies finas e planas - ocorre em sinais relacionados à escrita, à leitura e aos registros: *PAPEL, LIVRO, CADERNO, DICIONÁRIO, BÍBLIA, DOCUMENTO, EDITAL, LEI, REGULAMENTO*.

c) Movimento

- Movimento espelhado de rotação - agrupamento social: o movimento simultâneo e espelhado de rotação dos antebraços com ambas as mãos aparece em sinais ligados à coletividade e à reunião: *FAMÍLIA, REUNIÃO, CONGRESSO, EVENTO, ASSEMBLEIA*. O movimento iconiza a convergência de indivíduos em torno de um núcleo comum.

Os fonestemas, enquanto unidades sublexicais de forma-significado, têm sido amplamente documentados em línguas orais, sustentados por evidências *corpus-based*, lexicográficas e psicolinguísticas. A presente tese propõe sua adaptação para o campo das línguas de sinais por meio da categoria parâmetro fonossemântico, que reconhece padrões paramétricos recorrentes da Libras com valor organizador no léxico.

A análise desses parâmetros contribui para compreender a ambiguidade lexical em Libras, já que sinais com diferentes significados podem compartilhar um mesmo parâmetro fonossemântico, assim como palavras em línguas orais compartilham fonestemas. Além disso, fortalece a ideia de que a Libras é uma língua plena, dotada de recursos sublexicais que estruturam domínios semânticos e revelam sua riqueza expressiva e cognitiva.

3.3 PARÂMETROS FONOSSEMÂNTICOS COMO CRITÉRIO DE ANÁLISE DA AMBIGUIDADE LEXICAL EM LIBRAS

Nesta pesquisa, adota-se o conceito de parâmetros fonossemânticos como um recurso teórico-metodológico para a análise da ambiguidade lexical em sinais da Libras. A expressão refere-se aos aspectos formais do sinal - *configuração de mão, movimento e localização* - que, além de constituírem sua estrutura fonológica, possuem potencial de contribuir para a construção de sentido. Ou seja, são parâmetros formais que podem apresentar relação motivada com conceitos ou imagens mentais evocadas no uso do sinal, que participam da ativação de diferentes interpretações contextuais.

A adoção desse conceito fundamenta-se em princípios da linguística cognitiva (Langacker, 1987, 2008; Talmy, 2000), segundo os quais forma e significado são polos indissociáveis de uma unidade linguística. Além disso, a noção de iconicidade linguística

(Haiman, 1980; Croft, 1990) sustenta que, em muitos casos, aspectos formais da língua mantêm relações não arbitrárias com estruturas conceituais. Embora a literatura sobre fonosemântica em línguas orais (Bergen, 2004; Magnus, 2001) trate de padrões sublexicais sonoros que evocam significados recorrentes, o princípio é aplicável também à análise dos parâmetros formais visuais e cinéticos das línguas de sinais.

No contexto desta investigação, os parâmetros fonossemânticos operam como um critério analítico para a identificação e classificação da ambiguidade lexical observada nos sinais estudados. Parte-se da hipótese de que, quando os parâmetros fonossemânticos apresentam continuidade motivada, isto é, quando mantêm relação de pertinência com os diferentes sentidos que um mesmo sinal assume em ocorrência, trata-se de um caso de polissemia. Nesses casos, os diversos sentidos compartilham traços semânticos que podem ser ancorados nos próprios parâmetros formais do sinal. Por outro lado, quando os parâmetros não apresentam tal relação, ou seja, quando a forma do sinal é arbitrária em relação aos sentidos que adquire em contextos diferentes, e não oferece pistas formais que unifiquem ou relacionem esses significados, caracteriza-se um caso de homonímia.

Esse critério proporciona um instrumento descritivo para o mapeamento das relações semânticas entre os usos de sinais ambíguos e contribuem para uma abordagem mais sistemática e linguisticamente fundamentada da polissemia e da homonímia na Libras.

A partir do percurso teórico desenvolvido neste capítulo, observa-se que a ambiguidade lexical constitui um fenômeno complexo, cuja descrição exige uma articulação entre diferentes níveis de análise: semântico, lexical e formal. A distinção entre *polissemia* e *homonímia*, amplamente tratada na literatura da Semântica Lexical, mostra-se particularmente desafiadora no contexto das línguas de sinais, em razão da natureza visual-espacial da modalidade e da relevância dos parâmetros formais na construção do significado.

Com base nesse cenário, esta pesquisa propõe o conceito de *parâmetros fonossemânticos* como um instrumento descritivo-metodológico para análise da ambiguidade lexical na Libras. Tal conceito se fundamenta em três eixos complementares: (i) os estudos da *fonossemântica* em línguas orais, a partir de *phonesthemes* como unidades sublexicais recorrentes que evocam significados (Firth, Magnus, Smith); (ii) a descrição fonológica e lexical das línguas de sinais, que reconhece o papel semântico dos parâmetros formais (Johnston & Schembri; Quadros & Karnopp); e (iii) a necessidade de um critério operacional que permita identificar, a partir de dados empíricos, quando os diferentes sentidos de um sinal compartilham motivações formais (polissemia) ou se apresentam

dissociados da forma (homonímia).

A integração desses aportes permite que a presente tese estabeleça como hipótese que os *parâmetros fonossemânticos*, quando mantêm relação motivada com os sentidos atestados de um sinal, podem ser utilizados como indicadores linguísticos da polissemia. Em contrapartida, quando tais parâmetros não apresentam qualquer correspondência perceptível com os significados atribuídos, caracterizam-se situações de *homonímia*, em que a forma do sinal é arbitrária em relação aos conteúdos semânticos.

Essa abordagem contribui para o aprofundamento da descrição do léxico da Libras, oferece uma proposta metodológica replicável e fundamentada na tradição teórica da linguística. O próximo capítulo apresentará os procedimentos adotados para a coleta e análise dos dados e detalhará a aplicação do conceito de parâmetros fonossemânticos no contexto empírico da investigação.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 ABORDAGEM TEÓRICA E PROCEDIMENTOS

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza descritiva, interpretativa e exploratória. Ao partir da semântica lexical e dos estudos linguísticos em línguas de sinais, o trabalho busca propor um modelo inicial de análise da ambiguidade lexical na Libras, com foco na polissemia e na homonímia. A natureza exploratória da pesquisa está relacionada à necessidade de construir ferramentas analíticas ainda inexistentes ou pouco desenvolvidas para a descrição desses fenômenos em línguas de sinais. Por esse motivo, optou-se por trabalhar com um número reduzido de sinais e elaborar protocolos de análise que pudessem ser replicáveis e aperfeiçoados em estudos futuros.

A distinção entre polissemia e homonímia foi operacionalizada por meio de um protocolo triplo de análise: (i) a identificação da presença ou ausência de um núcleo semântico comum entre os sentidos atribuídos ao mesmo sinal; (ii) a observação dos campos semânticos dos sinais coocorrentes nos enunciados, considerando-se a convergência ou divergência temática; e (iii) a presença de empréstimos linguísticos e/ou arbitrariedade formal que justifique a separação entre os significados.

A análise fonossemântica levou em consideração os parâmetros formais (configuração de mão, movimento, localização e orientação) enquanto portadores de significado potencial. Os coocorrentes linguísticos e extralinguísticos foram tratados como marcadores adicionais de sentido, capazes de reforçar ou enfraquecer a hipótese de polissemia, quando pertencentes ao mesmo domínio temático, ou de homonímia, quando divergem em campo semântico.

Quando se reconhece a subjetividade implicada na análise de campos semânticos e no julgamento da motivação, esta pesquisa considera suas inferências como hipóteses interpretativas, sujeitas à validação futura a partir de anotações cruzadas (interanotador) e expansão do corpus. Por fim, vale ressaltar que as glosas foram tratadas como rótulos provisórios e não como equivalentes semânticos. Quando necessário, adotaram-se glosas adaptadas com base no significado básico inferido a partir dos parâmetros fonossemânticos, visando maior precisão analítica.

4.2 CORPUS DE ANÁLISE

Os dados analisados foram extraídos do Corpus da Libras, parte integrante do Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais – Surdos de Referência, hospedado no Portal Libras (Quadros; Krusser; Saito, 2022). Este corpus audiovisual reúne narrativas e depoimentos em Libras, produzidos por usuários surdos de diferentes regiões do Brasil, os quais representam uma amostra linguística e geograficamente diversa. O Portal Libras é um ambiente bilíngue e acessível, que oferece recursos avançados de indexação, filtros temáticos e navegação visual em Libras, que facilita a localização e seleção criteriosa dos sinais a serem analisados.

4.3 FERRAMENTA COMPLEMENTAR: SIGNBANK DA LIBRAS

Como recurso metodológico complementar, utilizou-se o Signbank da Libras, um banco de dados linguístico criado a partir do antigo Identificador de Sinais (Quadros *et al.*, 2014), desenvolvido inicialmente para sistematizar glosas e transcrições com base nos parâmetros fonológicos dos sinais. O Signbank da Libras evoluiu para uma plataforma mais ampla e funcional, integrando-se ao *Global Signbank* (Crasborn *et al.*, 2012, 2018), e passou a agregar sinais documentados no Corpus da Libras com informações fonológicas associadas, como configuração de mão, número de mãos, ponto de articulação, movimento e orientação.

O sistema permite a busca por sinais tanto a partir de palavras em Português quanto por meio de filtros visuais (ex. configuração de mão), e se conecta ao *software* ELAN, amplamente utilizado para anotação de dados em línguas de sinais (Stumpf *et al.*, 2021). Essa integração facilitou a identificação dos sinais ambíguos e o cruzamento entre diferentes ocorrências e contextos discursivos.

4.4 ANÁLISE FONOSSEMÂNTICA

A análise dos dados foi guiada pelos parâmetros fonossemânticos, considerados como elementos formais portadores de significado básico, tais como configuração de mão, movimento, orientação e ponto de articulação. Esses parâmetros, segundo Quadros e Karnopp (2004), desempenham papel fundamental na construção do sentido em línguas de sinais e podem atuar como marcadores visuais para relações polissêmicas ou contrastes

homônimos.

Os sinais foram analisados em fichas descritivas contendo:

- a forma sinalizada,
- os coocorrentes linguísticos e extralinguísticos,
- o contexto discursivo,
- a interpretação do sentido,
- os parâmetros formais ativados.

A análise inclui também representações visuais como tabelas, gradientes de sentido e gráficos, a fim de evidenciar a produtividade semântica dos sinais e o tipo de relação entre os significados mapeados.

4.5 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E ADAPTAÇÃO DAS GLOSAS

Durante a etapa de coleta e análise dos dados, observou-se a ocorrência de algumas inconsistências pontuais entre as glosas atribuídas a determinados sinais no Signbank da Libras e as formas efetivamente realizadas nas ocorrências vinculadas a essas entradas. Um exemplo significativo refere-se ao sinal registrado com a glosa ABANDONAR, cuja forma sinalizada, nas ocorrências linkadas à entrada, apresenta maior correspondência com outra entrada do banco, identificada como DEIXAR. Por sua vez, as ocorrências associadas à glosa DEIXAR não correspondem integralmente à forma apresentada no vídeo da entrada de referência, o que pode gerar dúvidas na categorização e análise dos sinais.

Adicionalmente, observou-se que a entrada ABANDONAR reúne múltiplos significados atribuídos ao mesmo sinal - como abandonar, largar, desistir e sobrar -, os quais, embora distintos no uso, compartilham um núcleo semântico comum relacionado à ideia de “soltar algo deliberadamente”. Tal significado básico, do ponto de vista fonossemântico, pode ser compreendido como a ação de liberar algo do domínio ou da responsabilidade do sujeito, e constitui o ponto de partida para a análise dos fenômenos de polissemia nesta pesquisa.

Conforme Leite (2020), as glosas são rótulos provisórios e estratégicos, úteis para a identificação e descrição de sinais, mas não necessariamente equivalentes semânticos exatos. Segundo o autor,

a glosa, ao servir de etiqueta, não dá conta do conteúdo lexical completo de um sinal, sendo necessário observar os usos e os contextos nos quais

ele ocorre para delimitar seus sentidos e eventuais extensões semânticas (Leite, 2020, p. 8).

Dessa forma, com base nos objetivos específicos deste estudo, fundamentado na semântica lexical e na análise dos parâmetros fonossemânticos, optou-se, quando necessário, por propor glosas alternativas que melhor representem o significado básico literal da forma sinalizada, ainda que distintas daquelas registradas originalmente no Signbank. Essa decisão metodológica visa ampliar a transparência da categorização semântica, contribuindo para o aprofundamento da análise lexical sem desconsiderar a relevância e o valor do trabalho desenvolvido no Inventário Nacional de Libras e na construção do *Signbank*.

Ao adotar essa estratégia, busca-se preservar a coerência analítica da pesquisa sem comprometer a integridade dos dados originais e reconhecer que o processo de construção de bancos linguísticos em línguas de sinais, sobretudo em contextos de diversidade regional e variação lexical, envolve escolhas interpretativas e está em constante aperfeiçoamento.

A fim de sistematizar os dados utilizados nesta pesquisa, o Quadro 1 apresenta a distribuição das ocorrências dos sinais ambíguos selecionados para análise, a partir do Corpus da Libras hospedado no Portal Libras. Foram considerados os sinais cujas glosas indicam variação semântica relevante - tanto por apresentarem múltiplos sentidos em contextos distintos, quanto por revelarem possíveis divergências entre a forma sinalizada e a glosa atribuída. O levantamento contemplou o número total de ocorrências registradas, aquelas que coincidem exatamente com a forma sinalizada nas entradas do *Signbank*, bem como as ocorrências selecionadas para análise semântica e a quantidade de vídeos vinculados a Surdos de Referência. Além disso, foi incluída uma coluna com a glosa sugerida pela autora para cada sinal, com base nos critérios fonossemânticos adotados nesta investigação.

Quadro 1 – Distribuição das ocorrências dos sinais ambíguos no Corpus da Libras

Glosa sugerida para análise/Sinal ambíguo glosado no corpus	Número de ocorrências registradas no Corpus	Número de ocorrências exatas no Corpus	Número de ocorrências selecionadas	Número de vídeos dos Surdos de referência	Significados/sentidos selecionados
SOLTAR (glosado como ABANDONAR e DEIXAR no Corpus)	105	58	3	3	deixar desistir demitir-se
DIREITO	132	46	3	2	direito diretor deficiência
ESFORÇAR (glosado como ESFORÇAR no Corpus)	130	58	3	2	esforçar força reforço escolar defesa de tese
ESFORÇAR (glosado como DEFENDER no Corpus)	29	17	1	1	
DURO	17	5	4	4	Sem fluência linguística Linguística dura Exigente Rígido
Total	396	179	10	8	10

Fonte: Dados extraídos do Corpus da Libras, hospedado no Portal Libras (Quadros; Krusser; Saito, 2022). As glosas originais foram consultadas no *Signbank* da Libras. Em alguns casos, glosas alternativas foram sugeridas pela autora para melhor representar o significado básico do sinal, conforme os critérios fonossemânticos adotados nesta pesquisa.

Em alguns casos, observa-se que o número de ocorrências registradas no Corpus é superior ao número de ocorrências exatas. Isso ocorre porque nem todas as ocorrências associadas à entrada no *Signbank* mantêm a mesma forma sinalizada da entrada principal, levando-se à desconsideração daquelas cuja forma divergia significativamente. Essa escolha visou garantir a coerência da análise e priorizar apenas os sinais cuja realização é compatível com a forma registrada na entrada lexical.

O número de ocorrências selecionadas também difere do número de vídeos dos Surdos de Referência, pois um mesmo vídeo pode conter múltiplas ocorrências relevantes do sinal analisado, desde que em contextos distintos e com função semântica válida.

No caso do sinal analisado sob a glosa ABANDONAR, optou-se por manter todas as ocorrências sob essa entrada, mesmo reconhecendo que a forma sinalizada era, na verdade, mais coerente com aquela registrada na entrada DEIXAR. Isso ocorreu porque as ocorrências da entrada DEIXAR apresentavam formas não compatíveis com a forma-base da análise, ao passo que a entrada ABANDONAR continha todas as ocorrências válidas da forma desejada. Por essa razão, esse sinal foi registrado em uma única linha no quadro, com a glosa sugerida SOLTAR, que melhor representa o significado básico comum a

ambas.

Já no caso do sinal realizado com a mesma forma, mas glosado de maneiras distintas como ESFORÇAR e DEFENDER, optou-se por incluir duas linhas separadas no quadro, a fim de indicar com clareza a distribuição das ocorrências conforme os rótulos lexicais atribuídos no corpus. Essa distinção é fundamental para a análise da polissemia e da variação semântica, pois permite observar como o mesmo sinal é interpretado e classificado de formas distintas no Inventário.

No caso do sinal glosado como DIREITO, a análise revelou três sentidos distintos atribuídos à mesma forma sinalizada: direito legal, deficiência e diretor escolar. Esses sentidos não compartilham continuidade semântica evidente, tampouco apresentam coocorrentes do mesmo campo conceitual. Por essa razão, foram classificados como casos de homonímia. Um fator adicional considerado foi a presença de empréstimo linguístico: nos sentidos de direito legal e diretor escolar, a configuração de mão parece derivar da letra D do alfabeto manual, associando-se à palavra do Português. Essa marca fortalece a arbitrariedade formal e a separação semântica entre os significados, reforçando a hipótese de homonímia. Apesar disso, reconhece-se que essa classificação é provisória e exploratória, por isso é necessária uma investigação ampliada sobre o papel de empréstimos e formas de boca na formação e desambiguação de sinais homônimos.

A análise do sinal glosado como ESFORÇAR revelou um comportamento ambíguo multifacetado, o qual envolve tanto fenômenos de polissemia quanto de homonímia. Observou-se que os sentidos vinculados a esforço físico, empenho cognitivo na aprendizagem da Libras e resistência emocional diante das adversidades compartilham um núcleo conceitual de dedicação. Eles estão associados a coocorrentes do mesmo campo semântico (ex: superação, persistência, aprendizado). Por isso, esses usos foram classificados como casos.

Por outro lado, identificou-se homonímia nos usos em que o sinal refere-se a ações institucionalizadas como "reforço escolar" e "defesa de tese", cujos sentidos não compartilham o mesmo campo conceitual nem apresentam motivação formal vinculada ao gesto de esforçar-se. A ausência de continuidade semântica, aliada à divergência nos coocorrentes (ex: contexto escolar vs. contexto emocional), sustenta a distinção categorial entre os dois grupos de sentidos.

Importante ressaltar que, embora relatos em outros contextos indiquem o uso do sinal para significar "defender-se" (ex: em situações de autodefesa), essa acepção não foi observada no corpus analisado, razão pela qual não foi incluída na presente descrição.

Ainda assim, a identificação parcial de sentidos potencialmente conectáveis a um núcleo de resistência física ou simbólica sugere que há zonas limítrofes entre polissemia e homonímia em alguns casos, as quais poderiam ser aprofundadas em estudos futuros.

O sinal glosado como DURO, no *signbank*, foi registrado com os conceitos de duro, rígido e cabeça dura. Porém, nas cinco (5) ocorrências que foram registradas a partir do inventário nacional da Libras, aparecem com sentido de ‘falta de fluência’ (2 ocorrência), ‘linguística dura’ (1 ocorrência), ‘exigente’ (1 ocorrência) e ‘rígido’ (1 ocorrência). Com sentido literal de ‘duro’ como objeto rígido, resistente, não teve nenhuma ocorrência.

Como em outras análises desta tese, os julgamentos semânticos são hipóteses interpretativas, formuladas com base nos parâmetros fonossemânticos observados e nas associações contextuais de cada ocorrência. A pesquisa reconhece a necessidade de validação dessas hipóteses por meio de corpus ampliado e múltiplos anotadores, o que reforça seu caráter exploratório e formativo no campo da semântica em Libras.

Adicionalmente, optou-se por considerar como pertencentes a uma mesma forma sinalizada os casos em que há variação na articulação labial (boca) associada ao sinal, desde que esse parâmetro não seja necessário para a realização mínima e reconhecível do sinal na Libras. Em outras palavras, quando a presença ou ausência da forma de boca não altera substancialmente o significado atribuído ao sinal, tal variação não foi considerada como critério de distinção formal para esta análise. No entanto, reconhece-se que, em contextos de uso, esse elemento pode funcionar como um recurso pragmático relevante para desambiguação de sentidos, sobretudo em sinais homônimos. Um exemplo notável, conforme a Figura 18, é o sinal glosado como DIREITO, que pode apresentar, no sentido de “direito legal”, uma articulação labial que imita a pronúncia da sílaba /di/, ausente quando o mesmo sinal é utilizado com o sentido de “deficiência”. Apesar dessa diferença articulatória acessória, ambos os usos compartilham os mesmos parâmetros manuais, o que justifica sua classificação como homônimos formais nesta pesquisa. Para fins da presente abordagem descritiva e semântico-lexical, portanto, a análise restringe-se aos parâmetros fonossemânticos manuais. Contudo, ressalta-se que investigações futuras com foco pragmático ou multimodal poderão lançar luz sobre o papel da forma de boca como fator sistemático de desambiguação lexical na Libras.

Figura 18 – Sinal glosado como DIREITO em Libras e o padrão boca



Fonte: <https://signbank.libras.ufsc.br/pt/signs/view/920>

Adicionalmente, vale esclarecer que, nesta pesquisa, os sinais pessoais atribuídos a indivíduos - comumente utilizados para identificar surdos nas comunidades sinalizantes - são considerados, conforme Rech e Sell (2023), pertencentes à subclasse dos antropônimos, ou seja, aos nomes próprios de pessoa em línguas de sinais. As autoras demonstram, com base em uma abordagem onomástica, que os chamados *sinais de nome* funcionam como nomes próprios nas comunidades surdas, assumindo papel identificador e referencial exclusivo para cada indivíduo. Esses sinais, também denominados “sinais-nome” ou *name signs* em estudos internacionais, não se constituem como itens lexicais de valor conceitual generalizável, mas como unidades de natureza referencial, que se inscrevem no campo da antroponomástica, uma subárea da onomástica dedicada ao estudo dos nomes próprios de pessoas.

Assim, foram excluídos da análise de ambiguidade lexical os casos em que a mesma forma sinalizada assume função antropônima em um contexto e função lexical em outro, como a forma glosada como ALEMANHA, (Figura 19), utilizada tanto para o nome do país quanto como sinal pessoal do Surdo de Referência Antônio Campos de Abreu. Embora compartilhem a forma articulatória, esses usos não configuram ambiguidade lexical no sentido semântico abordado nesta investigação, e sim homonímia entre categorias gramaticais distintas. Destaca-se, contudo, o potencial desse tipo de ocorrência para estudos futuros que articulem semântica, onomástica e linguística cognitiva em línguas de sinais.

Figura 19 – Sinal glosado como ALEMANHA na Libras



Fonte: <https://signbank.libras.ufsc.br/pt/signs/view/101>

Embora este estudo não tenha como foco a análise de sinais toponímicos, é importante mencionar a ocorrência de ambiguidade que envolve nomes de lugares. Foram excluídas do corpus as ocorrências em que topônimos compartilham a mesma forma com lexemas, como no caso do sinal glosado como SENTIR, (Figura 20), que também aparece associado ao estado da Bahia. Apesar de a sobreposição formal entre o lexema e o topônimo ser uma questão linguística relevante, a identificação do uso toponímico de BAHIA dependeria de inferências contextuais e culturais mais específicas - como a associação ao “jeito baiano” - que não puderam ser confirmadas com segurança nos dados analisados.

Segundo Souza-Júnior (2012), a toponímia em Libras ainda carece de maior sistematização e de critérios descritivos mais precisos, o que dificulta a delimitação clara entre sinais lexicais e toponímicos. O autor propõe a ampliação da taxonomia toponímica, incluindo categorias como os grafotopônimos, que se baseiam na representação gráfica de nomes oriundos do Português, evidenciando a possibilidade de ambiguidade formal entre sinais motivados por traços icônicos e aqueles motivados por empréstimo gráfico.

Diante desse quadro, tais casos foram excluídos da análise, com o intuito de manter o foco na ambiguidade lexical de base semântica e formal. A abordagem adotada neste trabalho se concentra na descrição de unidades lexicais da Libras para evitar abarcar o campo da onomástica, cuja investigação exige referenciais teóricos e metodológicos próprios. Essa decisão metodológica visa assegurar a consistência dos critérios analíticos empregados ao longo da pesquisa.

Figura 20 – Sinal glosado como SENTIR na Libras



Fonte: <https://signbank.libras.ufsc.br/pt/signs/view/2610>

Diante dos critérios estabelecidos para a seleção, categorização e delimitação dos dados, esta pesquisa adota uma abordagem descritiva e interpretativa voltada para a identificação e a análise de sinais ambíguos na Libras, com base nos princípios da semântica lexical e na observação dos parâmetros fonossemânticos. As decisões metodológicas aqui apresentadas visam assegurar a consistência da análise e a relevância linguística dos dados, respeitando as particularidades da Libras e suas estruturas multimodais. A seguir, serão apresentados os resultados da análise qualitativa dos sinais ambíguos selecionados, com a descrição de suas formas, sentidos contextuais e relações semânticas, de modo a evidenciar os fenômenos de polissemia e homonímia na Libras a partir do corpus investigado.

5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

A seguir, serão analisados os diferentes tipos de ocorrências de Ambiguidade Lexical na Libras com base nos contextos obtidos a partir das fontes primárias de dados do *Corpus* do Inventário Nacional da Libras, hospedado no *Signbank* da Libras, com foco em sinais ambíguos glosados como SOLTAR, DIREITO, ESFORÇAR e DURO.

Para garantir uma análise mais precisa e profunda da ambiguidade e da transição do *significado potencial* para o *significado real (estabelecido)* do sinal lexicalmente ambíguo, o ideal é analisar cada ocorrência individualmente. Isso permite observar: (i) Como o contexto restringe o significado; (ii) Quais coocorrências influenciam na interpretação; (iii) E se há nuances metafóricas, figuradas ou convencionais.

As ocorrências do sinal ambíguo analisadas nesta pesquisa serão apresentadas seguindo uma estrutura padrão. Em primeiro lugar, será exibida uma imagem ilustrativa contendo os sinais que compõem o enunciado em que o sinal ambíguo ocorre. Esse sinal estará em destaque visual, por meio de um contorno em negrito ou borda saliente, de modo a facilitar sua identificação no contexto.

Na sequência, apresenta-se a glosa estruturada em Libras, respeitando a ordem sintática própria da língua. O sinal ambíguo aparece com uma marcação sobrescrita entre parênteses, que indica o significado assumido no contexto específico. Abaixo da glosa, é fornecida a tradução em língua portuguesa, com a finalidade de tornar o enunciado acessível a leitores não sinalizantes, para preservar ao máximo o conteúdo semântico e pragmático do discurso original.

Importante destacar que o sinal ambíguo, na versão glosada em Libras, estará hiperlinkado a um vídeo *online*, que contém a sinalização completa do trecho analisado. Por esse motivo, as imagens estáticas dos sinais que acompanham as análises trazem apenas a configuração inicial do sinal ambíguo, uma vez que sua realização dinâmica estará devidamente documentada e acessível no vídeo associado.

Para fins de descrição terminológica nesta pesquisa, cada sinal ambíguo analisado será acompanhado de uma ficha descritiva composta por quatro elementos estruturais. O primeiro elemento corresponde ao *significado potencial*, entendido como o sentido mais geral que pode ser atribuído ao sinal a partir de sua forma, independente de seu uso em contexto. Tal significado é inferido mediante a observação direta dos parâmetros visuais constitutivos, anterior a qualquer especialização semântica. O segundo elemento consiste na descrição dos *parâmetros fonológicos* que compõem o signo linguístico na Libras, a

saber: *Configuração da Mão, Movimento, Localização, Orientação da Palma e Expressões Não-Manuais*. Esses parâmetros formam a estrutura formal do sinal e fundamentam sua análise linguística. O terceiro elemento, denominado *parâmetros fonossemânticos*, especifica quais desses aspectos formais apresentam carga semântica significativa, os quais contribuem de maneira direta para a construção do significado potencial do sinal. Por fim, a ficha inclui uma *glosa sugerida*, elaborada a partir da abstração da ação manual observada, isto é, do conteúdo visualmente comunicado pelo gesto, mesmo em ausência de um contexto linguístico definido. Tal glosa tem caráter provisório e funcional e é utilizada como referência para a identificação e análise das ocorrências empíricas no corpus da pesquisa.

Após a análise individual de cada ocorrência do sinal ambíguo, será apresentada sua *classificação em um gradiente de sentido*, que vai do uso mais *literal e concreto* ao mais *metafórico e abstrato*.

Esse gradiente tem por finalidade descrever o *nível de abstração* assumido pelo sinal em cada contexto, considerando a distância entre seu *significado potencial* (derivado da composição dos parâmetros visuais) e o *significado real* que ele adquire na enunciação. No extremo mais literal, o sinal remete diretamente a ações físicas ou manipulativas concretas; à medida que avançamos no gradiente, o sinal passa a representar ações simbólicas, desligamentos sociais ou decisões subjetivas. No ponto mais metafórico, seu uso se distancia completamente da referência física original e assume funções discursivas, emocionais ou expressivas.

Esse gradiente também permite identificar casos em que diferentes significados não guardam relação entre si, ou seja, situações de *homonímia*. Quando ocorrerem usos de um mesmo sinal com significados totalmente dissociados, sem vínculos conceituais evidentes, eles serão analisados fora do escopo da polissemia e classificados como *homônimos*. Nestes casos, a distinção será feita com base em critérios semânticos e contextuais, observando-se a ausência de conexão entre os sentidos evocados. Dessa forma, o gradiente de sentido funcionará não apenas como ferramenta descritiva do grau de abstração, mas também como apoio para a delimitação entre *polissemia* e *homonímia* no processo de análise lexical da Libras.

5.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE GLOSAS DIVERGENTES E IMPLICAÇÕES ANALÍTICAS

A análise do sinal comumente glosado como ABANDONAR, posteriormente tratado nesta pesquisa com a glosa adaptada SOLTAR, revela a complexidade da categorização lexical em Libras. Observou-se uma diversidade de sentidos atribuídos a essa forma sinalizada, como deixar, desistir, abandonar ou sobrar, todos vinculados a uma noção central de liberação ou desligamento voluntário. Essa regularidade semântica permitiu classificar tais usos como casos de polissemia, sustentada por parâmetros fonossemânticos comuns, como o movimento de afastamento ou soltura manual. Contudo, ressalta-se que essa classificação parte de uma hipótese interpretativa exploratória, baseada na análise contextual de ocorrências em número limitado. A categorização adotada não implica rigidez categorial, e futuros estudos com corpora mais amplos e técnicas de anotação múltipla poderão confirmar ou revisar essas inferências.

Essa sobreposição revela um caso típico de polissemia, cujo significado básico comum é interpretado, nesta pesquisa, como a ação de “soltar algo deliberadamente”, ou seja, um gesto de liberação consciente, tanto física quanto simbólica. Tal leitura é fortalecida pela relação entre os parâmetros fonossemânticos do sinal e os sentidos atribuídos, especialmente a *configuração de mão* e o *movimento* de afastamento.

Assim, optou-se por reformular a glosa em certas análises, ao se substituir o rótulo ABANDONAR por um termo mais abrangente e neutro, como SOLTAR, que se aproxima mais do núcleo semântico visualizado no gesto. Essa escolha não visa corrigir o *Signbank*, mas ajustar a análise às necessidades de refinamento semântico próprias da abordagem da semântica lexical adotada aqui. A proposta é, portanto, analítica e interpretativa, e não normativa.

5.2 ANÁLISE LEXICAL DO SINAL GLOSADO COMO SOLTAR EM LIBRAS

No Corpus do *Signbank* da Libras, o sinal analisado nesta pesquisa sob a glosa provisória SOLTAR, conforme a Figura 21, encontra-se registrado em duas entradas distintas: DEIXAR e ABANDONAR. De modo semelhante, a Figura 22 mostra o sinal aqui tratado como BASTA, glosado no banco como ACABAR. No entanto, para fins analíticos desta tese, optou-se por empregar glosas provisórias adaptadas, que se aproximam mais diretamente dos significados potenciais derivados dos parâmetros

fonossemânticos dos sinais, como configuração de mão, localização e movimento. Essa escolha visa favorecer uma análise mais precisa dos efeitos de sentido ativados em contextos específicos de uso, especialmente no que tange à ambiguidade lexical.

Essa decisão metodológica alinha-se à crítica de Leite *et al.* (2021), que apontam os riscos da chamada “tirania das glosas”, termo cunhado por Slobin (2015 [2008]) para denunciar a dependência teórica e metodológica das glosas em Português na investigação das línguas de sinais. Para os autores, a glosa deve ser compreendida apenas como uma etiqueta provisória e operacional, e não como equivalente semântico do sinal, pois seu uso acrítico pode ocultar a riqueza semântica e as relações paradigmáticas internas à Libras. Assim, a adoção de glosas mais neutras e ajustadas aos parâmetros fonossemânticos busca minimizar esse viés, respeitando a independência estrutural da Libras enquanto sistema linguístico autônomo.

Todas as ocorrências analisadas ao longo deste trabalho trazem a referência à forma glosada originalmente no *Signbank* da Libras para garantir transparência metodológica, ao mesmo tempo que se propõem glosas alternativas quando elas se mostram mais adequadas para revelar o comportamento semântico dos sinais no corpus investigado.

Figura 21 – SOLTAR em Libras (glosado como DEIXAR no Signbank)



Fonte: <https://signbank.libras.ufsc.br/pt/signs/view/3168>

Figura 22 – BASTA em Libras (glosado como ACABAR no Signbank)



Fonte: <https://signbank.libras.ufsc.br/pt/signs/view/975>

5.2.1 Análise fonossemântica do sinal ambíguo SOLTAR

Na Figura 21, o parâmetro *Configuração de Mão* é formado por ambas as mãos que realizam uma pinça com o polegar e o dedo médio, para formar uma estrutura inicialmente



fechada. O parâmetro *Movimento*, a partir da posição inicial em pinça, as mãos se movem para baixo enquanto os dedos se abrem simultaneamente, em um gesto que sugere



uma ação de liberação ou abertura.

A análise das ocorrências do sinal ambíguo SOLTAR nesta pesquisa fundamenta-se, em parte, no modelo proposto por Johnston; Schembri (1999, p.122), que descrevem como os parâmetros semânticos das configurações de mão contribuem para a construção dos significados dos sinais produtivos. Segundo os autores, as configurações de mão podem ser classificadas em dois grandes grupos: (i) configurações interativas, que representam a própria mão interagindo com objetos, como agarrar, segurar ou manipular; e (ii) configurações não interativas, subdivididas em formas principais, que representam objetos em espaço real ou imaginário, e formas secundárias, que são mais abstratas e gerais.

Essa distinção teórica é central para a presente análise, pois o sinal SOLTAR, tal como realizado nas ocorrências estudadas, mobiliza uma *configuração de mão* que se encaixa no grupo das configurações interativas (grupo 1), uma vez que a forma da mão evoca diretamente a ação de *segurar e soltar* com os dedos, em gesto altamente icônico. A análise do gradiente de sentido do sinal SOLTAR busca justamente mapear como as configurações fonossemânticas, originalmente associada a ações físicas de soltar ou liberar, é progressivamente abstraída e ressignificada para expressar práticas sociais, estados emocionais ou decisões institucionais.

5.2.2 Significado potencial do sinal glosado como SOLTAR (nível produtivo)

A combinação desses parâmetros aponta para um significado potencial relacionado ao: “*Abrir ou liberar algo com ambas as mãos em direção descendente.*” Esse significado pode estar associado a ações como: *desprender, deixar ir, soltar*, ou *abrir mão* — sem referência específica ao tamanho, forma ou tipo do objeto.

A seguir, apresenta-se a ficha descritiva do sinal ambíguo analisado, com base em sua forma isolada e independente do contexto. Esta ficha reúne os elementos essenciais para caracterizar o sinal a partir de três eixos: o significado potencial, os parâmetros fonológicos e os parâmetros fonossemânticos, além da glosa sugerida. A proposta é estabelecer uma base para a análise das ocorrências reais do sinal nos enunciados da Libras, com destaque para os traços formais que contribuem para sua interpretação semântica e as possíveis derivações de sentido.

Para garantir maior precisão na análise e interpretação semântica do sinal ambíguo, a glosa provisória apresentada na ficha descritiva será, a partir deste ponto, substituída pela imagem do sinal correspondente em cada ocorrência. Essa decisão metodológica visa preservar o significado construído visualmente pelo sinal, em detrimento das possíveis limitações ou imprecisões das glosas em Português. Como apontado por diversos estudos, as glosas são apenas aproximações nominais e não substituem o valor semântico que emerge da forma sinalizada. Ao manter a forma visual do sinal em evidência, assegura-se que o foco da análise permaneça nos parâmetros formais e fonossemânticos da Libras, respeitando sua estrutura linguística própria.

Quadro 2 - Ficha descritiva de SOLTAR

Campo	Descrição
Forma	
Significado potencial	Ação de <i>abrir ou liberar algo com as mãos</i> em direção descendente. Pode sugerir soltar, desprender, deixar cair, liberar, ou permitir que algo vá.
Parâmetros fonológicos	<i>Configuração de Mão:</i> Ambas as mãos em <i>pinça com polegar e dedo médio</i> ; <i>Orientação da Palma:</i> para baixo; <i>Localização:</i> Espaço neutro em frente ao corpo; <i>Movimento:</i> descendente

	abrindo os dedos; <i>expressão não-manual</i> : neutra (pode acompanhar forma da pronúncia do português de forma opcional, sem valor gramatical).
Parâmetros Fonossemânticos	<i>Configuração de Mão</i> : Ambas as mãos em pinça com polegar e dedo médio como se estivesse segurando algo.
	<i>Movimento</i> : Ambas as mãos realizam movimento simétrico descendente, partindo de uma posição de pinça fechada, que se abrem durante a descida como se estivesse soltando algo.
Glosa sugerida a partir da ação manual abstrata	SOLTAR

Como se observa na ficha, o sinal analisado é construído com base em uma configuração de mão interativa, de acordo com a classificação de Johnston e Schembri (1999), o que sugere uma ação manual de liberação ou desprendimento. O movimento descendente com abertura dos dedos contribui para evocar o sentido de "soltar" algo de

maneira intencional, o que fundamenta a escolha da glosa provisória . Essa estrutura semântico-formal servirá de parâmetro para identificar e contrastar os significados que emergem nas diferentes ocorrências do sinal em contextos discursivos variados.

A seguir, serão analisadas três ocorrências distintas do sinal , extraídas de contextos reais de uso na Libras. Cada ocorrência será apresentada com base em sua glosa estruturada, tradução em Português e análise contextual detalhada. A meta é observar como o sinal, embora mantenha uma base composicional comum - derivada de sua configuração de mão e movimento, adquire significados específicos e especializados a depender do domínio discursivo em que se insere.

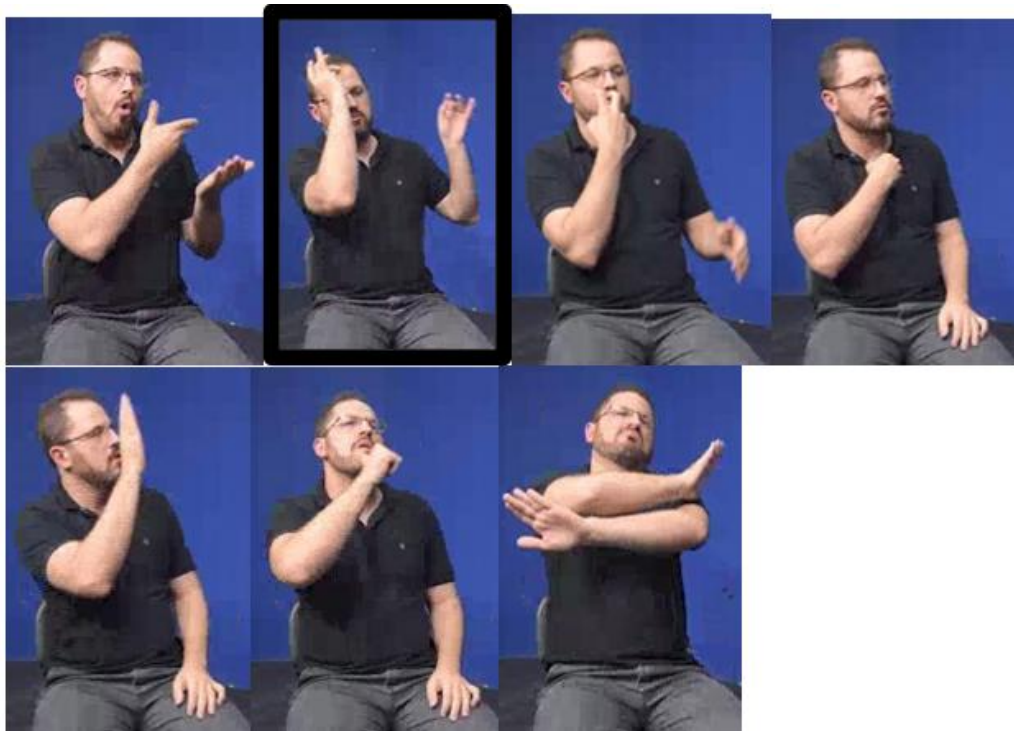
A presença recorrente do coocorrente BASTA (ACABAR, no corpus original)



será igualmente considerada, uma vez que desempenha papel relevante na construção do sentido de ruptura ou decisão expressa em cada enunciado. A análise contextualizada permitirá, assim, mapear o comportamento polissêmico do sinal e sua possível trajetória de lexicalização na Libras.

5.2.3 Ocorrência 1 - Uso: “deixar” (no sentido/contexto de deixar de oralizar)

Na Ocorrência 1, o sinal ambíguo SOLTAR_(deixar) é utilizado por Thiago Ramos de Albuquerque ao relatar o momento em que decidiu abandonar a prática da oralização. Veja a análise a seguir.



Glosa - INÍCIO SOLTAR_(deixar)³⁶ ORALIZAÇÃO, EU CHAMAR MÃE, CHEGA!

Tradução - *A partir daí deixei de oralizar. Chamei minha mãe e disse: basta!*

No contexto analisado, o sinal SOLTAR_(deixar) aparece entre os sinais INÍCIO e ORALIZAÇÃO, o que já sugere que sua ação está diretamente relacionada ao abandono da prática de oralização. Em seguida, a pessoa relata que chamou a mãe e disse “chega!”, o que indica um momento decisivo de ruptura. Nesse cenário, o significado real de SOLTAR_(deixar) não corresponde ao sentido físico ou literal de “largar com as mãos”, mas assume um valor metafórico, associado a ideias como *abrir mão*, *desistir* ou *abandonar uma prática*. Trata-se de uma referência ao ato de deixar de oralizar, ou seja, romper com algo anteriormente mantido ou imposto. Assim, embora o significado potencial do sinal *abrir*, *liberar*, *deixar ir* seja parcialmente mantido, ele é aqui aplicado de forma abstrata e incide sobre uma prática social e não sobre um objeto físico.

A partir da glosa estruturada em Libras e de sua tradução para o Português, é

36

<https://objetos.sites.ufsc.br/libras/gerais/Kc6sGAGdaIgmPn1loeSbtSSh2jwNA2NF8sRjcY0m.mp4#t=1976>

possível observar que o sinal SOLTAR_(deixar), neste contexto, atua como uma metáfora visual para o ato de *deixar* de oralizar. Ainda que sua forma mantenha elementos do significado potencial, como liberar, soltar ou deixar ir, o valor atribuído ao sinal em uso não se refere a um objeto físico ou à ação manual concreta. Em vez disso, remete a uma prática social (a oralização) que é abandonada de forma deliberada. Para melhor situar esse uso em relação à sua distância do significado literal, emprega-se aqui uma *classificação em gradiente de sentido*, que organiza os usos do sinal conforme o nível de abstração que eles apresentam.

Para melhor situar o uso do sinal SOLTAR_(deixar) nesta primeira ocorrência - em que representa o abandono da prática de oralização -, apresenta-se a seguir sua classificação no *gradiente de sentido*. A tabela organiza o uso em níveis de abstração, descreve como o gesto, originalmente associado à ideia de *liberar ou soltar*, é reinterpretado para expressar a ruptura com um hábito ou prática educacional. Essa análise contribui para a identificação da polissemia do sinal.

Quadro 3 - Gradiente de sentido para SOLTAR como “deixar de fazer algo habitual”

Grau de sentido	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Relação com o conceito de “soltar”
1	Literal físico	Não se refere ao objeto concreto, não há ação física real de soltar com as mãos.	Ausente - Nenhuma relação com “soltar” físico/material
2	Literal funcional	Não há uma ação mecânica interrompida, mas envolve cessar uma prática.	Parcial - “deixar de fazer” no plano funcional
3	Abstrato direto	A prática da oralização é abandonada voluntariamente como ruptura de hábito	Total - Relação direta com “deixar de fazer algo habitual”
4	Metafórico (subjetivo/emocional)	Existe carga emocional implícita, mas não é o foco do enunciado	Fraca - Apenas indiretamente ligado à ideia de libertação subjetiva

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

A classificação do uso de SOLTAR_(deixar) nesta ocorrência como *nível 3 – abstrato direto* indica que o sinal se desloca do domínio concreto para representar ações cognitivas ou sociais mais simbólicas, como o abandono de uma prática imposta. Ainda que se preservem os traços da ação de “liberar” do ponto de vista composicional, o sinal é reinterpretado como uma forma de ruptura com padrões comportamentais, o que já revela um processo de *especialização semântica*. Esse uso, portanto, reforça a natureza produtiva

e polissêmica do sinal, ao mesmo tempo em que se aproxima de uma possível *fixação lexical* no sentido de *deixar, abandonar* ou *romper com algo*.

5.2.4 Ocorrência 2 - uso: “desistir” (no sentido/contexto de desistir de algo)

A segunda ocorrência do sinal ambíguo analisado está presente no relato de Marisa Dias Lima, que descreve o primeiro dia de aula em um curso de graduação, marcado por angústia e pela vontade de desistir logo no início. Verifique a análise no contexto a seguir.



Glosa: 1º DIA CHEGA, ANGÚSTIA VONTADE [SOLTAR](#)_(desistir)³⁷.

Tradução: *No primeiro dia já queria dar um basta e, angustiada, tive vontade de desistir.*

Nesta ocorrência, o sinal SOLTAR_(desistir) aparece ao final de uma sequência que expressa forte desconforto emocional no *primeiro dia de aula em um curso de graduação*. A coocorrência com os sinais ANGÚSTIA e VONTADE, antecédidos por BASTA, intensifica o tom afetivo do enunciado e revela um momento de vulnerabilidade.

O sinal SOLTAR_(desistir) funciona aqui como *síntese emocional de um desejo de desistência precoce*, motivado por frustração, ansiedade ou sensação de inadequação. Ao contrário de um rompimento efetivo com a prática (como em "pedir demissão" ou "parar

³⁷ <https://objetos.sites.ufsc.br/libras/gerais/rvZgapI4zPyClroAPjB5ZdgA5ko3lfB9ZRFJOfvJ.mp4#t=839>

de oralizar"), o sinal comunica *uma intenção não concretizada*, surgida no impacto do primeiro contato com a nova experiência acadêmica.

Assim, o *significado potencial* do sinal *deixar ir, liberar, soltar* é mantido apenas como base metafórica. O gesto representa, neste uso, *o impulso emocional de querer abandonar algo que mal começou* e não uma ação efetivada.

A seguir, apresenta-se a classificação do uso de SOLTAR_(desistir) no gradiente de sentido para a segunda ocorrência, em que o sinal expressa uma vontade de desistência emocional no contexto do primeiro dia de aula de um curso. O Quadro 4 ajuda a mapear o grau de abstração do significado aqui evocado, bem como sua relação com o conceito de “soltar”, que permite compreender como o sinal opera em registros subjetivos e emocionais.

Quadro 4 - Gradiente de sentido para SOLTAR_(desistir) como “desistir de algo que começou”

Grau de sentido	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Relação com o conceito de “soltar”
1	Literal físico	Não há soltar físico nem manipulação de objeto.	Ausente - Nenhuma associação com “deixar” concreto.
2	Literal funcional	Implica cessar uma ação iniciada, porém, é uma intenção (vontade) e não uma ação executada.	Parcial - Relaciona-se a “deixar de continuar”, mas ainda sem rompimento definitivo.
3	Abstrato direto	Representa a intenção de romper com um compromisso (curso), em função de estado emocional.	Total - “Deixar algo que se começou”, indicando recuo pessoal.
4	Metafórico (subjetivo/emocional)	A angústia está presente como causa da vontade de desistência.	Parcial - envolve componente emocional, mas com ação direcionada.

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

O uso do sinal SOLTAR_(desistir) evidencia sua capacidade de representar não apenas ações, mas também *estados emocionais e desejos não realizados*, funcionando como um marcador de *limite psicológico ou frustração inicial*. A análise do contexto, *o primeiro dia de aula*, é essencial para entender a potência simbólica do sinal nesse caso. Ele transmite uma *experiência interna de rejeição ou inadequação* que poderia culminar em abandono, mas que, naquele momento, ainda é apenas uma *vontade emergente*. Esse tipo de ocorrência amplia a compreensão da polissemia do sinal e mostra como sua forma pode ser mobilizada para expressar conteúdos subjetivos e afetivos sem perder sua identidade visual e semântica original.

5.2.5 Ocorrência 3 – uso: “pedir demissão” (no sentido/contexto de sair do emprego)

A terceira ocorrência do sinal ambíguo SOLTAR_(pedir demissão) está inserida no relato da surda Ana Regina e Souza Campello, que descreve a decisão de deixar um emprego após o enfraquecimento progressivo da função exercida, referida na narrativa como a redução das atividades do “5º ano”.



Glosa: DIMINUIR 5º ANO ACABAR SE-MESMO SOLTAR_(pedir demissão)³⁸ MUDAR FLORIANÓPOLIS

Tradução: *O 5º ano foi diminuindo até eu dar um basta e pedir demissão do emprego e mudar para Florianópolis.*

Nesta ocorrência, o sinal SOLTAR_(pedir demissão) é utilizado em um contexto de decisão prática: a narradora relata o enfraquecimento de sua relação com o trabalho (“5º ano diminuindo”), seguido por um momento de ruptura BASTA e a ação EU-MESMA SOLTAR_(pedir demissão), concluída com a mudança para outra cidade. O sinal SOLTAR_(pedir demissão), nesse caso, representa o ato de pedir demissão, ou seja, o desligamento de um vínculo profissional, ação que parte da própria pessoa.

Este uso de SOLTAR_(pedir demissão) é menos abstrato e mais funcional do que nas ocorrências anteriores. Ainda que o gesto mantenha seu valor simbólico de deixar, largar, liberar, ele é aqui aplicado a uma ação concreta com consequência institucional. O sinal não apenas expressa uma vontade ou sensação subjetiva, mas descreve uma ação prática e

³⁸ <https://objetos.sites.ufsc.br/libras/gerais/lyX2UPbDSwa5rNadhcxNlnui4aKI2q4fqwM0RYgt.mp4#t=1472>

decisiva no mundo real.

No caso da terceira ocorrência, em que SOLTAR_(pedir demissão) expressa o ato de pedir demissão e romper com um vínculo profissional, a tabela a seguir posiciona o uso do sinal no gradiente de sentido. O propósito é evidenciar como, nesse contexto, o sinal assume um valor mais próximo de uma ação funcional concreta, ainda que mantenha uma carga simbólica associada à ideia de “soltar” ou “desprender-se”. Tal análise reforça a distinção entre os diferentes sentidos que o sinal pode adquirir.

Quadro 5 - Gradiente de sentido para SOLTAR_(pedir demissão) como “pedir demissão”

Grau de sentido	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Relação com o conceito de “soltar”
1	Literal físico	Não há envolvimento com objetos físicos.	Ausente - Nenhuma relação com “soltar com as mãos”.
2	Literal funcional	Ação concreta e objetiva: desligar-se de um vínculo formal (emprego).	Total - “Deixar” no sentido de encerrar formalmente um vínculo.
3	Abstrato direto	Envolve decisão consciente de interromper uma rotina profissional.	Total - “Deixar” uma prática ou papel socialmente instituído.
4	Metafórico (subjetivo/emocional)	Há motivação emocional implícita, mas a ação é executada no mundo real.	Fraca - Não chega ao nível simbólico ou conceitual amplo.

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

O uso de SOLTAR_(pedir demissão) na Ocorrência 3 é aquele que mais se aproxima de uma ação concreta com consequência real. Ainda que mantenha seu valor simbólico de liberação, sua aplicação neste contexto revela um emprego altamente funcional e comunicativo, indicando ação tomada e concluída. Isso reforça o valor composicional do sinal e sugere uma possível consolidação do seu uso com sentido de desligar-se, romper vínculo profissional, contribuindo para sua fixação como entrada lexical com valor específico dentro da Libras.

5.2.6 Análise contextual e gradiente de sentido do sinal SOLTAR_(pedir demissão)

A partir da análise de três ocorrências do sinal produtivo SOLTAR_(pedir demissão) em diferentes contextos de uso na Libras, foi possível observar uma variação sistemática de seus significados reais, os quais transitam entre sentidos simbólicos, funcionais e emocionais, que caracterizam um quadro claro de *ambiguidade lexical por polissemia*. O sinal foi analisado em situações distintas: o abandono da oralização (Ocorrência 1), o desejo de desistência no primeiro dia de curso (Ocorrência 2) e o desligamento de um vínculo profissional (Ocorrência 3).

Em todas as ocorrências, o sinal SOLTAR_(pedir demissão) compartilha traços formais e semânticos com seu significado potencial, *liberar, deixar ir, desprender-se*, mas sua interpretação depende fortemente do contexto discursivo e da presença do sinal coocorrente BASTA (ACABAR no *Signbank*). Este sinal atua como um *marcador de ruptura e decisão*, que funciona como intensificador semântico e reforça o caráter conclusivo e deliberado do ato representado por SOLTAR_(pedir demissão).

A análise revelou uma *graduação de sentido*: na primeira ocorrência, SOLTAR representa o abandono de uma prática social; na segunda, expressa um impulso emocional de desistência ainda não realizado; e na terceira, refere-se a uma ação concreta de desligamento profissional. A progressão dessas ocorrências, associada à coocorrência com BASTA, evidencia como o sinal SOLTAR se desloca no continuum semântico entre o *uso funcional objetivo e o uso metafórico subjetivo*.

Dessa forma, a análise contextual do sinal em coocorrência com BASTA confirma seu caráter produtivo e polissêmico, reforça a hipótese de que o uso reiterado em diferentes contextos pode conduzir à *estabilização lexical* de significados específicos, tornando SOLTAR um candidato legítimo à classificação como *lexema ambíguo* na Libras.

O gradiente de sentido adotado nesta pesquisa, que organiza os usos do sinal em níveis que vão do literal ao metafórico, tem como principal função *posicionar o uso do sinal de acordo com o grau de abstração envolvido*, sem, no entanto, definir por si só se há ou não polissemia. Ele funciona como ferramenta de apoio para identificar *especializações de sentido* e é especialmente útil na distinção entre *variações pragmáticas e significados lexicalmente diferenciáveis*.

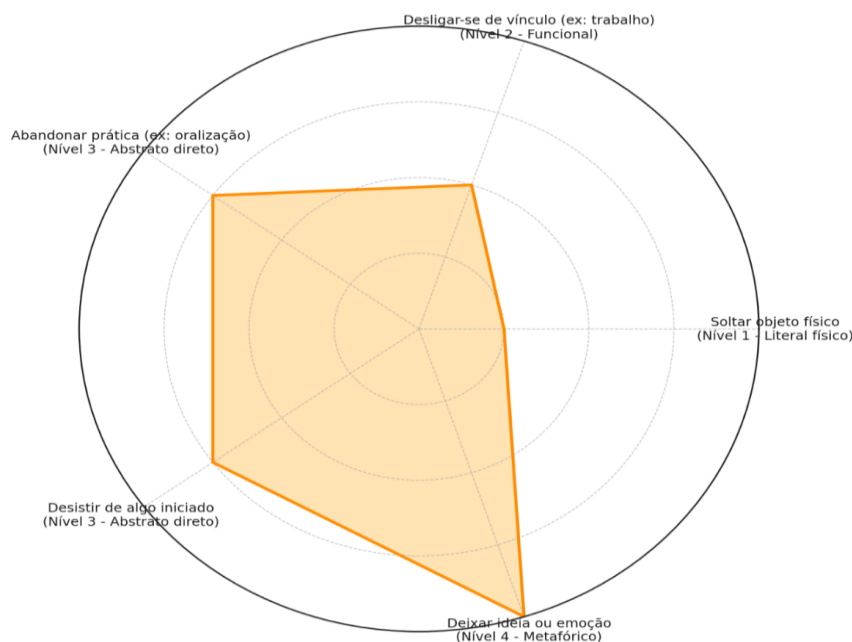
Nos casos analisados, o sinal SOLTAR aparece classificado nos níveis 2 (literal funcional) e 3 (abstrato direto) do gradiente. Isso não implica que se trata de um único significado em diferentes graus de literalidade. Pelo contrário, a análise detalhada revelou que há *diferenças de domínio referencial, intencionalidade e consequência pragmática* que justificam a identificação de *significados distintos, embora relacionados* — característica essencial da *polissemia lexical*.

Por exemplo, o uso de SOLTAR com sentido de “*deixar de oralizar*” (Ocorrência 1) refere-se ao abandono de uma prática pessoal ou pedagógica, enquanto o uso com sentido de “*pedir demissão*” (Ocorrência 3) diz respeito à ruptura com um vínculo formal de trabalho. Ambos compartilham a base visual e conceitual de *liberar-se*, mas se aplicam a campos distintos, com efeitos pragmáticos diversos. Já o uso na Ocorrência 2 (“*desistir de curso*”) representa um impulso emocional ainda não realizado e reforça o caráter

metafórico e subjetivo do sinal.

Portanto, o gradiente de sentido permite *mapear essas nuances e identificar quando há estabilidade de uso com diferenciação semântica suficiente* para caracterizar uma relação de *polissemia*. Esse recurso metodológico complementa a análise contextual, permite uma interpretação mais precisa dos sinais ambíguos da Libras e sua possível fixação como lexemas com múltiplos sentidos dentro do léxico visual-gestual.

Figura 23 – Gradiente de polissemia do sinal SOLTAR na Libras



Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

A Figura 23 representa visualmente, em formato de gráfico de radar, os diferentes significados associados ao sinal SOLTAR, distribuídos conforme o grau de literalidade ou abstração. Os usos mais próximos ao centro representam sentidos mais literais (como “soltar objeto físico”), enquanto os mais afastados apontam para usos mais metafóricos (como “deixar ideia ou emoção”).

A seguir, apresenta-se uma tabela-síntese das três ocorrências analisadas do sinal SOLTAR, considerando os elementos contextuais, os significados reais atribuídos, o nível de abstração conforme o gradiente de sentido proposto, bem como a relação entre o uso contextual e o significado potencial do sinal. Essa síntese permite visualizar, de forma comparativa, como o mesmo sinal pode assumir diferentes funções semânticas na Libras, e como sua coocorrência com o sinal BASTA, contribui para a construção do sentido em cada enunciado.

Quadro 6 - Síntese da análise do sinal SOLTAR

Grau / Categoria	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Ocorrências em que aparece
1. Literal / funcional	Ação de liberar fisicamente algo que está preso ou retido.	Uso concreto. Refere-se ao desligamento de algo em sentido literal, como soltar um objeto ou cessar uma ação.	Ocorrência 3 – "deixar de oralizar"
2. Institucional / decisório	Ato de romper com vínculo formal ou profissional.	Refere-se à decisão de desligar-se de um compromisso institucional, como o emprego.	Ocorrência 1 – "pedir demissão"
3. Emocional / subjetivo	Desejo de desistência frente à angústia ou à frustração.	Aparece em contexto de sofrimento emocional. Expressa uma ruptura interna ou a vontade de se desvincular de algo.	Ocorrência 2 – "vontade de desistir"

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

O Quadro 6 que trata da síntese da análise do sinal SOLTAR organiza-se a partir dos três contextos de uso analisados. Ele evidencia que, embora o sinal mantenha um significado potencial estável, relacionado à noção de liberar ou deixar algo, seus usos em contexto revelam uma variação de sentidos especializada, ajustada a domínios discursivos distintos (educacional, emocional e institucional). Nesse caso, o padrão observado confirma um processo de *polissemia*, em que diferentes nuances de significado emergem a partir da combinação dos parâmetros formais com os contextos de uso. Como observam Johnston; Schembri (1999, p. 127), embora muitos sinais em Libras tenham origem em parâmetros com alta motivação icônica, os significados lexicais consolidados frequentemente ultrapassam essa iconicidade inicial, os quais são convencionados e estabilizados no uso discursivo.

5.3 ANÁLISE LEXICAL DO SINAL GLOSADO COMO DIREITO EM LIBRAS

O sinal comumente glosado como DIREITO em Libras, conforme a Figura 24, apresenta uma forma sinalizada estável, caracterizada pela *configuração da mão em D*, correspondente à letra do alfabeto manual, combinada a um *movimento descendente e retilíneo*. Essa forma é empregada em diferentes contextos comunicativos e assume sentidos variados a depender da situação discursiva, da intenção do enunciador e dos coocorrentes linguísticos presentes. A aparente unidade formal do sinal contrasta com a diversidade de significados observados em ocorrências reais de uso, o que suscita a necessidade de uma análise detalhada de seus *parâmetros fonológicos, fonossemânticos e contextuais*. A seguir, serão examinadas três ocorrências distintas desse sinal, com base em dados extraídos de contextos autênticos, seguidas da descrição dos parâmetros semânticos

e do significado potencial da forma sinalizada.

Figura 24 – Sinal glosado como DIREITO em Libras



Fonte: <https://signbank.libras.ufsc.br/pt/signs/view/920>

No caso do sinal DIREITO, em todas as ocorrências analisadas nesta pesquisa, a *configuração da mão* em “D” enquadra-se no grupo das configurações não interativas – formas secundárias, pois, conforme Johnston e Schembri (1999, p. 122), consiste em um empréstimo linguístico da letra inicial da palavra em Português correspondente ao significado pretendido em cada contexto (direito, diretor, deficiente). Trata-se, portanto, de uma configuração abstrata, sem motivação icônica ou representação direta das noções expressas.

5.3.1 Análise fonossemântica do sinal ambíguo DIREITO

Na forma estável, observada nas três ocorrências analisadas, o sinal apresenta como *Configuração de Mão* a forma da letra “D” do alfabeto manual da Libras: o dedo indicador estendido, os demais dedos curvados e o polegar encostado no dedo médio, formando uma



configuração fechada e firme. Esse parâmetro é resultado de um empréstimo linguístico do Português e não possui motivação icônica no plano visual.

O parâmetro *Movimento* é descendente e retilíneo, realizado com firmeza do alto para baixo, geralmente partindo da região à frente do tórax ou do ombro, com a palma voltada para frente. Não há abertura dos dedos ou modificação na forma durante o percurso do gesto. A *expressão facial* tende a ser neutra e pode ser comum que surdos fluentes, especialmente os informantes do Corpus de Libras, apresentem, de forma

opcional, um padrão de movimento labial que imita a pronúncia da palavra em Português. Esse elemento não é obrigatório, nem altera o significado do sinal em sua ausência. Por isso, embora possa funcionar como fator de desambiguação em alguns contextos, neste trabalho, esse padrão não será considerado como parâmetro componencial do sinal.

5.3.2 Significado potencial do sinal glosado como DIREITO (nível produtivo)

Diferente de sinais produtivos como SOLTAR, cuja iconicidade permite uma ampliação de significados com base nos parâmetros visuais, o sinal glosado como DIREITO não apresenta um significado potencial unificado. A combinação da *Configuração da mão* em “D” (de origem alfabética e arbitrária) com o *Movimento* descendente não resulta em uma imagem icônica ou ação visual reconhecível. A forma sinalizada é estável, mas assume significados distintos por atribuição arbitrária, sem relação semântica entre si. Os sentidos são aprendidos por convenção de uso, não por composição morfológica ou iconicidade. Por isso, o sinal não é produtivo no nível composicional.

A seguir, apresenta-se a *ficha descritiva* do sinal ambíguo DIREITO, elaborada com base na análise dos parâmetros fonológicos e fonossemânticos observados nas três ocorrências investigadas. Esta ficha visa sistematizar as informações sobre a forma sinalizada e seu potencial de significação, considerando a classificação proposta por Johnston e Schembri (1999) para as *configurações de mão* e os princípios de análise semântico-discursiva adotados nesta pesquisa. Embora o sinal mantenha uma forma estável, configuração em “D” e movimento descendente, a variação de seus usos em contextos distintos justifica a necessidade de um registro formal que evidencie seu comportamento ambíguo e convencionalizado na Libras.

Quadro 7 - Ficha descritiva do sinal DIREITO na Libras

Campo	Descrição
Forma	

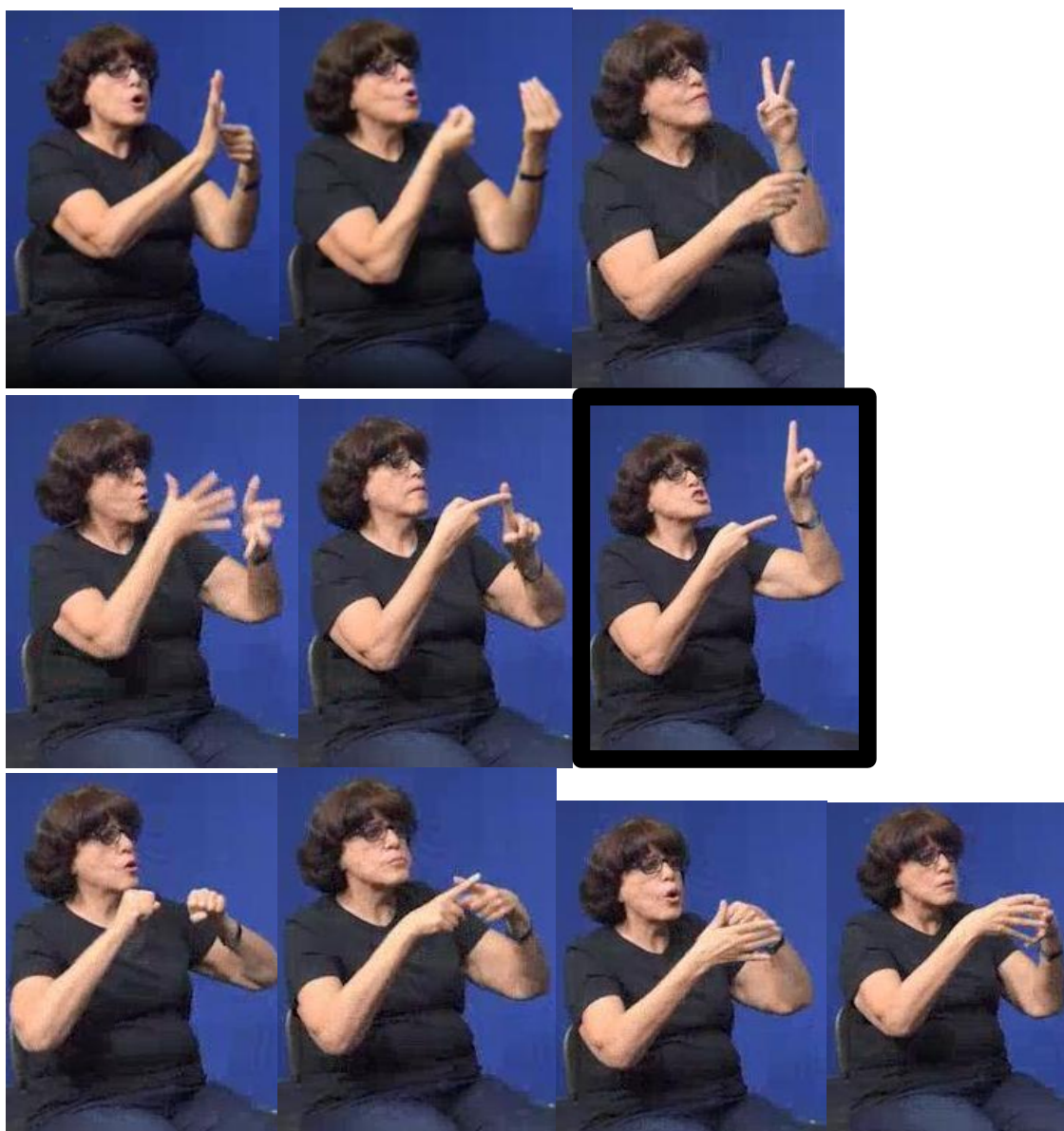
Significado potencial	Dedo indicador estendido e demais dedos curvados e unidos, combinado a um movimento descendente e retilíneo.
Parâmetros fonológicos	<i>Configuração de mão</i> : letra D; <i>orientação da palma</i> : palma para frente; <i>localização</i> : espaço neutro em frente ao corpo; <i>movimento</i> : retilíneo descendente; <i>expressão não-manual</i> : neutra (pode acompanhar forma da pronúncia do Português de forma opcional, sem valor gramatical).
Parâmetros fonossemânticos	<i>Configuração de Mão</i> : empréstimo alfabético (letra D), sem motivação semântica própria.
	<i>Movimento</i> : descendente, que pode ser interpretado como imposição, posicionamento ou avaliação negativa conforme o contexto.
Glosa sugerida a partir da ação manual abstrata	DIREITO

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

A ficha terminológica apresentada sistematiza os elementos formais e interpretativos que compõem o sinal ambíguo DIREITO na Libras, a partir da análise de três ocorrências representativas. Embora o sinal mantenha uma forma sinalizada estável, configuração em “D” e movimento descendente, seus usos em contextos distintos revelam a ausência de motivação semântica comum entre os significados, que evidencia um comportamento homônimo. A configuração em “D” corresponde a um empréstimo linguístico da inicial do nome em Português, classificado por Johnston e Schembri (1999) como configuração não interativa – forma secundária, o que reforça seu caráter abstrato e não icônico. Já o movimento descendente, apesar de uniforme, pode adquirir valores semânticos distintos, como imposição, delimitação ou julgamento negativo, conforme o contexto discursivo. Assim, a ficha contribui para tornar visível a complexidade da forma sinalizada em sua articulação com os usos efetivos da língua e evidenciar a importância de registros terminológicos que considerem a variação contextual e os critérios discursivos para a delimitação de unidades lexicais na Libras.

5.3.3 Ocorrência 1 – uso: "direito" (Direito legal garantido - jurídico)

Nesta ocorrência, o sinal analisado é utilizado para expressar a noção de direito legal ou garantido, entendido como uma liberdade reconhecida individualmente. O contexto é apresentado na narrativa da surda Myrna Salerno Monteiro, que relata sua autonomia para decidir entre dois caminhos possíveis, fundamentando-se na ideia de escolha pessoal e legitimidade.



Glosa: MOSTRAR COMO VALOR LÍNGUA-DE-SINAIS BÓIA-1 DIREITO_(direito)³⁹
 DEFENDER PORQUE LUTAR GRUPO

Tradução: *Mostrar que a língua de sinais é valorizada como um direito, defendido pela luta de um grupo.*

Na primeira ocorrência, o sinal glosado como DIREITO_(direito) é empregado com o significado de *direito legal garantido, especificamente no campo jurídico e político*. Nesse contexto, o sinal DIREITO_(direito) expressa noção de uma garantia reconhecida legalmente, vinculada a direitos linguísticos e culturais conquistados por mobilização social da comunidade surda. O sinal é realizado com *configuração da mão* em “D”, derivada de *empréstimo linguístico do Português* para representar a inicial da palavra “direito”. O

³⁹ <https://objetos.sites.ufsc.br/libras/gerais/ka2bqI1OhAHfkYHIsGzeICpD3zggf1vD5wRThEhK.mp4#t=853>

movimento descendente é interpretado como um gesto de *afirmação ou reivindicação legítima*, associado à conquista de um grupo. Esse movimento é o mesmo utilizado em sinais como OBRIGAR⁴⁰, MANDAR⁴¹ o que sugere uma carga fonossemântica relacionada à *autoridade, à força normativa ou à concessão formal*. Nessa ocorrência, o sinal está inserido em um discurso coletivo e político, com coocorrência de sinais como VALOR, LÍNGUA-DE-SINAIS, DEFENDER, LUTAR e GRUPO, que restringem semanticamente a interpretação ao campo da reivindicação social e da garantia de direitos culturais.

A análise da ocorrência 1 do sinal DIREITO_(direito) evidencia uma progressão semântica que pode ser descrita por um gradiente de sentido. Parte de usos mais literais e denotativos até alcançar extensões de sentido e usos de natureza mais metafórica. Esse tipo de comportamento é comum em unidades lexicais que circulam em diferentes domínios discursivos e que, ao longo do uso, ativam diferentes traços semânticos a partir de um núcleo conceitual compartilhado.

O gradiente de sentido da primeira ocorrência do sinal DIREITO_(direito) busca mapear as variações de uso dentro do campo semântico da autonomia e da garantia individual. Nesta ocorrência, o sinal é empregado para expressar a noção de direito legal ou ético de escolha, com base em um valor socialmente reconhecido. A análise do gradiente permite observar como o sinal pode transitar de usos mais formais e jurídicos a aplicações mais cotidianas e subjetivas, mantendo, contudo, uma continuidade semântica ancorada no conceito de legitimidade e liberdade de ação.

⁴⁰ <https://signbank.libras.ufsc.br/pt/signs/view/2028>

⁴¹ <https://signbank.libras.ufsc.br/pt/signs/view/1780>

Quadro 8 - Gradiente de sentido de DIREITO_(direito) (no campo da legalidade/autonomia)

Grau de sentido	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Relação com o conceito de “direito”
1 – Literal objetivo	Direito legal garantido (jurídico)	Referem-se às leis, normas ou garantias formais asseguradas por instituições.	Total – referência direta ao sistema jurídico ou norma constitucional.
2 – Funcional aplicado	Direito como possibilidade ou permissão reconhecida.	Refere-se ao exercício prático de uma liberdade ou decisão autorizada socialmente.	Alta – deslocamento do jurídico para o cotidiano, mas mantendo o sentido de legitimidade.
3 – Abstrato subjetivo	Direito como sensação de merecimento, valor pessoal ou princípio ético.	Usado para expressar uma convicção subjetiva de justiça ou autonomia.	Parcial – conceito de direito reinterpretado como valor pessoal, não necessariamente reconhecido formalmente.
4 – Metafórico ampliado	Direito como metáfora de poder, espaço ou voz.	Representa algo simbólico: voz, expressão, respeito, dignidade.	Fraca – uso simbólico do termo, ampliado para além de seu campo original.

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

Na ocorrência 1, o sinal DIREITO_(direito) é empregado em seu sentido literal e técnico e refere-se a um direito legalmente garantido. Nesse caso, refere-se ao reconhecimento da língua de sinais como direito da comunidade surda. Trata-se de um uso institucionalizado, em que o referente é um constructo jurídico definido e respaldado por legislações e políticas públicas. O sinal funciona como marcador conceitual de um objeto jurídico situado no campo das garantias coletivas e da normatividade legal.

Em determinados contextos, esse mesmo sinal pode ser empregado de forma metafórica, pois expressa ideias como merecimento, aspiração pessoal ou reconhecimento simbólico, por exemplo, em enunciados como “tenho direito a ser feliz” ou “tenho direito a um recomeço”. Nesses casos, o uso se afasta das esferas legal e institucional e se insere em domínios afetivos ou existenciais. Embora não presente nas duas ocorrências analisadas, essa acepção representa o ponto mais ampliado do gradiente semântico do sinal e ainda mantém vínculo conceitual com o núcleo original de legitimidade e reconhecimento.

Dessa forma, o sinal DIREITO_(direito) apresenta um comportamento lexical que percorre um contínuo de sentidos: do uso jurídico formal e passa por extensões de caráter ético e social, até alcançar usos metafóricos mais subjetivos. Essa gradação evidencia a relevância de considerar os contextos de uso e a ativação de traços semânticos específicos na análise do léxico da Libras, visto que permite uma compreensão mais precisa da polissemia e de sua organização interna.

5.3.4 Ocorrência 2 – uso: "diretor" (cargo institucional)

A Ocorrência 2 apresenta o uso do sinal ambíguo DIREITO_(diretor) no relato de Myrna Salerno Monteiro, ao narrar uma situação vivida durante sua trajetória escolar em uma instituição para surdos.



Glosa: ACONTECER EL@ DIREITO_(diretor) 42 MUDAR

Tradução: *Aconteceu que mudou o diretor.*

Na segunda ocorrência, o sinal DIREITO_(diretor) é empregado para designar o *cargo institucional de diretor*, ou seja, uma pessoa que exerce função de autoridade dentro de uma organização, como uma escola ou instituição pública. O uso é direto e objetivo, sem carga figurada ou subjetiva e refere-se à substituição de uma figura de liderança.

A Configuração da Mão permanece na forma da letra “D”, correspondente à inicial da palavra “diretor” no Português, seguindo o padrão de empréstimo datilológico frequente na Libras. O *Movimento* descendente é semelhante ao observado no sinal glosado como PESSOA-3⁴³, presente no *Signbank* como forma de indicar indivíduos posicionados no espaço discursivo. Esse movimento, nesse contexto, contribui para localizar ou representar uma função institucional atribuída a alguém.

O sinal coocorre com o verbo MUDAR⁴⁴, o que ajuda a situá-lo em um contexto de alteração funcional, além de reforçar o sentido de troca ou substituição de cargo.

O uso do sinal DIREITO_(diretor) com o significado de “diretor” refere-se a uma função ocupada por uma pessoa em posição de comando dentro de uma estrutura

42

<https://objetos.sites.ufsc.br/libras/gerais/ka2bqI1OhAHfkYHIsGzeICpD3zggf1vD5wRThEhK.mp4#t=1783V>

43 <https://signbank.libras.ufsc.br/pt/signs/view/2229>

44 <https://signbank.libras.ufsc.br/pt/signs/view/1937>

organizacional, como escolas, empresas ou instituições públicas. Embora esse uso seja bastante específico e diretamente ligado ao campo institucional, é possível observar variações em sua aplicação, que vão desde a *designação literal e formal do cargo*, até usos *mais simbólicos ou ampliados*, em que o sinal representa alguém com *poder de decisão*, *autoridade implícita* ou *influência social*, mesmo fora de contextos oficiais. O gradiente de sentido apresentado a seguir busca descrever essas variações dentro de um mesmo *domínio semântico coerente, o da liderança e comando*, sem extrapolar para campos semânticos distintos.

Domínios alheios a esse campo, como o uso do mesmo sinal com os sentidos expressos nos demais contextos, serão comparados *após a análise das ocorrências*, a fim de discutir a existência (ou não) de continuidade semântica entre os diferentes usos.

Quadro 9 - Gradiente de sentido do sinal DIREITO_(diretor) com significado de “diretor” (cargo institucional)

Grau	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Relação com o conceito de “diretor”
1 – Literal funcional	Diretor formal de uma instituição (escolar, pública ou privada).	Refere-se diretamente à função ocupada em estrutura organizacional, com atribuições administrativas.	Total – referência clara a uma pessoa em cargo de chefia.
2 – Representação simbólica	Figura de autoridade, liderança ou comando, sem especificar função institucional	Refere-se a alguém que “manda” ou “decide”, mesmo que fora de um cargo oficialmente nomeado.	Parcial – há vínculo com a ideia de autoridade, mas sem ligação direta com o cargo.
3 – Ampliação social	Pessoa com influência, poder de decisão ou status elevado em um grupo.	Marca alguém como dominante, com status, mas sem cargo específico.	Fraca – sentido expandido a partir da função, mas já abstrato e subjetivo.

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

O uso do sinal DIREITO_(diretor) com o significado de “*diretor*” situa-se em um *campo semântico funcional*, relacionado à ideia de autoridade, liderança e comando. A análise do gradiente evidencia que esse sinal pode ser empregado tanto de forma *literal e específica*, para indicar uma pessoa em cargo institucional formal, quanto de forma *ampliada e simbólica*, para referir-se a indivíduos que exercem influência ou poder

decisório em determinados contextos sociais. Ainda assim, todos os usos observados mantêm vínculo com a noção central de *posição hierárquica ou função organizacional*, o que permite afirmar que esse significado ocupa uma posição de *alta literalidade dentro de seu domínio*, com variações previsíveis e semanticamente motivadas.

5.3.5 Ocorrência 3 – uso: "deficiente" (condição funcional)

A terceira ocorrência do sinal glosado como DIREITO (no sentido de “deficiência”) está presente no relato de Rimar Ramalho Segala. Ele descreve que, desde criança, sentia-se completo em sua forma de ser e de se comunicar. Ao observar a maneira como os ouvintes utilizavam a fala, estranhava aquele modo de interação e, por vezes, pensava que eram eles os “deficientes”. Mais tarde, ao perceber que sua forma de comunicação não correspondia à maioria, passou a compreender que era ele quem ocupava o lugar social da diferença. O uso do sinal nesse contexto revela uma inversão do olhar sobre a surdez e evidencia uma crítica à maneira como a deficiência é atribuída socialmente.



Glosa: SENTIR OUVINTE ELE SINAL DIREITO_(deficiene)⁴⁵ ELE DOENTE

Tradução: *Eu sentia que os ouvintes é que eram deficientes e doentes.*

Na terceira ocorrência, o sinal DIREITO_(deficiência) é empregado com o significado de “deficiente”, o qual revela uma *avaliação funcional negativa* atribuída aos ouvintes por

⁴⁵ <https://objetos.sites.ufsc.br/libras/gerais/tufke9oQ1JNy8XTaEH8zysUo1tWP4id5DJ4j6qlr.mp4#t=1107>

parte do falante surdo. A construção expressa uma percepção crítica da limitação comunicativa dos ouvintes e inverte a expectativa social de que a deficiência estaria automaticamente associada à surdez.

O sinal é realizado com *Configuração da Mão* em “D”, derivada do empréstimo da palavra “deficiente” em Português, sem motivação visual ou icônica com o conceito representado. O *movimento* descendente, idêntico ao das outras ocorrências, pode, neste caso, reforçar uma carga avaliativa negativa, semelhante ao que se observa em sinais como PIOR⁴⁶ ou MAL⁴⁷, embora seu valor semântico dependa integralmente do contexto.

O sinal coocorre com DOENTE⁴⁸, o que contribui para a construção de um campo semântico relacionado à condição funcional limitada, completamente distinto dos contextos de uso anteriores. A ausência de coocorrentes compartilhados e a desconexão semântica com os significados de “direito” e “diretor” apontam para a existência de uma entrada lexical independente, unida aos demais apenas por coincidência formal.

O uso do sinal DIREITO_(deficiência), glosado como DIREITO, com o significado de “deficiente” emerge em contextos nos quais o falante surdo descreve ou avalia uma condição funcional limitada, seja de forma objetiva ou subjetiva. Embora não haja motivação fonossemântica direta entre a forma do sinal e o conceito de deficiência, o uso da configuração em “D” se associa ao empréstimo da palavra “deficiente” do Português. Neste domínio, o sinal pode variar de um uso *literal e descritivo* da condição funcional, passando por *aplicações avaliativas* ou críticas, até alcançar usos *figurados ou ampliados*, nos quais a deficiência é representada como símbolo de inadequação moral, intelectual ou social. O gradiente de sentido a seguir descreve essas variações, respeitando a coesão interna ao campo semântico da limitação funcional.

Quadro 10 - Gradiente de sentido do sinal DIREITO_(deficiência) (uso com significado de “deficiente”)

Grau de sentido	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Relação com o conceito de deficiência
1 – Literal funcional	Descrição direta de uma condição funcional limitada.	nomear ou qualificar uma limitação sensorial, física ou cognitiva, tal como associada ao conceito médico ou social de deficiência.	Total – uso direto, equivalente à referência objetiva à deficiência.
2 – Avaliativo	Julgamento funcional	marcar a limitação percebida	Parcial – mantém relação

⁴⁶ <https://signbank.libras.ufsc.br/pt/signs/view/2247>

⁴⁷ <https://signbank.libras.ufsc.br/pt/signs/view/1771>

⁴⁸ <https://signbank.libras.ufsc.br/pt/signs/view/944>

Grau de sentido	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Relação com o conceito de deficiência
subjetivo	ou percepção negativa atribuída ao outro.	pelo enunciador, que pode ter carga crítica, irônica ou política.	com o conceito de deficiência, mas sob a ótica de uma crítica ou inversão discursiva.
3 – Uso ampliado e não clínico	Aplicação figurada a qualquer tipo de limitação simbólica ou moral.	forma expandida para caracterizar uma falha ética, intelectual ou relacional.	Fraca – sentido ampliado com base na ideia de inadequação, mas fora do campo da deficiência propriamente dita.

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

Este gradiente mostra que, embora o uso do sinal com o significado de “deficiente” possa ser direto e descritivo, ele também pode ser avaliativo e subjetivo, bem como pode adquirir tons críticos ou simbólicos. Ainda assim, os três graus mantêm conexão com o conceito central de limitação ou inadequação funcional, logo, são possíveis variações de uma mesma unidade semântica. Nesse caso, há indício de polissemia interna ao domínio da deficiência, distinta da homonímia com os demais significados atribuídos à mesma forma sinalizada.

5.3.6 Análise contextual e gradiente de sentido do sinal DIREITO

Apesar de a forma do sinal ser idêntica nas três ocorrências (*Configuração de Mão* em “D” e *Movimento* descendente), os significados assumidos são completamente distintos e dependem exclusivamente do contexto discursivo e dos coocorrentes. O parâmetro semântico do *Movimento*, embora formalmente o mesmo, não é semanticamente motivado de forma consistente entre os usos: ora representa autoridade (direito), ora posicionamento hierárquico (diretor), ora julgamento negativo (deficiente).

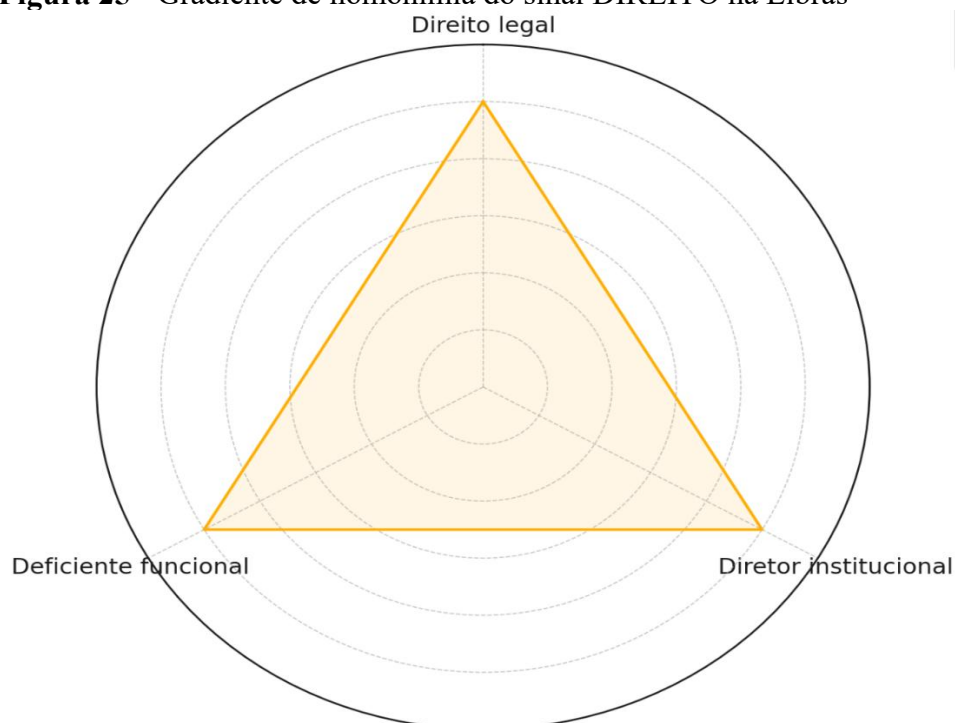
Da mesma forma, a *Configuração da Mão* em “D” é derivada de empréstimo linguístico do Português, mas não possui valor semântico próprio. O sinal, portanto, não apresenta produtividade semântica, ou seja, não permite a derivação ou composição previsível de novos significados a partir de sua forma.

A análise das três ocorrências do sinal DIREITO_(deficiência) revela que, apesar da estabilidade formal, não há uma base semântica comum entre os usos. Cada ocorrência ativa um conjunto distinto de coocorrentes e um valor contextual próprio, o que evidencia que estamos diante de casos de *homonímia*. Esse tipo de ambiguidade se caracteriza pelo

compartilhamento da forma sinalizada (*Configuração da Mão + Movimento*), mas sem qualquer relação semântica ou metafórica entre os sentidos. A ausência de motivação fonossemântica comum e a especificidade dos coocorrentes em cada contexto confirmam que o sinal deve ser tratado como *três unidades lexicais independentes*, unidas apenas por um empréstimo gráfico fonológico, mas sem motivação icônica ou semântica compartilhada.

Na Figura 25, o gráfico representa o gradiente de homonímia do sinal DIREITO_(deficiência) na Libras. Nele, observamos que os três domínios: *direito legal*, *diretor institucional* e *deficiente funcional* não compartilham continuidade semântica entre si, o que caracteriza a homonímia: mesma forma sinalizada, mas sentidos independentes.

Figura 25 - Gradiente de homonímia do sinal DIREITO na Libras



Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

Este gráfico de radar representa a análise da homonímia entre os diferentes usos do sinal DIREITO_(deficiência) na Libras, considerando três domínios semânticos: (i) Direito legal (jurídico); (ii) Diretor institucional (cargo de autoridade); (iii) Deficiente funcional (condição sensorial ou cognitiva)

A leitura do gráfico é orientada pelos seguintes eixos: (i) Total: indica que há continuidade semântica interna ao domínio, ou seja, dentro de cada um desses campos, o sinal mantém coerência de sentido; (ii) Parcial: ausente neste caso - o gráfico mostra ausência de sobreposição de significados entre os domínios; (iii) Fraca: também ausente -

o sinal não compartilha motivações semânticas nem coocorrentes relevantes entre os usos.

O gráfico evidencia que, embora a forma do sinal seja estável, os significados que ele assume em cada domínio são independentes e não relacionados entre si, o que configura homonímia.

Quadro 11 – Síntese da análise do sinal DIREITO

Grau/categoria	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Ocorrências em que aparece/coocorrentes
1. Literal jurídico	Garantia legal reconhecida por normas jurídicas.	Referência ao campo jurídico; uso desvinculado de direção espacial.	Ocorrência 1 – Direito legal (jurídico) / DEFENDER.
1. Funcional institucional	Pessoa em cargo de autoridade (diretor escolar).	Uso para nomear função hierárquica escolar; isolado do campo jurídico.	Ocorrência 2 – Diretor institucional / MUDAR.
1. Avaliativo identitário	Condição funcional atribuída aos ouvintes.	Expressão de estranhamento com a fala dos ouvintes; inversão do marcador de deficiência.	Ocorrência 3 – Deficiente funcional / DOENTE.

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

A tabela-síntese da análise do sinal DIREITO organiza-se a partir dos três contextos de uso examinados. Isso evidencia que, embora a forma sinalizada permaneça estável, os sentidos atribuídos são independentes e pertencem a domínios semânticos autônomos, sem continuidade de significado entre si - o que caracteriza um caso de *homonímia*. Como destacam Johnston e Schembri (1999, p. 127), nem todos os *lexemas* apresentam uma relação transparente entre forma e significado; em muitos casos, os parâmetros do sinal são percebidos como arbitrários, sem motivação componencial evidente.

5.4 ANÁLISE LEXICAL DO SINAL GLOSADO COMO ESFORÇAR EM LIBRAS

O sinal glosado como ESFORÇAR (Figura 26) apresenta um comportamento semântico produtivo e multifacetado na Libras. Ele é utilizado em contextos que variam desde ações físicas de empenho até construções metafóricas relacionadas à superação, dedicação e persistência. Trata-se de um sinal motivado, cuja iconicidade se manifesta tanto no movimento tensionado das mãos quanto na expressão facial que o acompanha, elementos que reforçam seu significado potencial.

A análise das ocorrências deste sinal no corpus revela, além de um gradiente de *polissemia*, a presença de casos de *homonímia*, em que a forma sinalizada é lexicalizada como rótulo institucional em contextos educacionais e acadêmicos, sem continuidade

semântica com o verbo original. Nesta seção, parte-se da descrição formal do sinal, conforme registrado no *SignBank* da UFSC, para investigar seus usos e nuances semânticas, para compreender de que modo seus parâmetros componentes contribuem para a construção de significados em diferentes contextos discursivos, e como tais usos evidenciam o papel do sinal como um elemento lexical dinâmico e sujeito à variação pragmática e estrutural no léxico da Libras.

Figura 26 – Sinal glosado como ESFORÇAR na Libras



Fonte: <https://signbank.libras.ufsc.br/pt/signs/view/1117>

5.4.1 Análise dos parâmetros fonossemânticos componentes do sinal ambíguo

O sinal ESFORÇAR apresenta uma *Configuração de Mão* constituída por ambas as mãos em punho fechado (letra [S]), cuja forma remete à noção de retenção, compressão e concentração de energia. O *Movimento* caracteriza-se por um padrão *rítmico de aproximação e distanciamento* entre as mãos, realizado com tensão muscular visível, o que sugere, de maneira icônica, a aplicação contínua de força frente a uma resistência. A *Expressão Não-Manual Facial* associada ao sinal evidencia traços de esforço e empenho por contração das sobrancelhas, fechamento parcial dos olhos e tensão labial. Esses parâmetros, em interação, constroem uma imagem gestual coerente com a noção de esforço, tanto em seus aspectos físicos quanto simbólicos.

5.4.2 Significado potencial (nível produtivo)

O sinal ESFORÇAR apresenta um significado potencial ancorado na ideia central de "aplicação de energia, empenho ou dedicação com o intuito de alcançar uma meta ou

superar uma dificuldade". Trata-se de um conceito produtivo e flexível, cuja extensão semântica permite a utilização do sinal em diferentes domínios discursivos, que abrangem desde situações de esforço físico tangível até construções mais abstratas, relacionadas ao campo emocional, cognitivo ou social. A motivação icônica do sinal, reforçada pelo movimento tensionado e pela expressão facial, sustenta sua capacidade de operar de maneira metafórica e amplia seu emprego para contextos nos quais o "esforço" se configura como superação de obstáculos simbólicos ou subjetivos. Essa plasticidade semântica atesta o caráter produtivo do sinal, cuja ocorrência em discursos variados evidencia sua integração dinâmica no léxico da Libras.

Quadro 12 - Ficha terminológica descritiva do sinal

Campo	Descrição
Forma	
Significado potencial	Aplicar energia, empenho ou dedicação com a intenção de alcançar uma meta, superar uma dificuldade ou enfrentar uma situação desafiadora. O conceito abrange tanto o esforço físico quanto o esforço intelectual, emocional ou simbólico, sendo altamente produtivo em contextos metafóricos e discursivos.
Parâmetros fonológicos	<i>Configuração de mão:</i> ambas as mãos em punho fechado (letra [S]). <i>Localização:</i> espaço neutro, frente ao tronco. <i>Movimento:</i> padrão rítmico e repetitivo de aproximação e distanciamento entre as mãos, realizado com tensão muscular perceptível. <i>Orientação:</i> palmas voltadas uma para a outra. <i>Expressão Não-Manual:</i> contração das sobrancelhas, olhos semicerrados, tensão labial - que indica empenho ou esforço.
Parâmetros fonossemânticos	A iconicidade do sinal decorre da interação entre o <i>Movimento</i> tensionado e a <i>Configuração de Mão</i> de punho fechado, que juntos evocam a ideia de resistência e aplicação de força. A dimensão da <i>Expressão Não-Manual</i> reforça o componente emocional e intencional do esforço. Esses parâmetros, em conjunto, geram um significado visualmente motivado e de fácil extensão para usos metafóricos.
Glosa sugerida a partir da ação manual abstrata	ESFORÇAR

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

No conjunto das ocorrências levantadas, observa-se que o sinal comporta-se como um elemento lexical cuja forma sinalizada possui uma citação claramente identificável e replicável, que é regular e fortemente associada a determinados significados no uso corrente da Libras. Em alguns contextos, o significado ativado pelo sinal mostra-se mais específico ou até imprevisível em relação ao seu potencial de significado componencial (casos de polissemia produtiva); em outros, o uso lexicalizado da forma sinalizada é totalmente não relacionado ao seu significado componencial, como nos casos de homonímia, evidenciando ligações arbitrárias entre forma e significado. Essas dinâmicas reforçam a importância de uma análise contextualizada das ocorrências, capaz de distinguir entre expansões semânticas motivadas e especializações lexicais autônomas.

A partir da descrição formal do sinal ESFORÇAR e de suas características fonossemtânticas, passa-se agora à análise de suas ocorrências no corpus. O exame dos contextos de uso permite identificar padrões de sentido, variações pragmáticas e processos de especialização lexical, bem como contribuir para uma compreensão mais precisa da ambiguidade observada no comportamento do sinal. As ocorrências são apresentadas a seguir, em ordem que favorece a leitura gradiente dos sentidos identificados.

5.4.3 Ocorrência 1 – uso: "força" (resistência e superação)

A primeira ocorrência do sinal ESFORÇAR é registrada no relato do surdo Messias Ramos Costa e evidencia um uso metafórico vinculado à noção de resistência diante de adversidades. O sinal é empregado em um contexto de rememoração da experiência de vida em Brasília, em coocorrência com os verbos ENFRENTAR e VIDA, os quais reforçam a construção discursiva de superação. A seguir, apresenta-se a glosa do trecho e sua respectiva análise.



Glosa: SINAL_(Brasília) ESFORÇAR_(força) ENFRENTAR VIDA

Tradução: *Em Brasília, com força enfrentava a vida.*

Nesta ocorrência, o sinal **ESFORÇAR**_(força) aparece em coocorrência com os sinais **ENFRENTAR** e **VIDA** e forma um conjunto semântico que reforça a noção de enfrentamento contínuo das dificuldades cotidianas. O contexto revela um uso de caráter metafórico, em que o "esforço" não se refere a uma ação física pontual, mas sim a uma disposição persistente e abrangente frente às condições de vida. O sinal **ESFORÇAR**_(força) contribui para a construção de um cenário de resistência e superação, além de compor um discurso de forte carga emocional e experiencial. A presença do sinal **ENFRENTAR**, em sequência, funciona como reforço semântico e estabelece um paralelismo que enfatiza a intensidade do empenho necessário para "viver" naquele contexto específico. Assim, a ocorrência exemplifica o potencial produtivo do sinal em discursos que tratam de aspectos existenciais e de enfrentamento social e evidencia um deslocamento de seu significado mais literal para um uso altamente metafórico e afetivo.

Para a primeira ocorrência, o gradiente de sentido permite observar de que maneira o sinal **ESFORÇAR**_(força) se insere em uma construção discursiva de forte carga metafórica. A seguir, apresenta-se a tabela de análise, que detalha o posicionamento do uso no continuum de sentidos do sinal.

Quadro 13 - Gradiente de sentido para **ESFORÇAR**_(força) como “força”

Grau	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Relação com o significado da ocorrência
1 (mais literal)	Aplicação de esforço físico em uma ação concreta.	Descrição de movimentos corporais que exigem força muscular.	Não presente na ocorrência. Nenhuma referência a esforço físico direto.
2 (intermediário)	Esforço intelectual ou emocional para realização de uma atividade ou superação de dificuldades pessoais.	Uso voltado para processos cognitivos, aprendizagens ou superação de sentimentos.	Não predominante na ocorrência, embora o contexto de "viver em Brasília" possa implicar aspectos emocionais.
3 (mais metafórico)	Esforço existencial e social - atitude persistente para enfrentar condições adversas de vida.	Uso discursivo e metafórico. O sinal ESFORÇAR constrói uma narrativa de resistência e empenho contínuo no cotidiano.	Predominante na ocorrência. O sinal aparece articulado com ENFRENTAR e VIVER e enfatiza a superação de desafios no contexto de vida em Brasília, com carga emocional e social forte.

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

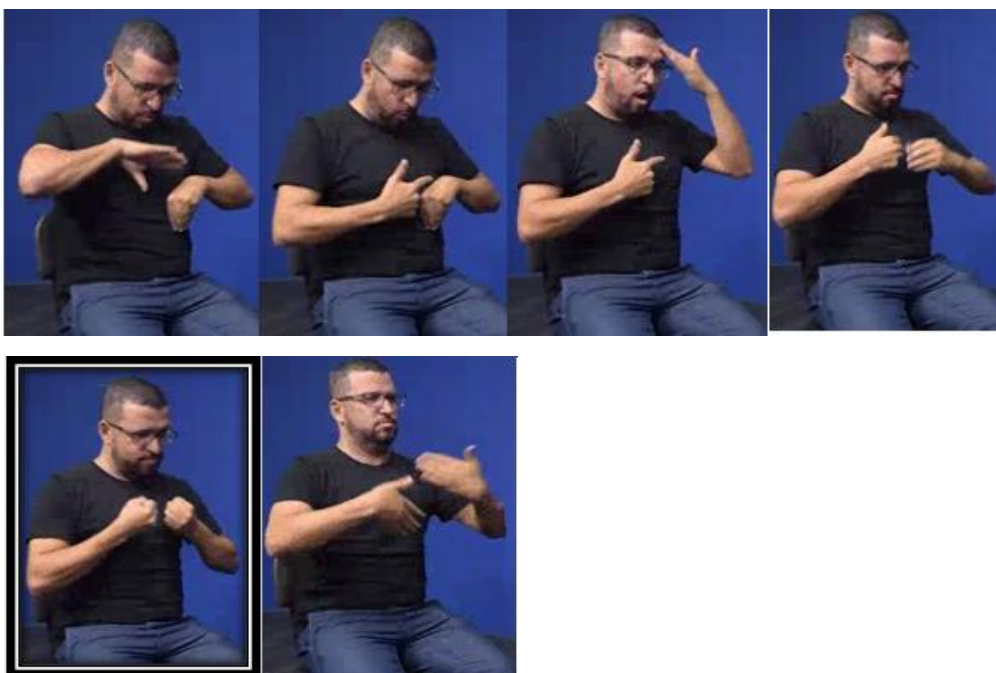
O gradiente de sentido da Ocorrência 1 confirma um uso fortemente metafórico do

sinal ESFORÇAR_(força), relacionado à construção discursiva de enfrentamento e superação em um contexto de vida adverso. A presença de coocorrentes como ENFRENTAR e VIDA reforça essa leitura, que evidencia a produtividade do sinal em narrativas de resistência social e existencial.

A seguir, examina-se a segunda ocorrência do sinal ESFORÇAR_(força), em um contexto educacional, em que o uso do sinal está associado ao processo de aquisição de uma segunda língua. Este exemplo permite observar a expansão do significado para domínios cognitivos e afetivos.

5.4.4 Ocorrência 2 – uso: "me esforçar" (esforço cognitivo e emocional)

Na segunda ocorrência, também extraída do relato do surdo Messias Ramos Costa, o sinal ESFORÇAR é empregado para expressar o empenho pessoal diante dos desafios relacionados à aquisição da Língua Portuguesa como segunda língua. O enunciado enfatiza o processo de compreensão e desenvolvimento linguístico e aponta para um uso do sinal voltado ao domínio cognitivo e afetivo.



Glosa: PORTUGUÊS L2 COMPREENDER EU ESFORÇAR_(esforçar) DESENVOLVER

Tradução: *O Português como L2, para eu entender, me esforcei muito e me desenvolvi.*

Nesta ocorrência, o sinal ESFORÇAR_(esforçar) aparece em um contexto de aquisição de segunda língua (L2), bem como refere-se especificamente ao esforço cognitivo e

emocional exigido no processo de compreensão e desenvolvimento da competência linguística em Português. Aqui, o uso do sinal desloca-se do sentido literal de esforço físico para um domínio mais abstrato, relacionado à dedicação mental e persistência ao longo do tempo. A coocorrência com os verbos **COMPREENDER** e **DESENVOLVER** reforça esse enquadramento semântico, pois ambos implicam um processo de construção gradual de conhecimento e habilidades. O sinal **ESFORÇAR**_(esforçar), nesse caso, carrega um valor metafórico, simboliza o investimento pessoal e o enfrentamento das dificuldades inerentes ao aprendizado de uma língua adicional. Tal uso evidencia a capacidade do sinal de transitar para domínios cognitivos e afetivos, mantendo-se semanticamente coerente dentro de seu núcleo de significado.

A segunda ocorrência oferece um contexto de uso voltado para o domínio educacional e cognitivo. A tabela de gradiente de sentido a seguir situa o uso do sinal **ESFORÇAR**_(esforçar) em relação ao seu potencial de significado e à extensão semântica observada no enunciado.

Quadro 14 - Gradiente de sentido para **ESFORÇAR** como “esforçar”

Grau	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Relação com o significado da ocorrência
1 (mais literal)	Aplicação de esforço físico em uma ação concreta.	Descrição de movimentos corporais que exigem força muscular.	Não presente na ocorrência. O esforço não é físico.
2 (intermediário)	Esforço intelectual ou emocional para realização de uma atividade ou superação de dificuldades pessoais.	Uso voltado para processos cognitivos, aprendizagens ou superação de sentimentos.	Predominante na ocorrência. O sinal ESFORÇAR refere-se ao empenho mental e emocional exigido no processo de compreender e desenvolver habilidades em português como L2.
3 (mais metafórico)	Esforço existencial e social - atitude persistente para enfrentar condições adversas de vida.	Uso discursivo e metafórico. O sinal constrói uma narrativa de resistência no plano da experiência de vida.	Não predominante na ocorrência. Embora aprender L2 possa envolver desafios de identidade e inclusão, o foco da frase está mais no esforço cognitivo do aprendizado.

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

A análise do gradiente de sentido na Ocorrência 2 demonstra um uso intermediário do sinal **ESFORÇAR**_(esforçar), voltado ao esforço cognitivo e emocional no processo de aquisição de uma segunda língua. O contexto educacional ativa o potencial semântico do sinal de forma compatível com seu significado componencial e amplia sua aplicação para o domínio do aprendizado.

Na terceira ocorrência, observa-se um uso distinto do sinal **ESFORÇAR**_(esforçar), no

qual a forma sinalizada atua como rótulo institucional para uma atividade escolar específica. A análise desse exemplo permite explorar a dimensão homonímica do sinal no corpus.

5.4.5 Ocorrência 3 – uso: "reforço" (reforço escolar)

A terceira ocorrência do sinal ESFORÇAR_(esforçar) é extraída do relato do surdo Raimundo Cleber Teixeira Couto e evidencia um uso lexicalizado, no qual a forma sinalizada é empregada para nomear a atividade de reforço escolar. O contexto narrado descreve a organização cotidiana de sua trajetória educacional: pela manhã, ele frequentava uma escola inclusiva, e, à tarde, participava de aulas de reforço em uma escola voltada para surdos. A seguir, apresenta-se a glosa do trecho e sua respectiva análise.



Glosa: MANHÃ ESCOLA INCLUSÃO, TARDE LÁ ESFORÇAR_(reforço) ESCOLA SURDO

Tradução: *De manhã na escola inclusiva, à tarde no reforço na escola para surdos.*

Nesse uso, ESFORÇAR_(reforço) não ativa o sentido verbal de aplicar esforço, mas funciona como designação nominal da atividade educacional complementar. A ausência de coocorrentes semânticos relacionados ao esforço ou à superação reforça sua interpretação como item lexical especializado, assim como configura um caso de homonímia. O contexto é descritivo e informativo, com foco na organização da rotina escolar do sujeito, e não em processos de empenho pessoal. Não há coocorrentes que atualizem o campo semântico de esforço, nem expressão facial ou elementos discursivos que remetam a esse conceito. O sinal funciona, assim, como uma unidade lexical autônoma, equivalente ao substantivo "reforço" na tradução em Português. Diante disso, o uso evidencia um caso de *homonímia*, em que a mesma forma sinalizada corresponde a dois lexemas distintos: um verbo (esforçar-se) e um substantivo institucionalizado (reforço escolar), os quais são semanticamente independentes.

A terceira ocorrência evidencia um uso do sinal ESFORÇAR_(reforço) desvinculado do seu significado original, funcionando como rótulo nominal especializado. A tabela de gradiente de sentido a seguir demonstra como este uso se enquadra na categoria de homonímia.

Quadro 15 - Gradiente de sentido para EFORÇAR como “reforço escolar”

Grau / Categoria	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Relação com o significado da ocorrência
1 (mais literal)	Aplicação de esforço físico em ação concreta.	Descrição de ações motoras que exigem força física.	Não presente na ocorrência.
2 (intermediário)	Esforço intelectual ou emocional em atividades de aprendizagem ou superação.	Uso voltado a processos cognitivos e afetivos.	Não presente na ocorrência.
3 (mais metafórico)	Esforço existencial e social, como enfrentamento de condições adversas de vida.	Uso discursivo e metafórico.	Não presente na ocorrência.
Homonímia	Uso lexicalizado e especializado como nome de instituição ou atividade, sem continuidade semântica com o verbo "esforçar-se".	O sinal é empregado como nome para "reforço escolar", sem ativação do campo semântico original de esforço.	Predominante na ocorrência. "ESFORÇAR" designa aqui a atividade escolar vespertina (reforço) e funciona como rótulo institucionalizado e não

Grau / Categoria	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Relação com o significado da ocorrência
			como expressão de esforço pessoal.

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

O gradiente de sentido da Ocorrência 3 revela um uso homônimo do sinal ESFORÇAR_(reforço), lexicalizado como rótulo institucional para "reforço escolar". Neste caso, não há continuidade semântica com o significado verbal original e configura um exemplo claro de homonímia no uso especializado do sinal em contextos educacionais.

Por fim, a quarta ocorrência ilustra outro caso de homonímia, em que o sinal ESFORÇAR_(reforço) é utilizado como designação para um evento acadêmico. A análise desse uso reforça o padrão de especialização lexical observado no domínio educacional e acadêmico.

5.4.6 Ocorrência 4 – uso: "defesa" (defesa de tese)

A quarta ocorrência do sinal ESFORÇAR é registrada no relato da surda Karin Lilian Strobel e refere-se ao momento em que a narradora conclui seu doutorado e retorna ao local de origem após a defesa da tese. A seguir, apresenta-se a glosa do trecho e sua respectiva análise.



Glosa: D-R_(doutorado) FINAL ESFORÇAR_(defesa) VOLTAR AQUI

Tradução: *Doutorado finalizado, defendi e voltei para cá.*

Na Ocorrência 4, o sinal ESFORÇAR_(defesa) é utilizado como glosa para "defesa de tese", assumindo novamente um valor *nominal e institucionalizado*, desvinculado do seu significado verbal original de "aplicar esforço". Assim como observado na Ocorrência 3, não há coocorrentes que reforcem a semântica de esforço, tampouco expressões que sugiram empenho ou resistência subjetiva. O contexto indica que o sinal é empregado como uma *designação abreviada e especializada* para o evento formal da defesa do doutorado, função nominal consolidada em determinados usos da comunidade acadêmica surda.

Trata-se, portanto, de mais um caso de *homonímia*, em que a mesma forma sinalizada ESFORÇAR_(defesa) corresponde a um segundo lexema nominal ("defesa de tese"), semanticamente autônomo em relação ao verbo "esforçar-se". Esta ocorrência reforça o diagnóstico de que o sinal apresenta dupla natureza lexical: polissemia produtiva em usos verbais e *homonímia em usos nominais especializados*.

Na quarta ocorrência, o sinal ESFORÇAR_(defesa) novamente assume um valor lexicalizado e atua como designação de um evento acadêmico. A tabela de gradiente de sentido a seguir posiciona este uso no âmbito da homonímia, além de consolidar o padrão de especialização lexical identificado.

Quadro 16 - Gradiente de sentido para ESFORÇAR_(defesa) como “defender tese”

Grau / Categoria	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Relação com o significado da ocorrência
1 (mais literal)	Aplicação de esforço físico em ação concreta.	Descrição de ações motoras que exigem força física.	Não presente na ocorrência.
2 (intermediário)	Esforço intelectual ou emocional em atividades de aprendizagem ou superação.	Uso voltado a processos cognitivos e afetivos.	Não presente na ocorrência. Embora a defesa de tese exija esforço, o sinal não foi usado para expressar empenho, mas para nomear o evento.
3 (mais metafórico)	Esforço existencial e social, enfrentamento de condições de vida adversas.	Uso discursivo e metafórico, construção de narrativa de resistência.	Não presente na ocorrência.
Homonímia	Uso lexicalizado e especializado como nome de instituição, evento ou atividade, sem continuidade semântica com o verbo "esforçar-se".	O sinal é utilizado como rótulo institucional: "defesa de tese", com valor nominal autônomo.	Predominante na ocorrência. <u>ESFORÇAR</u> nomeia aqui o evento formal de defesa de doutorado, sem ativação do campo semântico original do verbo.

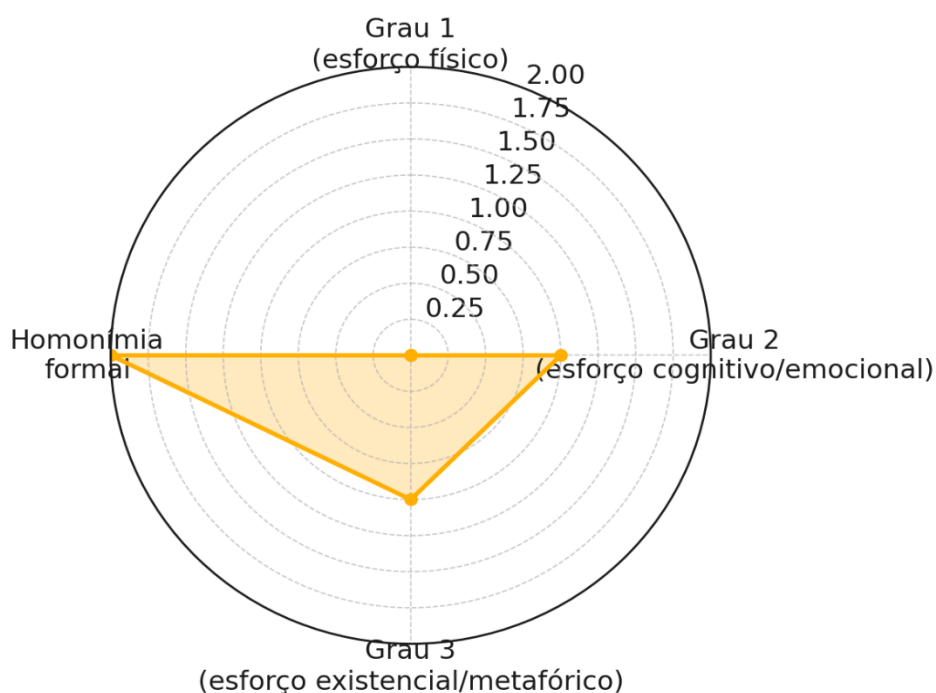
Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

A tabela do gradiente de sentido da Ocorrência 4 reforça o padrão de homonímia observado. O sinal ESFORÇAR_(defesa) é utilizado como rótulo institucionalizado para a "defesa de tese" e funciona como designação de um evento acadêmico, sem qualquer ativação semântica do conceito de esforço, tal como previsto no potencial de significado do sinal.

5.4.7 Análise contextual e gradiente de sentido do sinal ESFORÇAR

Para visualizar de forma sintética o comportamento do sinal ESFORÇAR no corpus analisado, apresenta-se a seguir um gráfico radial que representa a distribuição das ocorrências em relação aos diferentes graus de sentido identificados. Esta representação gráfica complementa a análise qualitativa e permite observar tendências de uso e equilíbrio entre polissemia produtiva e homonímia no funcionamento do sinal.

Figura 27 - Gradiente de ambiguidade lexical do sinal ESFORÇAR na Libras



Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

O gráfico radial do gradiente geral de sentido do sinal ESFORÇAR evidencia a distribuição assimétrica das ocorrências analisadas. Observa-se que não há registros de uso literal (grau 1) e confirma que o sinal, no corpus examinado, não tem sido empregado para descrever ações físicas de esforço. Em contraste, aparecem de forma equilibrada uma ocorrência no grau 2 (esforço cognitivo/emocional) e uma no grau 3 (esforço existencial/metafórico). Demonstra-se também a produtividade da polissemia do sinal em

contextos de aprendizagem e de construção discursiva de resistência. Notadamente, o maior número de ocorrências (duas) concentra-se na categoria de homonímia, em usos nominais especializados (reforço escolar, defesa de tese), os quais evidenciam um processo de lexicalização que distancia esses usos do potencial de significado componencial do sinal. Essa distribuição reforça o caráter ambíguo e multifuncional do sinal no léxico da Libras contemporânea.

Como se observa, a distribuição das ocorrências confirma o caráter multifuncional e ambíguo do sinal ESFORÇAR na Libras. A ausência de usos literais, combinada à presença de ocorrências em graus intermediário e metafórico, evidencia a produtividade do sinal em construções discursivas de maior abstração. Ao mesmo tempo, o predomínio de usos homonímicos em contextos institucionais e acadêmicos aponta para processos de lexicalização e especialização no léxico da Libras. Esses resultados reforçam a necessidade de análises contextuais e baseadas em corpus para uma descrição mais precisa da dinâmica semântica dos sinais da Libras.

A análise das ocorrências evidencia a complexidade semântica do sinal ESFORÇAR, cuja forma sinalizada sustenta tanto usos polissemicamente produtivos quanto casos de homonímia. A diversidade de contextos e funções observadas reforça a importância de uma abordagem baseada em corpus para a descrição do léxico da Libras, capaz de revelar nuances de variação semântica e pragmática que não seriam evidenciadas apenas por descrições formais. A seguir, apresenta-se uma tabela-síntese do comportamento lexical do sinal, que consolida os resultados da análise.

Quadro 17 - Síntese da análise do sinal ESFORÇAR

Grau / Categoria	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Ocorrências em que aparece / coocorrente
1 (mais literal)	Aplicação de esforço físico em ação concreta.	Descrição de ações motoras que exigem força física.	-(significado potencial) Não identificado nas ocorrências analisadas.
2 (intermediário)	Esforço intelectual ou emocional em atividades de aprendizagem ou superação.	Uso voltado para processos cognitivos e afetivos.	Ocorrência 2 / DESENVOLVER.
3 (mais metafórico)	Esforço existencial e social, enfrentamento de condições de vida adversas.	Uso discursivo e metafórico, construção de narrativa de resistência.	Ocorrência 1 / ENFRENTAR.
Homonímia	Uso lexicalizado e especializado como nome de instituição, evento ou atividade, sem continuidade semântica com o verbo "esforçar-	Sinal utilizado como rótulo institucional: "reforço escolar", "defesa de tese".	Ocorrência 3 / ESCOLA Ocorrência 4 / VOLTAR

Grau / Categoria	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Ocorrências em que aparece / coocorrente
	se".		

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

A análise das quatro ocorrências do sinal ESFORÇAR confirma seu comportamento lexical ambíguo, combinando *polissemia* em usos verbais e *homonímia* em usos nominais especializados. No plano da polissemia, o sinal manifesta um gradiente de sentido coerente com seu significado potencial - "aplicar esforço ou empenho", estendendo-se desde usos voltados a processos cognitivos e afetivos (Ocorrência 2), até construções discursivas de resistência e enfrentamento de condições de vida adversas (Ocorrência 1), nas quais o valor metafórico se intensifica. Esses usos mantêm continuidade semântica e motivação fonossemântica, ancorada na iconicidade do movimento e da expressão facial. Por outro lado, as Ocorrências 3 e 4 evidenciam um padrão de *homonímia*, em que o sinal ESFORÇAR é utilizado como rótulo lexicalizado para eventos e instituições específicas, "reforço escolar" e "defesa de tese", sem ativação do significado verbal original. Nesses casos, trata-se de unidades lexicais autônomas que compartilham a forma sinalizada, mas pertencem a domínios semânticos distintos. Assim, o sinal ESFORÇAR revela-se um caso interessante de ambiguidade estrutural na Libras, ao articular dois processos distintos: a expansão metafórica do significado verbal e a especialização nominal homônima em contextos institucionais.

5.5 - ANÁLISE LEXICAL DO SINAL GLOSADO COMO DURO EM LIBRAS

Essa análise tem por finalidade descrever o comportamento semântico do sinal glosado como DURO em diferentes contextos de uso na Libras, com base em dados empíricos. O significado potencial desse sinal está relacionado a seu uso produtivo fora de contexto, no qual a configuração de mão - com o dedo indicador dobrado da mão dominante - realiza um movimento de impacto sobre o dorso da mão não dominante ou sobre uma superfície plana. Essa forma remete a uma imagem corporal de resistência, rigidez ou obstáculo. A partir dessa base, os significados atualizados nos enunciados variam conforme os elementos coocorrentes e o contexto discursivo em que o sinal ocorre.

Dessa maneira, busca-se identificar as nuances semânticas assumidas pelo sinal em diferentes usos, além de analisar os gradientes de sentido e as possíveis extensões metafóricas que caracterizam sua polissemia. Contudo, em contextos nos quais os

significados não compartilham traços semânticos comuns nem estabelecem vínculos metafóricos entre si, a análise considera também a possibilidade de ocorrência de homonímia, conforme os critérios de ausência de continuidade semântica entre os sentidos.

Figura 28 – Sinal glosado como DURO na Libras



Fonte: <https://signbank.libras.ufsc.br/pt/signs/view/969>

Do ponto de vista da estrutura fonológica, o sinal DURO enquadra-se na categoria de configurações interativas, conforme a tipologia proposta por Johnston e Schembri (1999), por representar uma ação em que a mão dominante simula uma interação física com uma superfície ou objeto e evoca o gesto de bater. A partir dessa base, os significados atualizados nos enunciados variam conforme os elementos coocorrentes e o contexto discursivo em que o sinal ocorre.

5.5.1 Análise dos parâmetros fonossemânticos componentes do sinal ambíguo DURO

O sinal glosado como DURO na Libras apresenta uma estrutura fonológica cujos parâmetros articulatórios contribuem diretamente para sua carga semântica. Dentre esses, a *configuração de mão* e o *movimento* destacam-se como elementos fundamentais na expressão do significado e atuam como pistas linguísticas que orientam a interpretação do sinal em diferentes contextos.

A *configuração de mão* emprega o dedo indicador dobrado da mão dominante, formando uma estrutura compacta e enrijecida. Esse formato gestual remete visualmente à ideia de tensão ou rigidez localizada e evoca uma resistência física. Assim, a configuração por si só já ativa um traço semântico ligado à noção de dureza, firmeza ou obstáculo - qualidades frequentemente associadas ao adjetivo “duro” tanto em sentido literal quanto em usos metafóricos.

O *movimento*, por sua vez, consiste em um gesto descendente e enfático da mão

dominante em direção à mão não dominante, que permanece posicionada horizontalmente à frente do corpo. Esse movimento de impacto simula uma ação de força ou choque contra uma superfície e reforça a ideia de resistência. A direção, a intensidade e a finalização abrupta do movimento constituem pistas fonossemânticas que projetam valores como inflexibilidade, severidade ou exigência. Esses traços semânticos ativados pelo movimento contribuem para os significados contextuais observados, tais como "sem fluência", "rígido" e "exigente", que revelam um processo de extensão metafórica a partir da forma sinalizada.

Essa base fonossemântica torna possível tanto a produtividade do sinal fora de contexto quanto sua polissemia em uso real. Em situações em que não há continuidade semântica entre os sentidos atualizados, pode-se considerar a hipótese de homonímia formal, conforme critérios estabelecidos por Cruse (1986) e Johnston & Schembri (1999).

5.5.2 Significado potencial (nível produtivo)

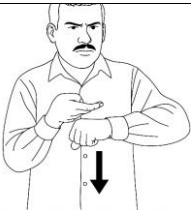
O significado potencial do sinal glosado como DURO corresponde à sua forma produtiva, isto é, ao valor semântico ativado fora de contexto, considerando apenas seus traços fonológicos e imagéticos. Trata-se da base conceitual sobre a qual se constroem os sentidos específicos em uso real, a partir da interação com os coocorrentes e com o contexto discursivo.

No nível produtivo, o sinal DURO, como visto, enquadra-se na categoria de configuração interativa (Johnston e Schembri, 1999), pois representa uma interação corporal com um objeto ou superfície — gesto análogo ao ato de testar a dureza de algo ao pressioná-lo com o dedo.

A iconicidade envolvida nesse gesto transmite uma imagem de impacto, resistência ou rigidez, produzida por uma ação concentrada de força. O movimento é direto e marcado, e sugere que há um obstáculo ou material resistente a ser tocado, penetrado ou atravessado. Dessa forma, o sinal remete, em seu significado potencial, à ideia de algo que oferece resistência ao toque — seja fisicamente duro, inflexível ou impenetrável.

Esse conteúdo imagético constitui a base fonossemântica a partir da qual emergem diferentes sentidos contextuais, como "sem fluência", "rígido" e "exigente". A ativação desses sentidos depende das relações estabelecidas com os elementos circundantes no enunciado. Assim, o significado potencial do sinal DURO, enquanto forma produtiva, pode ser descrito como “aplicar força em algo resistente ou rígido”, por isso funciona como um núcleo semântico passível de extensões metafóricas e reinterpretações em discurso.

Quadro 18 - Ficha descritiva do sinal DURO

Campo	Descrição
Forma	
Significado potencial	A ação de bater repetidamente com o <i>dedo indicador dobrado sobre uma superfície rígida</i> serve de base para extensões metafóricas em diferentes domínios de uso, como a avaliação de algo “rígido”, “difícil” ou “inflexível”.
Parâmetros fonológicos	<i>Configuração de mão:</i> mão dominante com o dedo indicador dobrado, demais dedos fechados; mão não dominante em posição horizontal à frente do corpo, funcionando como base. <i>Ponto de articulação:</i> sobre a palma ou o dorso da mão não dominante. <i>Movimento:</i> batidas rápidas, curtas e descendentes. <i>Orientação:</i> palma da mão dominante voltada para a lateral. <i>Expressão facial (quando presente):</i> indica esforço e sugere resistência percebida.
Parâmetros Fonossemânticos	<i>Configuração de Mão:</i> configuração interativa (Johnston; Schembri, 1999) simula uma interação direta entre a mão e uma superfície rígida, reforçando a iconicidade do gesto. <i>Movimento:</i> as batidas repetidas ativam a imagem de testar ou constatar a resistência de algo, evocando contato breve e firme com material duro.
Glosa sugerida a partir da ação manual abstrata	DURO

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

Serão analisadas, a seguir, três ocorrências distintas do sinal DURO, extraídas de enunciados autênticos em Libras. Cada caso é apresentado com sua respectiva glosa, tradução para o Português e uma análise contextual que considera os fatores discursivos envolvidos. A proposta é examinar de que modo o sinal, embora mantenha uma base composicional estável, ancorada nos parâmetros de configuração de mão e movimento, assume sentidos específicos e especializados conforme o domínio discursivo em que é empregado.

5.5.3 Ocorrência 1 - uso: “duro” (no sentido/contexto de falta de fluência linguística)

A primeira ocorrência do sinal DURO é registrada no relato do surdo Sandro dos Santos Pereira e refere-se à experiência inicial com a Libras, anterior ao contato mais efetivo com outros surdos. A seguir, apresenta-se a glosa do trecho e sua respectiva análise.



Glosa: SE EL@S ENSINAR-ME_(neg) PRONTO EU GESTOS DURO_(sem fluência) ATÉ HOJE
 Tradução: *Se eles não tivessem me ensinado, eu só gesticularia sem fluência até hoje.*

O sinal é utilizado para descrever a limitação comunicativa vivenciada nesse período, marcada pela ausência de fluência e pela predominância de gestualizações pouco estruturadas. Nesse contexto, DURO_(sem fluência) assume valor metafórico, relacionado à rigidez na expressão linguística e à dificuldade de articulação sinalizada e funciona como marcador da etapa inicial do desenvolvimento da competência na língua de sinais.

A escolha do sinal DURO_(sem fluência) nesse contexto ativa uma projeção metafórica a partir de seu significado potencial. A imagem gestual de bater com o dedo dobrado em uma superfície rígida, associada à resistência física, é transferida para a qualidade dos movimentos comunicativos, que, ao serem “duros”, expressam falta de maleabilidade e fluidez. O gesto funciona, assim, como um marcador semântico de dificuldade expressiva, simbolizando um estado linguístico rudimentar.

O coocorrente GESTOS reforça essa leitura e funciona como composto semântico que explicita o caráter negativo da produção linguística. O traço de rigidez, acionado fonosse semanticamente pela configuração e movimento do sinal, constitui o elo conceitual entre o significado literal (relativo à resistência física) e o sentido metafórico (relativo à

deficiência linguística), além de caracterizar um caso de polissemia motivada pela iconicidade gestual.

Quadro 19 – Gradiente de sentido para DURO_(sem fluência) como “sem fluência linguística”

Grau / Categoria	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Relação com o significado da ocorrência
1. Literal / produtivo	Ação de bater com o dedo curvado sobre superfície resistente.	Significado potencial do sinal, fora de contexto. Refere-se à percepção física de algo duro, com resistência ao toque.	Não presente na ocorrência. Fornece a base fonossemântica do gesto: rigidez e resistência são projetadas metaforicamente para a expressão corporal.
2. Corporal / expressivo	Falta de fluência nos gestos comunicativos	O sinal é usado para qualificar gestos rígidos, travados, sem suavidade ou naturalidade.	Reflete a ausência de fluência linguística anterior ao contato com a Libras. A rigidez do gesto expressa a limitação expressiva.
3. Cognitivo / linguístico	Déficit de competência linguística em Libras	A rigidez comunicativa é associada à falta de acesso a um código linguístico estruturado.	O sinal representa não apenas a forma dos gestos, mas a precariedade do domínio linguístico e revela um estado de carência comunicacional.

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

Nesta ocorrência, o sinal DURO_(sem fluência) é utilizado para expressar a ideia de rigidez ou ausência de fluência gestual, em um contexto que remete à falta de aprendizado formal da Libras. Observa-se, no entanto, que o movimento labial (parâmetro de boca) presente durante a produção do sinal DURO_(sem fluência) é o mesmo identificado na articulação dos sinais ATÉ e HOJE, que o acompanham imediatamente na sequência discursiva.

A repetição do mesmo movimento de boca em três sinais coocorrentes, e semanticamente distintos, sugere que tal configuração labial não é exclusiva do sinal DURO_(sem fluência), mas atua como um marcador prosódico ou entoacional da frase. Trata-se, portanto, de um uso da expressão facial e labial que transcende a unidade lexical isolada, possivelmente vinculado à organização sintática e à estrutura informacional do enunciado. Dessa forma, o parâmetro de boca compartilhado entre DURO_(sem fluência), ATÉ e HOJE não foi considerado, neste caso, como um traço fonossemântico característico da forma do sinal DURO_(sem fluência). Sua recorrência em múltiplos sinais da mesma construção discursiva indica sua função como recurso articulatório fraseal, e não como marcador distintivo do sinal analisado. Essa distinção é fundamental para preservar a precisão da análise fonossemântica e evitar generalizações indevidas sobre os elementos formais de cada sinal.

A análise do gradiente de sentido do sinal DURO_(sem fluência), na Ocorrência 1, permite situar seu uso no nível corporal/expressivo, com desdobramentos no plano cognitivo-linguístico. Embora derivado de uma base gestual concreta, o ato de bater com

o dedo curvado sobre uma superfície, o sinal, nesse contexto, é mobilizado para qualificar a produção comunicativa como rígida e travada, anterior ao domínio efetivo da Libras. A referência à dureza não se limita à forma física dos gestos, mas estende-se à ideia de limitação expressiva e evoca a ausência de fluência e a precariedade de um sistema linguístico estruturado. Trata-se, portanto, de uso metafórico fundamentado na imagem corporal do sinal, que projeta a noção de rigidez física para o campo da competência linguística. O grau de sentido predominante, nesse caso, evidencia a articulação entre forma, uso e experiência comunicativa e revela um processo de construção de sentido motivado pela iconicidade e pela vivência do sujeito surdo.

5.5.4 Ocorrência 2 - uso: “duro” (referência à área da linguística teórica)

A segunda ocorrência do sinal DURO é registrada no relato do surdo Deonísio Schmitt e ocorre no contexto de uma prova de entrevista, cujo tema envolvia o currículo e um projeto relacionado à área da linguística. A seguir, apresenta-se a glosa do trecho e sua respectiva análise.



Glosa: BOIA_3 PROVA ENTREVISTA CURRÍCULO PROJETO LINGUÍSTICA
DURO_(área teórica)

Tradução: *A terceira prova era entrevista sobre o currículo e o projeto na área da Linguística dura.*

Neste enunciado, o sinal DURO_(área teórica) não está sendo utilizado como adjetivo avaliativo da dificuldade da prova ou do projeto, mas como marcador referencial de uma subárea disciplinar específica: a linguística dura. Trata-se de um uso técnico ou classificatório, em que o sinal remete a uma vertente mais formal, estruturada e teórica da

linguística, frequentemente associada a métodos quantitativos, modelos sistemáticos e formalizações gramaticais, como a fonologia gerativa, a morfossintaxe ou a semântica lógica.

Neste caso, o sinal DURO_(área teórica) funciona como um rótulo conceitual, que categoriza um campo do conhecimento pela associação metafórica com características como rigidez estrutural, precisão e sistematicidade. O traço de rigidez, presente no significado potencial do sinal (relativo ao gesto de bater com o dedo dobrado sobre uma superfície), é transferido da esfera física para a epistêmica, a fim de caracterizar um domínio teórico que se opõe às chamadas "ciências humanas moles" ou "linguística suave", mais interpretativas ou qualitativas.

Trata-se de uma metáfora ontológica recorrente em discursos acadêmicos: descrever áreas do conhecimento como “duras” ou “suaves”, em função do grau de formalização ou objetividade que assumem. Assim, embora este uso do sinal DURO_(área teórica) preserve uma ligação com seu significado potencial, a relação não ocorre por descrição de qualidades imediatas de um evento, mas por categorização simbólica de um campo disciplinar. Ainda que motivado por traços fonossemânticos da forma, esse uso tende à especialização lexical e aproxima-se de um termo técnico, cujo sentido é mais estável e menos dependente do contexto.

Quadro 20 – Gradiente de sentido para DURO_(área teórica) como “área teórica da linguística”

Grau / Categoria	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Relação com o significado da ocorrência
1. Literal / produtivo	Ação física de bater com o dedo curvado sobre superfície rígida.	Significado fora de contexto. Representa contato físico com algo resistente.	Não está presente no enunciado, mas fornece a base fonossemântica que ancora os sentidos posteriores.
2. Avaliativo / institucional	Situação percebida como difícil, exigente ou rigorosa.	O sinal pode sugerir, em outros contextos, a avaliação de provas ou experiências como exigentes.	Não se aplica diretamente neste caso, embora possa coexistir indiretamente com a exigência do processo seletivo.
3. Epistêmico / classificatório	Categorização de um campo teórico estruturado e formal	O sinal funciona como marcador referencial da chamada “linguística dura”, área associada à formalização e à sistematicidade.	Refere-se diretamente à natureza da área temática tratada no projeto, com traços de rigidez.

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

Na Ocorrência 2, o sinal DURO_(área teórica) é utilizado em sua função epistêmica e atua como marcador classificatório de um campo teórico. O enunciado faz referência à

“linguística dura”, expressão amplamente empregada para designar vertentes da linguística com forte base formal e estrutura metodológica sistemática, como a fonologia gerativa, a sintaxe ou a semântica formal. Nessa perspectiva, o sinal não qualifica uma experiência subjetiva, como dificuldade ou exigência, mas categoriza um domínio do saber por meio da ativação metafórica do traço de rigidez presente em sua base fonossemântica. O uso é, portanto, de natureza abstrata e especializada, além de configurar um grau de sentido epistêmico/classificatório, no qual o conceito de “duro” se afasta da experiência corporal e passa a designar uma qualidade atribuída ao campo científico. Ainda que o gesto mantenha sua iconicidade de origem, o sinal é aqui recontextualizado como rótulo técnico, o qual indica um processo de especialização lexical.

Nesta ocorrência, durante a articulação do sinal DURO_(área teórica), observa-se a presença de um movimento de boca correspondente à pronúncia da palavra “duro” em Português. Este parâmetro labial, no entanto, não é necessário para a ativação do sentido no contexto em questão, nem funciona como marcador fonossemântico obrigatório.

É importante destacar que, na Libras, há sinais cuja configuração de boca é fundamental para a diferenciação de significado. Nesses casos, a ausência do parâmetro labial pode resultar em ambiguidade ou até em alteração completa do sentido pretendido. Entretanto, não é esse o caso nesta ocorrência: a presença do movimento de boca associado à pronúncia em Português não altera nem determina o significado do sinal DURO_(área teórica) como “área teórica”, sendo, portanto, considerada opcional e não essencial para sua interpretação.

A presença do parâmetro labial pode ser atribuída ao perfil dos signatários do corpus, surdos de referência com alto domínio do Português, o que favorece a incorporação espontânea de elementos articulatórios oriundos da língua oral, sobretudo em contextos de maior formalidade ou visibilidade comunicativa. Dessa forma, o movimento de boca observado nesta ocorrência foi classificado como recurso articulatório complementar, de natureza fonopragmática ou performática, portanto, não foi integrado à descrição fonossemântica essencial do sinal analisado.

5.5.5 Ocorrência 3 - uso: “duro” (no sentido/contexto de exigente)

A terceira ocorrência do sinal DURO é registrada no relato do surdo Thiago Ramos de Albuquerque, ao rememorar sua experiência com processos seletivos para o ingresso no ensino superior. O sinal aparece associado ao vestibular de uma instituição federal, cuja

difficuldade é destacada na fala. A seguir, apresenta-se a glosa do trecho e sua respectiva análise.



Glosa: BÓIA-5 PERDER BÓIA-5 FEDERAL BÓIA-5 **DURO**_(exigente) DIFÍCIL
 Tradução: *O quinto eu não passei. Era Federal. É mais exigente e difícil.*

Nesta ocorrência, o sinal **DURO**_(exigente) é empregado para caracterizar a natureza do processo seletivo de uma instituição de ensino superior federal, qualificando-o como mais exigente e rigoroso. O sinal aparece acompanhado do coocorrente DIFÍCIL e reforça a interpretação de que a exigência está relacionada à complexidade ou à severidade do processo avaliativo, e não à dureza física ou estrutural de algo.

Neste contexto, o gesto de bater com o dedo curvado sobre uma superfície que, no nível produtivo, transmite a ideia de resistência, é transferido metaforicamente para o campo das experiências acadêmicas, atribuindo ao processo seletivo um caráter seletivo, criterioso e de alto padrão. O traço semântico de resistência ao acesso é projetado a partir da imagem corporal do sinal, o qual sugere que o ingresso na instituição requer esforço, superação de obstáculos e preparo elevado.

O uso do sinal **DURO**_(exigente) como sinônimo de exigente revela uma extensão metafórica estável, presente também em outras línguas e contextos (por exemplo, “um professor duro”, “uma prova dura”), e representa uma forma consolidada de polissemia baseada na iconicidade do gesto. A configuração de mão e o movimento, centrais na

construção fonossemântica, funcionam, mais uma vez, como pistas linguísticas visuais para a ativação do sentido figurado.

Nesta ocorrência, observa-se que o sinal DURO é imediatamente seguido pelo sinal DIFÍCIL, ambos empregados para reforçar a ideia de exigência atribuída ao vestibular de uma instituição federal. Um elemento relevante nesta análise é a presença de um mesmo parâmetro boca (movimento labial) durante a produção dos dois sinais. Considerando que esse parâmetro aparece de forma idêntica em dois sinais coocorrentes, e não de forma isolada no sinal DURO, entende-se que a configuração labial nessa construção está mais relacionada à sintaxe da frase e funciona mais como marcador prosódico-discursivo, do que como traço formal específico de apenas um dos sinais.

Por essa razão, o movimento de boca compartilhado entre DURO e DIFÍCIL não foi considerado, neste caso, como elemento fonossemântico exclusivo do sinal DURO, mas como recurso articulatório de natureza fraseal. Essa distinção metodológica busca preservar a precisão na descrição dos parâmetros formais e evitar a atribuição indevida de traços que, embora presentes na articulação, não estejam atrelados exclusivamente à forma do sinal em análise.

Ao lado dos sentidos analisados nas ocorrências anteriores, este uso reforça a produtividade semântica do sinal DURO_(exigente), cujo significado potencial se mostra altamente apto a gerar extensões metafóricas coerentes com o conceito de resistência, seja na linguagem, na ciência ou em eventos avaliativos. Ainda assim, cabe considerar, nos limites da análise, que nem todos os sentidos podem ser relacionados diretamente, sendo necessária a avaliação do grau de continuidade semântica entre eles para distinguir casos de polissemia e de homonímia.

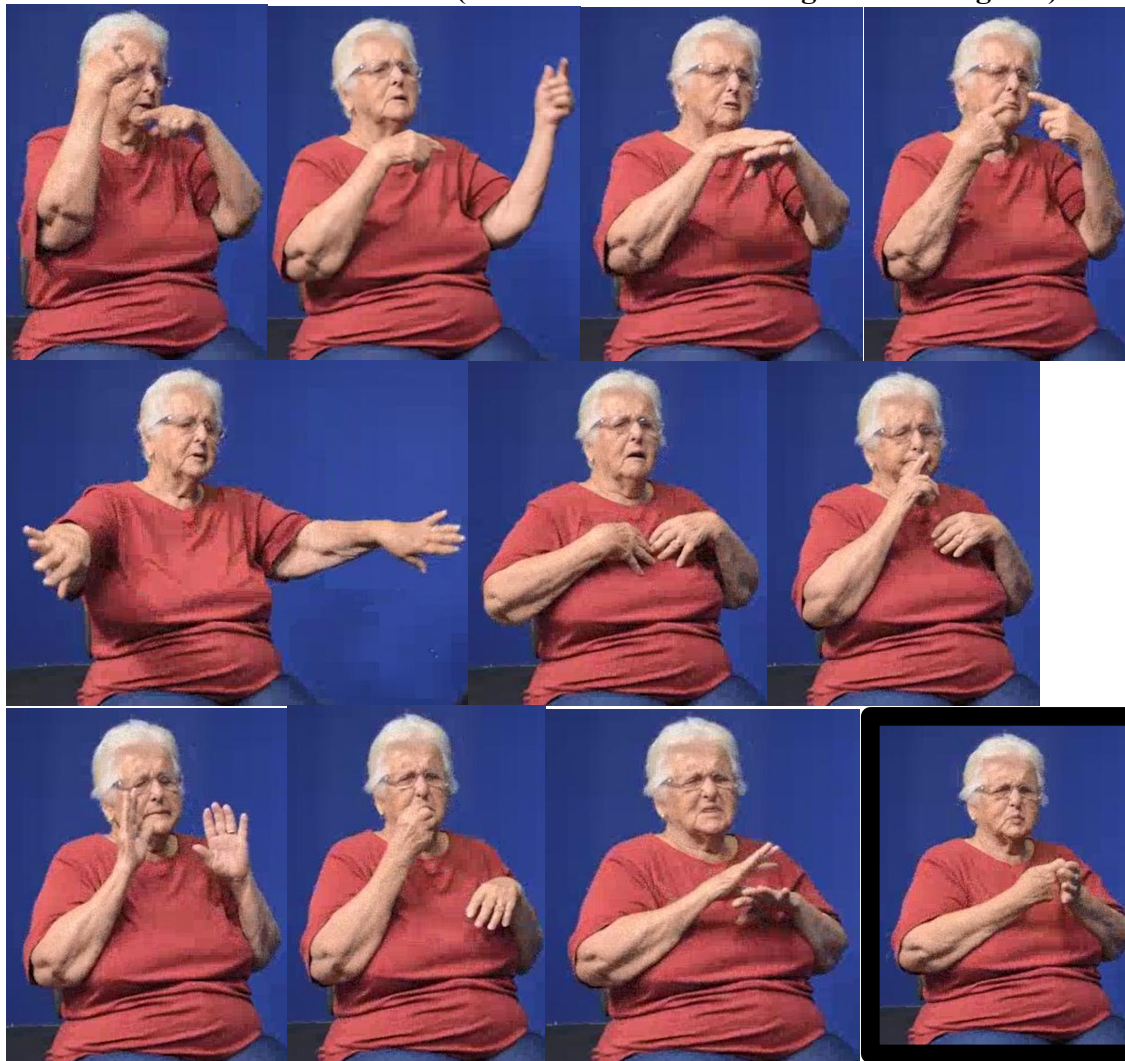
Quadro 21 – Gradiente de sentido para DURO_(exigente) como “exigente”

Grau / Categoria	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Relação com o significado da ocorrência
1. Literal / produtivo	Ação física de bater com o dedo curvado sobre superfície rígida.	Significado fora de contexto. Refere-se à percepção física de resistência ao toque.	Fornece a base imagética do gesto, associada à noção de obstáculo ou dificuldade.
2. Avaliativo / institucional	Situação vivida como exigente, seletiva ou de difícil superação.	O sinal é utilizado para qualificar o vestibular como rigoroso e de alto grau de exigência.	Aponta para a experiência subjetiva do falante diante da seletividade do processo de ingresso em instituição federal.
3. Metafórico experiencial	Projeção do traço de resistência para a ideia de esforço ou superação de barreiras.	O traço de “dureza” é interpretado como algo que demanda mais esforço, como uma barreira simbólica difícil de transpor.	O uso do sinal aciona um valor metafórico construído a partir da experiência física, transferida para o domínio educacional.

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

Na Ocorrência 3, o sinal DURO_(exigente) é empregado para qualificar um vestibular de instituição federal como exigente e difícil, com destaque para o grau de seletividade do processo. Diferentemente do uso técnico observado na ocorrência anterior, aqui, o sinal atua como marcador avaliativo de uma experiência subjetiva. O falante associa a “dureza” do processo à própria reprovação e revela uma leitura baseada na percepção de rigor e de obstáculos impostos. O gesto preserva sua motivação fonossemântica, derivada do movimento de bater com o dedo curvado, a qual se projeta metaforicamente para representar resistência simbólica ao acesso. A dureza, nesse contexto, não está em um objeto ou conteúdo teórico, mas na estrutura do processo seletivo, que se apresenta como uma barreira a ser superada. Trata-se, portanto, de um uso situado no grau avaliativo/institucional, com elementos de metáfora experiencial, em que o corpo serve como base de construção de sentido para descrever experiências sociais de exclusão, esforço e desafio.

5.5.6 Ocorrência 4 - uso: “duro” (no sentido/contexto de rígido/intransigente)



Glosa: DEPOIS VIR CONVERSAR DIÁLOGO SEPARAR SENTIR QUIETO DEIXAR

BOM NADA [DURO](#)_(rígido)

Tradução: *Depois de conversar e dialogar, separamos. Fiquei sentida e na minha. Deixei pra lá, já que não era bom e era rígido.*

A quarta ocorrência do sinal [DURO](#)_(rígido) foi registrada no relato da surda Ilse Muller de Quadros, em um contexto marcado pelo encerramento de uma relação interpessoal. O enunciado apresenta um tom introspectivo e avaliativo, no qual a narradora relata que, após tentativas de diálogo, optou pela separação. O sinal aparece ao final da sequência, atribuído à qualidade da relação vivenciada, descrita como “não boa” e “dura”. Nesse uso, o sinal expressa uma avaliação da rigidez comportamental do outro, entendida como falta de abertura ou de disposição para o ajustamento mútuo.

A sequência discursiva ressalta, primeiramente, a tentativa de resolução por meio de conversa e diálogo, seguida do afastamento e de uma avaliação conclusiva da situação. O sinal [DURO](#)_(rígido) atua como adjetivo qualificativo e atribui à relação o traço de inflexibilidade. Essa leitura é reforçada pelo encadeamento dos sinais QUIETO, SENTIR e DEIXAR, que integram um campo semântico ligado à frustração, ao recolhimento e à desistência. Do ponto de vista fonossemântico, a forma do sinal [ativa é o gesto](#) de bater com o dedo curvado sobre uma superfície, imagem corporal que remete à ideia de resistência física. Nesse contexto, o gesto é reconfigurado como metáfora para a rigidez subjetiva da relação e é transferido do plano físico para o comportamental. O traço de dureza, portanto, não é literal, mas funciona como recurso avaliativo no relato da experiência emocional.

Esse uso do sinal exemplifica o funcionamento da metáfora experiencial (Lakoff; Johnson, 1980), na qual a percepção tátil de rigidez é projetada sobre vínculos interpessoais, atribuindo-lhes características de oposição e bloqueio. A ocorrência situa-se no nível comportamental/experiencial do gradiente de sentido identificado na análise geral, revela o potencial da Libras para expressar aspectos afetivos e subjetivos a partir da iconicidade gestual e da estrutura simbólica dos sinais.

Quadro 22 – Gradiente de sentido para [DURO](#)_(rígido) como “rígido, inflexível, intransigente”

Grau / Categoria	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Relação com o significado da ocorrência
1. Literal / produtivo	Bater com o dedo curvado sobre superfície rígida.	Gesto isolado com valor icônico de contato com algo resistente.	Fornecer a base fonossemântica de resistência e impacto, que sustenta os usos metafóricos posteriores.
2. Comportamental / avaliativo	Descrição de uma postura relacional rígida ou inflexível.	O sinal é usado para qualificar a relação como marcada por intransigência ou falta de abertura ao diálogo.	A rigidez física do gesto é metaforicamente transferida para a rigidez afetiva e comportamental na interação interpessoal.

Grau / Categoria	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Relação com o significado da ocorrência
3. Emocional / experiencial	Expressão de julgamento subjetivo a partir de vivência afetiva negativa.	O sinal aparece associado a uma experiência de separação e frustração, reforçando a avaliação negativa da situação vivida.	O traço de “dureza” é ressignificado como obstáculo emocional à continuidade de um vínculo ou à reconciliação relacional.

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

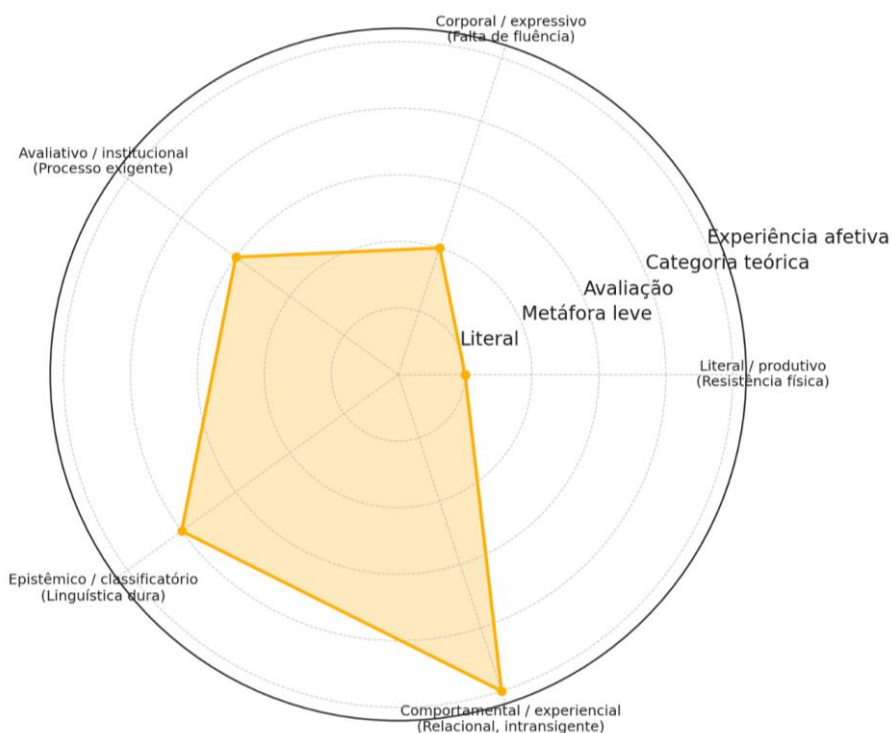
Nesta ocorrência, o sinal DURO é utilizado em referência a uma situação interpessoal marcada por rigidez ou inflexibilidade. Durante sua articulação, observa-se novamente a presença de um movimento de boca compatível com a pronúncia da palavra “duro” em Português. Assim como na ocorrência anterior, o parâmetro labial aqui presente não é essencial para a compreensão do sinal, nem configura um traço fonossemântico obrigatório.

Aplicam-se, portanto, as mesmas considerações metodológicas já descritas: embora a configuração de boca possa ocorrer isoladamente durante o sinal DURO, ela não altera seu significado no contexto e parece funcionar como recurso articulatório complementar, possivelmente vinculado ao domínio bilíngue dos signatários. Por esse motivo, o parâmetro boca nesta ocorrência não foi incluído na descrição formal do sinal, sendo compreendido como opcional e de natureza prosódico-performática.

5.5.6 Análise contextual e gradiente de sentido do sinal DURO

O gráfico radial (Figura 29) representa de forma visual e comparativa os níveis semânticos ativados em quatro diferentes ocorrências do sinal DURO, conforme analisadas nesta pesquisa. O gráfico estrutura os sentidos em um contínuo que vai do uso mais concreto e literal até níveis mais abstratos e subjetivos, permitindo visualizar a extensão do campo semântico mobilizado por esse sinal na Libras.

Figura 29 - Gradiente de ambiguidade lexical do sinal DURO na Libras



Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

A primeira ocorrência, situada no nível literal/produtivo (1), remete diretamente à ideia de resistência física e representa o gesto como uma ação de bater com o dedo curvado sobre uma superfície rígida. Este é o ponto de ancoragem do gradiente e funciona como base imagética para os demais sentidos derivados.

Na segunda ocorrência, posicionada no nível corporal/expressivo (2), o sinal é interpretado como falta de fluência linguística e descreve uma rigidez articulatória anterior à aquisição da Libras. Trata-se de uma metáfora leve, que ainda preserva aspectos perceptivos do gesto original, mas já começa a transitar para o campo da avaliação.

A terceira ocorrência, no nível epistêmico/classificatório (4), associa o sinal à expressão "linguística dura", ou seja, a um campo teórico percebido como formal, técnico ou estruturalmente rígido. Aqui, o gesto torna-se marcador de categoria conceitual, que evidencia uma especialização semântica já distante da literalidade inicial.

A quarta ocorrência, situada no nível comportamental/experiencial (5), ativa o sentido mais abstrato e subjetivo do gradiente. Nesse caso, o sinal qualifica uma relação interpessoal como "dura", isto é, marcada por inflexibilidade e intransigência emocional. Trata-se de uma metáfora experiencial que projeta a percepção de rigidez física sobre uma vivência afetiva, que desloca completamente o gesto para o plano simbólico.

O gráfico evidencia, portanto, o comportamento polissemicamente radial do sinal DURO, cuja base fonossemântica permite a geração de sentidos diversos por mecanismos

metafóricos e avaliativos. A distribuição dos dados reforça a ideia de que sinais com estrutura formal estável e motivação icônica consistente podem funcionar como núcleos lexicais produtivos e gerar significados distintos, porém, inter-relacionados, a partir da interação entre forma, contexto e coocorrência discursiva.

Quadro 23 - Síntese da análise do sinal DURO

Grau / Categoria	Descrição do nível de sentido	Características do uso	Ocorrências em que aparece
1. Literal / produtivo	Ação de bater com o dedo curvado em uma superfície rígida.	Uso fora de contexto. Representa contato físico direto com algo duro. Base fonossemântica do sinal.	- (significado potencial) Não identificado nas ocorrências analisadas.
2. Comunicativo / corporal	Falta de fluência linguística.	Qualifica gestos rígidos e travados, sem naturalidade. Refere-se à ausência de domínio linguístico.	Ocorrência 1
3. Avaliativo / institucional	Exigência e dificuldade em processos avaliativos	Refere-se às experiências rigorosas, seletivas ou difíceis, como provas e seleções.	Ocorrência 3
4. Epistêmico / classificatório	Classificação de campo teórico formal (linguística dura)	Uso técnico para categorizar uma vertente científica sistemática e formalizada.	Ocorrência 2
1. Comportamental / experiencial	Inflexibilidade no comportamento ou na relação	Rigidez de postura, falta de abertura afetiva	Ocorrência 4

Fonte: Dados da pesquisa (elaboração própria).

O quadro-síntese apresentado permite observar a variação de sentidos atribuídos ao sinal DURO em diferentes contextos discursivos, articulando-se em torno de um núcleo gestual comum. O uso literal, correspondente à ação de bater com o dedo curvado sobre uma superfície rígida, constitui a base fonossemântica que sustenta as extensões de sentido verificadas nas ocorrências analisadas. Esse gesto ativa traços como rigidez, resistência e oposição ao movimento, os quais são projetados metaforicamente para outros domínios: a rigidez da expressão gestual anterior à aquisição da língua, o grau de exigência atribuído a processos seletivos e à classificação de uma área teórica como estruturalmente formalizada. A permanência desses traços nos diferentes níveis de uso evidencia a coerência semântica que caracteriza a polissemia observada. Nesse sentido, o significado literal não apenas antecede os demais, mas os fundamenta, pois funciona como eixo de articulação entre forma, uso e construção de sentido na Libras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação realizada nesta tese evidencia que a investigação da ambiguidade lexical na Libras, a partir dos sinais SOLTAR, DIREITO, ESFORÇAR e DURO, demonstrou que esse fenômeno não é aleatório, mas organizado segundo padrões linguísticos que articulam forma, uso e contexto. A análise revelou que a ambiguidade lexical na Libras se constrói a partir da interação entre motivações fonossemânticas, traços discursivos e fatores contextuais, elementos que em conjunto determinam se os sentidos mantêm continuidade (polissemia) ou se configuram como rupturas semânticas (homonímia). Tal constatação confirma a complexidade estrutural da Libras e a pertinência de abordagens que levem em conta sua natureza visual e multimodal.

A seleção dos sinais baseou-se na frequência de uso e na diversidade de significados observada em registros autênticos de enunciados em Libras. A análise dos parâmetros formais revelou que há sinais cuja configuração, movimento e orientação mantêm relação direta com os sentidos expressos, especialmente quando associados a um núcleo conceitual comum, como nos casos de SOLTAR e DURO. Em outras situações, identificou-se a presença de formas idênticas empregadas em significados distintos, sem conexão semântica entre si, como observado em DIREITO, o que aponta para fenômenos de homonímia associados, em parte, à presença de empréstimos linguísticos.

A seleção dos quatro sinais centrais - SOLTAR, DIREITO, ESFORÇAR e DURO - partiu da frequência de ocorrência no corpus e da diversidade de sentidos observados, o que possibilitou uma investigação qualitativa aprofundada sem comprometer o rigor metodológico. No caso de SOLTAR, verificou-se um conjunto expressivo de usos que, embora variados, mantêm um núcleo conceitual comum relacionado à ideia de liberar ou deixar algo, evidenciando processos de polissemia motivada. Esses usos vão desde contextos concretos, em que o sinal indica literalmente o ato de soltar, até contextos mais abstratos, em que se associa a desistir ou abandonar, preservando ainda a continuidade semântica entre os sentidos.

O sinal DIREITO, por outro lado, revelou-se paradigmático para a homonímia em Libras, pois os diferentes significados - “direito legal”, “diretor escolar” e “deficiência” - não apresentaram sobreposição semântica. A análise fonossemântica sugeriu que parte dessa multiplicidade pode estar vinculada à influência da datilologia e dos empréstimos linguísticos do Português, especialmente pela associação à letra *D*, que atua como marcador formal, mas sem garantir uma motivação semântica entre os sentidos. Esse dado evidencia

a relevância de considerar o papel de empréstimos e convenções gráficas na constituição de homônimos em línguas de sinais.

Já o sinal ESFORÇAR apresentou um comportamento híbrido, constituindo um dos casos mais complexos do estudo. Em determinados contextos, os sentidos de esforço físico, empenho cognitivo e resistência emocional mostraram-se interligados por um eixo semântico de dedicação e superação, caracterizando um padrão polissêmico. Contudo, em outros contextos, como no uso para “reforço escolar” ou “defesa de tese”, não se observou continuidade semântica com esse núcleo, mas a cristalização de sentidos específicos, institucionalizados e desconectados do campo conceitual original, o que justifica sua classificação como homonímia. Esse duplo funcionamento demonstra como a ambiguidade pode se desdobrar em zonas de fronteira, em que polissemia e homonímia coexistem no mesmo sinal.

Por fim, o sinal DURO revelou-se o mais distante de seu sentido literal, frequentemente associado à ideia de rigidez física. Nas ocorrências analisadas, o termo foi atualizado em sentidos metafóricos e avaliativos, como “sem fluência linguística”, “linguística dura”, “exigente” e “rígido” no âmbito comportamental ou acadêmico. Essa diversidade de usos aponta para a vitalidade metafórica da Libras, em que significados abstratos emergem a partir de deslocamentos semânticos que não dependem da materialidade concreta. Assim, o estudo desse sinal evidencia como a língua de sinais, tal como as línguas orais, opera com recursos de extensão semântica para construir sentidos múltiplos em diferentes domínios discursivos.

Em conjunto, esses resultados confirmam que a ambiguidade lexical na Libras é multifacetada e abrange tanto casos de polissemia motivada por continuidade semântica e iconicidade quanto de homonímia sustentada por arbitrariedade formal ou empréstimos. Tal quadro demonstra a complexidade do léxico sinalizado e a necessidade de análises que articulem parâmetros fonossemânticos, contexto de uso e fatores socioculturais para a adequada descrição das relações entre forma e significado.

Do ponto de vista teórico, esta pesquisa reforça a importância de desenvolver categorias analíticas sensíveis à modalidade visual-espacial das línguas de sinais, superando os modelos importados exclusivamente das línguas orais. A ênfase nos parâmetros fonossemânticos - configuração de mão, movimento, orientação e localização - como critério central de análise constitui uma inovação metodológica, ao permitir compreender esses elementos não apenas como componentes fonológicos, mas também como portadores de valor semântico latente. Tal perspectiva contribui para consolidar um

referencial próprio para a semântica da Libras, capaz de captar nuances específicas de sua estrutura multimodal e de explicar a complexidade das relações entre polissemia e homonímia.

No plano metodológico, a pesquisa demonstrou que a combinação entre o corpus audiovisual autêntico (Inventário Nacional da Libras – Surdos de Referência) e o uso de ferramentas tecnológicas como o Signbank e o ELAN potencializa a análise linguística. Esses recursos permitiram não apenas o levantamento sistemático de ocorrências, mas também a observação minuciosa de padrões de variação, atualização semântica e regularidades formais nos sinais. O cruzamento entre dados de corpus, anotações multimodais e representações visuais possibilitou uma descrição mais rigorosa e replicável. Foram criadas condições para que futuros estudos ampliem o alcance e a confiabilidade da investigação. Além disso, a escolha por um corpus diversificado, que representa diferentes regiões do Brasil, assegurou uma visão mais abrangente da variação lexical da Libras.

Sob a perspectiva aplicada, os resultados da pesquisa apresentam impacto direto na formação de professores, intérpretes e tradutores de Libras, ao destacar a necessidade de maior atenção à variação semântica e à interpretação contextual dos sinais. A compreensão de que a ambiguidade lexical é constitutiva da língua - e não um “ruído” comunicativo - contribui para práticas pedagógicas e tradutórias mais conscientes e críticas, capazes de respeitar as escolhas lexicais dos surdos em diferentes situações. Esse enfoque fortalece a formação profissional ao orientar estratégias de ensino, interpretação e tradução que valorizem o contexto discursivo, reduzam riscos de interpretações equivocadas e ampliem a qualidade da mediação linguística. Ao mesmo tempo, oferece subsídios para o desenvolvimento de materiais didáticos, dicionários e glossários que incorporem critérios semântico-fonossemânticos, aproximando a descrição linguística da realidade efetiva de uso da Libras.

O estudo também reforça o estatuto da Libras como língua plena, capaz de operar em todos os níveis de abstração linguística e discursiva. Ao demonstrar que sinais ambíguos podem assumir sentidos metafóricos, avaliativos e até mesmo abstratos, a pesquisa afasta visões reducionistas que por muito tempo limitaram a Libras a uma dimensão puramente concreta ou visual, vinculada apenas à iconicidade. A descrição dos mecanismos internos de significação, sustentada na análise de parâmetros fonossemânticos e na observação contextual, evidencia que a língua dispõe de recursos complexos para produzir polissemias, homônimas e extensões semânticas sofisticadas. Nesse sentido, a tese não apenas descreve fenômenos lexicais, mas contribui para a valorização da Libras

como objeto legítimo de pesquisa linguística e como patrimônio cultural imaterial da comunidade surda w reconhece sua riqueza e vitalidade no cenário brasileiro.

As perspectivas futuras abertas por esta investigação são igualmente relevantes. A ampliação da análise para um conjunto maior de sinais permitirá confirmar padrões e expandir a aplicabilidade do modelo aqui proposto. O aprofundamento da investigação dos marcadores não manuais e sua relação com a desambiguação de sentidos poderá revelar novos critérios interpretativos, enquanto a articulação com aportes da linguística cognitiva e da pragmática visual trará avanços para a compreensão das interações entre forma, experiência e uso discursivo. Além disso, a análise da ambiguidade em sinais de nome e em topônimos abre um campo de pesquisa ainda pouco explorado, no qual se cruzam questões de identidade, cultura e variação linguística.

Assim, este trabalho se insere em um campo em expansão e oferece subsídios teóricos, metodológicos e aplicados para investigações futuras. Ao revelar que a ambiguidade lexical é um traço constitutivo e criativo da Libras, a tese reafirma o valor da língua de sinais não apenas como objeto acadêmico, mas também como instrumento de afirmação identitária, resistência cultural e fortalecimento dos direitos linguísticos da comunidade surda no Brasil. Dessa forma, contribui para o reconhecimento da Libras como língua viva, em constante transformação, e para a consolidação de seu lugar no âmbito das ciências da linguagem.

CONCLUSÃO

A presente tese dedicou-se a investigar a ambiguidade lexical na Libras, com especial atenção às distinções entre polissemia e homonímia ao analisar os dados do *Corpus da Libras* e do *Signbank*. A pesquisa partiu do pressuposto de que a ambiguidade não é um fenômeno marginal ou acidental, mas um traço constitutivo do funcionamento do léxico, que contribui para a expressividade e a flexibilidade da língua de sinais. A análise empreendida demonstrou que os sinais ambíguos não somente coexistem em diferentes usos, mas organizam-se segundo padrões recorrentes de motivação semântica, iconicidade, arbitrariedade e empréstimos linguísticos, evidenciando a complexidade do sistema lexical da Libras.

A escolha dos quatro sinais centrais - SOLTAR, DIREITO, ESFORÇAR e DURO -, extraídos de um corpus robusto com 396 registros, possibilitou uma análise qualitativa detalhada e metodologicamente consistente. Os resultados mostraram que *SOLTAR* apresenta múltiplos usos articulados por um núcleo semântico comum e caracteriza a polissemia; *DIREITO*, por sua vez, exemplifica a homonímia marcada por arbitrariedade formal e influência da datilologia; *ESFORÇAR* revelou-se híbrido, com usos interligados por um campo semântico de dedicação e significados institucionalizados sem conexão com esse núcleo; e *DURO* destacou-se por assumir sentidos metafóricos e avaliativos distintos de seu significado literal. Tais achados comprovam que a ambiguidade lexical na Libras é multifacetada e envolve tanto extensões semânticas motivadas quanto sobreposições arbitrárias entre forma e significado.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa contribuiu para o fortalecimento de categorias de análise ajustadas à modalidade visual-espacial, com destaque para os parâmetros fonossemânticos como critério inovador para diferenciar polissemia e homonímia. Essa abordagem amplia os horizontes da semântica lexical ao reconhecer que, em línguas de sinais, elementos tradicionalmente descritos como fonológicos também desempenham papel semântico e funcionam como portadores de valor interpretativo. Metodologicamente, a investigação demonstrou a relevância da análise de corpus audiovisual, associada a ferramentas como o *Signbank* e o ELAN, para identificar padrões de variação e atualização de sentidos de maneira precisa e replicável. Essa combinação fortalece a linguística de corpus aplicada às línguas de sinais e aponta caminhos para pesquisas mais sistemáticas e comparativas.

No âmbito aplicado, os resultados têm impacto direto na formação de professores,

intérpretes e tradutores de Libras, uma vez que evidenciam a necessidade de considerar a variação semântica e o contexto discursivo na interpretação dos sinais. A compreensão de que a ambiguidade não constitui um problema, mas um recurso criativo da língua, pode tornar práticas pedagógicas e tradutórias mais conscientes e críticas, bem como evitar reducionismos e enriquecer os processos de ensino-aprendizagem. Além disso, a pesquisa oferece subsídios para a elaboração de materiais lexicográficos - como dicionários e glossários - mais sensíveis à polissemia e à homonímia. Isso contribui para ampliar a acessibilidade e a qualidade das descrições linguísticas disponíveis para a comunidade surda e os profissionais da área.

A investigação também reafirma o estatuto linguístico pleno da Libras, demonstra sua capacidade de expressar metáforas, abstrações e sentidos múltiplos, o que desconstrói visões reducionistas que a limitam a uma língua estritamente concreta ou icônica. Ao serem descritos mecanismos internos de significação e evidenciada a produtividade semântica dos sinais, esta tese reforça a Libras como objeto legítimo de pesquisa acadêmica e como patrimônio cultural imaterial da comunidade surda brasileira.

As perspectivas futuras incluem a ampliação da análise para um número maior de sinais, o aprofundamento da investigação dos marcadores não manuais como potenciais fatores de desambiguação, o diálogo mais estreito com aportes da linguística cognitiva e da pragmática visual, bem como a exploração da ambiguidade em sinais de nome e topônimos. Há também espaço para o desenvolvimento de glossários fonossemânticos e de ferramentas tecnológicas que incorporem a multimodalidade da Libras, como softwares de análise lexical e recursos de tradução automática mais sensíveis ao funcionamento da língua.

Assim, este trabalho se insere em um campo em expansão, ao mesmo tempo em que contribui para consolidar a semântica lexical em Libras como uma área de investigação de grande potencial. Ao demonstrar que a ambiguidade lexical é um traço constitutivo, criativo e produtivo da Libras, a pesquisa reafirma a língua de sinais como espaço legítimo de análise linguística e como instrumento de afirmação identitária e de fortalecimento dos direitos linguísticos da comunidade surda no Brasil. Dessa forma, esta tese não apenas avança na descrição científica da Libras, mas também reforça sua centralidade nos debates sobre diversidade linguística, inclusão e cidadania.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, J. C. **A polissemia e a homonímia na perspectiva lexical: fundamentos e aplicações**. São Paulo: Cortez, 2019.
- BIDARRA, J. **First steps towards a bilingual parallel corpus geared to the treatment of lexical ambiguity on the interface Portuguese - Libras**. Cafajeste. Trad., Florianópolis, v. 35, nº 1, p. 225-250, jan-jun/2015.
- BIDARRA, J. **O Léxico no Processamento da Linguagem Natural**. Cascavel: Edunioeste, 2004.
- CANÇADO, M. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CRASBORN, O. et al. ELAN: a professional framework for multimodality research. In: **Proceedings of LREC 2012**. Istanbul, 2012.
- CRASBORN, O.; BANK, R.; SCHNEIDER, R. The Global Signbank: lexicon data for sign language research. In: **LREC 2018**. Miyazaki, Japão: ELRA, 2018.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistic**. CUP, 2004, 356.p.
- CRUSE, D. A. **A Glossary of Semantics and Pragmatics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006. 250 p. Disponível em: https://faculty.ksu.edu.sa/sites/default/files/1403178628.0842a_glossary_of_semantics_and_pragmatics.pdf. Acesso em: 14 jul. 2023.
- CRUSE, D. A. **Lexical semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- CRUSE, D. A. **Meaning in language**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- ELAN (Versão 6.5) [Software de computador]. (2023). Nijmegen: Instituto Max Planck de Psicolinguística, **The Language Archive**. Retirado de <https://archive.mpi.nl/tla/elan>
- EMMOREY, K. Do signers gesture? In: Messing, L. S.; Campbell, R. (eds.). **Gesture, speech, and sign**. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 133-159.
- ESPINAL, M. T. *et al.* **Semántica**. 1 ed. Madrid (ES), 2014. 352 p.
- FENLON, *et al.* Building BSL SignBank: The Lemma Dilemma Revisited. **International Journal of Lexicography**, v. 28, n. 2, p. 169-206, jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/ijl/ecv008>. Acesso em: 21 jun. 2023.
- JOHNSTON, T. A. From Archive to Corpus: Transcription and Annotation in the Creation of Signed Language Corpora. **International Journal of Corpus Linguistics**, v. 15, n. 1, p. 104-129, 2010.
- JOHNSTON, T. A. Transcription and glossing of sign language texts: examples from AUSLAN (Australian Sign Language). **International Journal of Sign Linguistics**.

Multilingual Matters, v. 2:1, 1991.

JOHNSTON, T. A.; SCHEMBRI, A. **Australian Sign Language**: Auslan: an introduction to sign language linguistics, 2007.

JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. On Defining Lexeme in Signed Language. **SignLanguage & Linguistics**, v. 2, n. 2, p. 115–185, 1999.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2002. (Original: LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.)

LANGACKER, Ronald W. **Concept, image and symbol**: the cognitive basis of grammar. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of Cognitive Grammar**: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, v. 1, 1987.

LEITE, T. de A. Semântica lexical da Libras: considerações sobre o significado e a polissemia. **Cadernos de Tradução**, v. 40, n. 3, p. 1–18, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/79255>. Acesso em: 26 jun. 2025.

LYONS, J. **Semantics**. Volumes. 1 and 2. London: Cambridge University Press, 1996[1977].

LYONS, John. **Linguagem e linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MARTINS, T. A. **Um estudo descritivo sobre as manifestações de ambiguidade lexical em Libras**. Dissertação (Mestrado em Letras), 158f. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2013.

MARTINS, T. A.; NANTES, J. M. **O estado da arte da Semântica Lexical da Libras**: perspectivas atuais. In: CONSTÂNCIO, R. F. J.; NANTES, J. M.; ROCHA, E. M. (Org.) *Libras: estudos linguísticos e culturais*. Curitiba: CRV, 2021. p. 55-70.

MEIR, Irit. Iconicity and metaphor: constraints on metaphorical extension of iconic forms. **Language**, v. 86, n. 4, p. 865–896, 2010.

PFAU, Roland; STEINBACH, Markus. Modality-independent and modality-specific aspects of grammaticalization in sign languages. **Linguistics in Potsdam**, v.24, Potsdam: Universitätsverlag, 2006.

PFAU, Roland; STEINBACH, Markus. Grammaticalization in sign languages. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (org.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 681–693.

PIETROFORTE, A. V. S.; LOPES, I.C. Semântica lexical. Forin, J. L. (Org.) **Introdução à linguística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2004.

POLGUÈRE, A. **Lexicologia e Semântica Lexical: noções fundamentais**. Tradutora: Abreu, Pereira de. São Paulo: Contexto, 2018.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologie et sémantique lexicale: notions fondamentales**. 3. éd. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 2016.

QUADROS, R. M. et al. **Identificador de sinais da Libras**. Florianópolis: UFSC, 2014.

QUADROS, R. M. Línguas de sinais: abordagens teóricas e aplicadas a transcrição de textos do Corpus de Libras. **Revista Leitura**, v. 1, n. 57, p. 8-34, jan./jun., 2016.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

QUADROS, R. M.; KRUSSE, R. S.; SAITO, D. S. Libras Portal: a way of documentation, a way of sharing. In: **Proceedings of the 10th workshop on the representation and processing of sign languages**. Marseille: LREC, 2022.

QUADROS, R. M. de; NEVES, B. C.; LOHN, J. T.; SCHMITT, D. Inventário da Língua Brasileira de Sinais. In: OLIVEIRA, Gilvan Müller de; RODRIGUES, Luana Ferreira (org.). **Atas do VIII Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas**. Florianópolis: UFSC; AUGM – Núcleo Educação para a Integração, 2017. p. 55–63.

QUADROS, R. M. de; NEVES, L. F. da S.; LOHN, S. A. N.; SCHMITT, D. **Ética nas pesquisas com línguas de sinais**. Porto Alegre: UFRGS, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/libras/wp-content/uploads/2021/03/CartilhaEtica.pdf>. Acesso em: 15 jul., 2025.

QUER, J.; STEINBACH, M. Ambiguities in sign languages. **The Linguistic Review**, v. 32, p. 143-165, 2015.

RECH, G. C.; SELL, F. S. F. **Nomes próprios de pessoa em línguas de sinais: uma discussão acerca das nomenclaturas adotadas**. GTLex, Uberlândia, v. 9, e0915, 2023/2024. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/Lex-v9a2023/24-15>. Acesso em: 28 jun., 2025.

REHFELDT, G. K. **Polissemia e Campo Semântico: estudo aplicado aos verbos de movimento**. Porto Alegre, EDURGS/FAPA/FAPCCA, 1980.

REY-DEBOVE, J. **Léxico e dicionário**. Trad. de Clóvis Barleta de Moraes. Alfa, São Paulo, n 28 (Supl.), p. 45-69, 1984.

RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 1, n. 44, p. 111–129, 2018. DOI: 10.18309/anp.v1i44.1146. Disponível em:

<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1146>. Acesso em: 22 jun., 2023.

ROSA, K. A. V. **O impacto da ocorrência de palavras ambíguas em português no processo tradutório para Libras via glosas: em debate a palavra “estado”**. 2014, 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – [Programa de Pós-Graduação em ??????](#) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel (PR), 2014.

SILVA, A. S. **O Mundo dos Sentidos em Português: polissemia, semântica e cognição**. Coimbra: Ed. Almedina, 2006.

SOARES, C. P. **Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB: um estudo sincrônico de homonímia**. 2013, 136f. Dissertação (Mestrado em Linguística), [Programa de Pós-Graduação em ??????](#) da Universidade de Brasília, Brasília.

SOUZA JUNIOR, J. E. G. de. **Toponímia em Libras: estudo do nome de cidades e estados brasileiros a partir da variação linguística de surdos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), [Programa de Pós-Graduação em ??????](#) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012, 346 f. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/13520>. Acesso em: 28 jun., 2025.

SPREAD THE SIGN. **Dicionário internacional de línguas de sinais**. Disponível em: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/>. Acesso em: 9 jul. 2025.

STUMPF, M. R. et al. Anotação linguística em Libras com ELAN: diretrizes e reflexões metodológicas. **Revista Cadernos de Linguística**, v. 3, n. 2, 2021.

TAUB, S. F. **Language from the body: Iconicity and metaphor in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ULLMANN, S. **Semantics: an introduction to the science of meaning**. Oxford: B. Blackwell, 1964[1962]. Disponível em: <https://archive.org/details/semanticsintrodu0000ullm/page/n295/mode/2up>. Acesso em: 14 jul. 23.

WILCOX, Sherman. Cognitive iconicity: conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. **Cognitive Linguistics**, v. 15, n. 2, p. 119–147, 2004.

ZAVAGLIA, C. Ambigüidade Gerada Pela Homonímia: revisitação teórica, linhas limítrofes com a polissemia e proposta de critérios distintivos. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 19, n. 2, p. 237-266, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502003000200001>. Acesso em: 14 jul., 2023.

ABRAMOVA, E.; FERNÁNDEZ, R.; SANGATI, F. Automatic labeling of phonesthetic senses. **Proceedings of the 10th International Conference on Computational Semantics (IWCS 2013)**, Potsdam, 2013.

BERGEN, B. K. The psychological reality of phonaesthemes. **Language**, v. 80, n. 2, p. 290-311, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1353/lan.2004.0056>

FIRTH, J. R. Speech. In: PALMER, H. E. (org.). **The Tongues of men and speech**. London: Oxford University Press, 1930. p. 183-200.

SMITH, C. A. Are phonesthemes evidence of a sublexical organising layer in the structure of the lexicon? Testing the OED analysis of two phonesthemes with a corpus study of collocational behaviour of sw- and fl- words in the OEC. In: KLOSA-KÜCKELHAUS, Annette; ENGELBERG, Stefan; MÖHRS, Christine; STORJOHANN, Petra (eds.). **Dictionaries and Society: Proceedings of the XX EURALEX International Congress**. Mannheim: IDS-Verlag, 2022, p. 273-294.